

**CLÁUDIA ANDREA ROST**

***OLHA e VEJA: multifuncionalidade e variação***

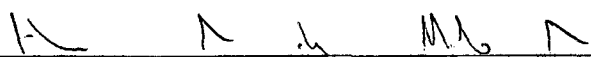
**Dissertação apresentada ao Curso de  
Pós-Graduação em Lingüística da  
Universidade Federal de Santa Catarina  
como requisito à obtenção do título de  
Mestre em Lingüística.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edair Maria Görski**

**FLORIANÓPOLIS  
2002**

## **OLHA E VEJA: multifuncionalidade e variação**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Linguística e aprovada em sua fase final pelo Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

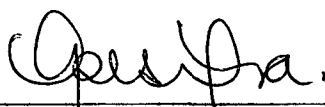


Coordenador: Prof<sup>o</sup> Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura

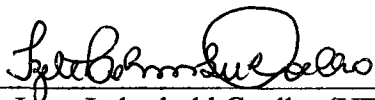
### **Banca Examinadora:**



Prof<sup>a</sup> Dra. Edair Maria Görski (UFSC)  
(Orientadora)



Prof<sup>a</sup> Dra. Odete Pereira da Silva Menon (UFPR)



Prof<sup>a</sup> Dra. Izete Lehmkuhl Coelho (UFSC)

Prof<sup>a</sup> Dra. Loni Grimm Cabral (UFSC)

## AGRADECIMENTOS

---

À professora Edair Görski, pelo privilégio de receber sua dedicada orientação, pelo apoio, pelo incentivo, pelas leituras e sugestões, no decorrer deste trabalho;

À professora Leda Bisol – em especial – pela apresentação do mundo da Sociolinguística durante o período em que fui pesquisadora de Iniciação Científica na PUCRS;

Às professoras Odete Pereira da Silva Menon (UFPR), Loni Grimm Cabral (UFSC) e Izete Lehmkuhl Coelho (UFSC), pelas importantes sugestões dadas;

Às amigas via Pós-Graduação em Linguística, Adriana Fischer, Adriana Gibbon, Alice, Carla, Diane, Íria, Marisa e Otília, pelo carinho e acolhida em Florianópolis;

À bolsista do Projeto VARSUL, Simone, pela dedicação quando solicitada;

Às amigas Eleandra – em especial, por ter me encorajado a fazer a prova de seleção – Cláudia, Eliane, Luciana, Luciane, Márcia e Neide, pelo carinho;

À minha família tricolor e aos agregados colorados, pela torcida de sempre;

Ao Denis, meu amor, pelo apoio e incentivo na reta final;

Ao CNPQ, pelo apoio financeiro;

A Deus.

AGRADEÇO.

# SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	v
LISTA DE FIGURAS	vii
LISTA DE TABELAS	vii
LISTA DE GRÁFICOS	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT	x
1 INTRODUÇÃO	1
2 ORIGEM E POTENCIALIDADES SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS DE <i>OLHA</i> E <i>VEJA</i>	3
2.1 UM OUTRO <i>OLHA</i>	3
2.2 UM OUTRO <i>VER</i>	7
2.3 ATOS DE FALA	11
2.3.1 O imperativo em português	13
2.3.1.1 A visão das gramáticas normativas	14
2.3.1.2 Os estudos de Faraco e de Scherre	15
2.4 RECORTANDO O OBJETO DE ESTUDO	19
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
3.1 O FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO	21
3.1.1 As funções da linguagem	22
3.1.2 O princípio meta-icônico da marcação	24
3.1.3 A mudança lingüística	25
3.1.3.1 Gramaticalização e discursivização	25
3.1.3.2 Um ou dois processos de mudança?	29
3.2 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA	31
3.2.1 A metodologia de pesquisa variacionista	33
3.2.1.1 Os níveis lingüísticos de variação	34
3.2.2 A variação dos fenômenos discursivos	35
3.3 OS MARCADORES DISCURSIVOS	36
3.3.1 Caracterização geral	36
3.3.2 A multifuncionalidade	39

3.3.2.1 A identificação das funções da linguagem para os itens <i>olha</i> e <i>veja</i>	40
3.4 A GRAMATICALIZAÇÃO E A VARIAÇÃO	41
<b>4 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES</b>	43
4.1 OBJETIVOS	43
4.1.1 Objetivo geral	43
4.1.2 Objetivos específicos	43
4.2 QUESTÕES E HIPÓTESES	44
<b>5 METODOLOGIA</b>	47
5.1 A ANÁLISE QUALITATIVA E QUANTITATIVA	47
5.2 DELIMITAÇÃO DA VARIÁVEL: ALGUMAS RESTRIÇÕES	47
5.3 O <i>CORPUS</i>	49
5.4 A VARIÁVEL DEPENDENTE E AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES	51
5.5 O TRATAMENTO DOS DADOS	53
<b>6 O CARÁTER MULTIFUNCIONAL DOS ITENS <i>OLHA</i> E <i>VEJA</i></b>	55
6.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ITENS <i>OLHA</i> E <i>VEJA</i>	55
6.1.1 A <i>propriedade de chamada da atenção do ouvinte</i>	57
6.2 AS MACROFUNÇÕES E FUNÇÕES DOS ITENS <i>OLHA</i> E <i>VEJA</i>	60
6.2.1 A macrofunção articuladora interacional	60
6.2.1.1 A função de advertência	60
6.2.1.2 A função interjetiva	61
6.2.1.3 A função atenuadora	62
6.2.1.4 A função de planejamento verbal	63
6.2.1.5 A função prefaciadora	65
6.2.2 A macrofunção articuladora interacional	67
6.2.2.1 A função retórica	68
6.2.2.2 A função exemplificativa	69
6.2.2.3 A função causal	70
6.2.2.4 A função concessiva	71
6.3 CONCLUSÕES PARCIAIS	72
<b>7 FUNCIONAMENTO DE <i>OLHA</i> E <i>VEJA</i></b>	75
7.1 PRELIMINARES	75
7.2 IDENTIFICANDO O GRUPO DE FATORES CONDICIONADORES	76
7.2.1 Os condicionadores lingüísticos	76

7.2.1.1 <i>Olha e veja</i> e a morfologia/sintaxe frasal	78
7.2.1.1.1 Apresentação formal dos itens <i>olha</i> e <i>veja</i>	79
7.2.1.1.2 Presença/ausência de pronome junto a <i>olha</i> e <i>veja</i>	83
7.2.1.1.3 Relação sintática de <i>olha</i> e <i>veja</i> com a estrutura oracional	88
7.2.1.1.4 Posição na frase	91
7.2.1.1.5 Aplicação do Princípio da Marcação para os itens <i>olha</i> e <i>veja</i>	94
7.2.1.2 <i>Olha</i> e <i>veja</i> e o contexto discursivo	96
7.2.1.2.1 Macrofunções e funções semântico-discursivas	96
7.2.1.2.2 Tipo de seqüência discursiva	101
7.2.1.3 <i>Olha</i> e <i>veja</i> e seus aspectos circundantes	107
7.2.1.3.1 Coocorrência	107
7.2.1.3.2 Pausa	112
7.2.2 Os condicionadores sociais	114
7.2.2.1 Cidade	115
7.2.2.2 Sexo	117
7.2.2.3 Idade	119
7.2.2.4 Escolaridade	122
7.2.2.5 Informantes	124
7.3 CONCLUSÕES: GRUPOS DE FATORES LINGÜÍSTICOS E SOCIAIS	127
<b>8 TRAJETÓRIA DE OLHA E VEJA</b>	131
8.1 OS PERCURSOS DE <i>OLHA</i> E <i>VEJA</i> : CARACTERÍSTICAS COMUNS	131
8.1.1 O percurso de <i>olha</i>	133
8.1.2 O percurso de <i>veja</i>	137
8.2 <i>OLHA</i> E <i>VEJA</i> : PROVÁVEIS RUMOS	141
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	143
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	146

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 -	DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR CAPITAL _____	51
QUADRO 2 -	DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES DE FLORIANÓPOLIS _____	51
QUADRO 3 -	MULTIFUNCIONALIDADE DE <i>OLHA</i> E <i>VEJA</i> _____	74
QUADRO 4 -	DISTRIBUIÇÃO DAS VARIÁVEIS CONTROLADAS PARA A ESCOLHA DE <i>OLHA</i> E <i>VEJA</i> _____	77
QUADRO 5 -	APLICAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE MARCAÇÃO PARA <i>OLHA</i> E <i>VEJA</i> _____	96
QUADRO 6 -	GRUPOS DE FATORES MAIS SIGNIFICATIVOS PARA <i>OLHA</i> POR CIDADE _____	130

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	LOCALIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS INCLUÍDOS NO BANCO DE DADOS VARSUL _____	50
FIGURA 2 -	O PERCURSO DE <i>OLHA</i> _____	136
FIGURA 3 -	O PERCURSO DE <i>VEJA</i> _____	140

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 -	FREQÜÊNCIA DAS FORMAS DE REALIZAÇÃO DE <i>OLHA</i> POR CIDADE _____	81
TABELA 2 -	FREQÜÊNCIA DAS FORMAS DE REALIZAÇÃO DE <i>VEJA</i> POR CIDADE _____	81
TABELA 3 -	FREQÜÊNCIA DE PRONOMES JUNTO A <i>OLHA</i> E <i>VEJA</i> POR CIDADE _____	86
TABELA 4 -	CRUZAMENTO ENTRE FORMA DE APRESENTAÇÃO DOS ITENS E AUSÊNCIA/PRESENÇA DE PRONOME _____	87
TABELA 5 -	INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO SINTÁTICA SOBRE O USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i> _____	89
TABELA 6 -	INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO SINTÁTICA NO USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i> POR CAPITAL _____	90
TABELA 7 -	INFLUÊNCIA DA POSIÇÃO NO USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i> _____	93
TABELA 8 -	INFLUÊNCIA DA POSIÇÃO NO USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i> POR CAPITAL _____	94
TABELA 9 -	INFLUÊNCIA DAS FUNÇÕES NO USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i> _____	98
TABELA 10 -	INFLUÊNCIA DAS MACROFUNÇÕES NO USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i> _____	100
TABELA 11 -	INFLUÊNCIA DAS FUNÇÕES NO USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i> POR CAPITAL _____	100
TABELA 12 -	INFLUÊNCIA DO TIPO DE SEQUÊNCIA DISCURSIVA NO USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i> _____	104
TABELA 13 -	INFLUÊNCIA DO CONTEXTO AVALIATIVO SOBRE O USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i> _____	105

TABELA 14 - CRUZAMENTO ENTRE <i>FUNÇÕES DISCURSIVAS</i> E <i>TIPO DE SEQUÊNCIA DISCURSIVA</i> PARA <i>OLHA</i>	106
TABELA 15 - INFLUÊNCIA DO <i>TIPO DE SEQUÊNCIA DISCURSIVA</i> NO USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i> POR CAPITAL	107
TABELA 16 - INFLUÊNCIA DA <i>COOCORRÊNCIA</i> NO USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i>	110
TABELA 17 - INFLUÊNCIA DA VARIÁVEL <i>COOCORRÊNCIA</i> NO USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i>	111
TABELA 18 - PESOS RELATIVOS EM CADA NÍVEL DE SELEÇÃO PARA OS FATORES DA VARIÁVEL <i>COOCORRÊNCIA</i>	111
TABELA 19 - INFLUÊNCIA DA VARIÁVEL <i>PAUSA</i> NO USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i>	113
TABELA 20 - INFLUÊNCIA DA VARIÁVEL <i>PAUSA</i> NO USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i> POR CAPITAL	114
TABELA 21 - ATUAÇÃO DA VARIÁVEL <i>CIDADE</i> NA ESCOLHA DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i>	116
TABELA 22 - INFLUÊNCIA DO <i>SEXO</i> NO USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i>	118
TABELA 23 - INFLUÊNCIA DO <i>SEXO</i> NO USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i> POR CAPITAL	119
TABELA 24 - INFLUÊNCIA DA <i>IDADE</i> NO USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i>	120
TABELA 25 - INFLUÊNCIA DA VARIÁVEL <i>IDADE</i> NO USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i> POR CAPITAL	120
TABELA 26 - ATUAÇÃO DA VARIÁVEL <i>ESCOLARIDADE</i> NA ESCOLHA DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i>	123
TABELA 27 - INFLUÊNCIA DA VARIÁVEL <i>ESCOLARIDADE</i> NO USO DE <i>OLHA</i> EM OPOSIÇÃO A <i>VEJA</i> POR CAPITAL	124
TABELA 28 - ATUAÇÃO DOS <i>INFORMANTES</i> DE CURITIBA NA ESCOLHA DE <i>OLHA</i> E <i>VEJA</i>	125
TABELA 29 - ATUAÇÃO DOS <i>INFORMANTES</i> DE PORTO ALEGRE NA ESCOLHA DE <i>OLHA</i> E <i>VEJA</i>	126
TABELA 30 - ATUAÇÃO DOS <i>INFORMANTES</i> DE FLORIANÓPOLIS NA ESCOLHA DE <i>OLHA</i> E <i>VEJA</i>	127

## LISTA DE GRÁFICOS

GRAFICO 1 - ATUAÇÃO DA VARIÁVEL <i>IDADE</i> NA ESCOLHA DE <i>OLHA</i> E <i>VEJA</i> EM FLORIANÓPOLIS 2	121
---	-----



## RESUMO

Nesta pesquisa, apoiando-nos nos pressupostos teóricos do Funcionalismo Lingüístico e da Teoria Variacionista, descrevemos o comportamento dos itens **olha** e **veja** em seus contextos de atuação. Para isso, utilizamos dados de fala de informantes das três capitais da região Sul do Brasil, com base numa amostra extraída do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul).

Dividimos esta dissertação em dois momentos: num primeiro, mostramos as funções compartilhadas pelos contextos em que os itens se manifestam; num segundo, restringindo a propriedade comum dos itens de chamada da atenção do ouvinte ao contexto discursivo/textual, dispensamos ao objeto de estudo um tratamento variacionista. Nesse caso, esses elementos atuam como marcadores discursivos.

A partir da identificação dos fatores lingüísticos e extralingüísticos mais favorecedores aos elementos em estudo, apontamos, segundo a direção ideacional > interpessoal > textual, prováveis rumos que cada um dos itens passou até seu uso como marcador discursivo. Através dos resultados estatísticos obtidos, percebemos que **olha** encontra-se em estágio mais avançado de mudança em virtude de, gradativamente, estar perdendo suas marcas de estatuto verbal e assumindo valores pragmáticos discursivos, ao passo que o item **veja** parece estar mais preso a seus traços verbais, revelando-se num estágio anterior de mudança em relação a **olha**.

## ABSTRACT

Through the combination of theoretical presuppositions of Linguistic Functionalism and of Variacionist Theory, we describe the behavior of the items **olha** and **veja** in their contexts of use. Our data come from VARSUL Project. We make use of speech data representative of the three South Brazil's capitals.

This research has two steps. Firstly, we show the functions shared by the contexts in which the items under study appear. Secondly, we define the request of listener's attention to the discursive context as the common property of **olha** and **veja** and we take this function as dependent variable, submitting it to a variacionist treatment. That is, our variable is the discursive marker use of **olha** and **veja**.

We identify the main linguistic and social variable constraining the items under study. Inferences derived from these constrains added to the ideational > interpersonal > textual trajectory proposal permit us to trace possible paths followed by each item to the use as discursive markers. From the statistics results, we obtain evidence that **olha** is on a more advanced stage of change, since it is gradually losing its verbal features to assume discursive-pragmatic values. Unlike, **veja** seems retain some of its verbal features, standing on an earlier stage of change.

# 1 INTRODUÇÃO

---

Nesta dissertação, analisamos o comportamento dos itens *olha* e *veja* na fala de 84 informantes das três capitais do Sul do Brasil – Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis –, considerando-se a estratificação social idade, sexo, escolaridade e cidade.

Essas formas correspondentes a segunda pessoa do discurso do modo imperativo têm em comum a *propriedade de chamada da atenção do ouvinte*, que é evidenciada nos seus contextos de uso. Verificamos, entretanto, que esses elementos alteram seu significado de percepção física, num primeiro momento, para percepção cognitiva, num segundo, derivando deste um sentido pragmático, centrado no texto do falante, isto é, chamando a atenção do ouvinte para a informação a ser fornecida pelo falante.

Baseando-nos nesse traço comum de percepção e para proceder a uma investigação a mais abrangente possível, realizamos dois tipos de análise: uma qualitativa e uma quantitativa. Na primeira, com apoio teórico do Funcionalismo Lingüístico, tentamos levantar a multifuncionalidade de contextos em que *olha* e *veja* atuam e, assim, traçar, a partir dos significados dos verbos de origem, as prováveis trajetórias de mudança pelas quais cada um dos itens passou até seu uso como marcador discursivo. Na segunda, respaldados pelos pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança, focalizaremos a atuação desses dois elementos no contexto discursivo/textual, a fim de verificar o funcionamento de cada item como variante de uma mesma variável. Definida a regra variável e selecionadas as variantes, pretendemos identificar que contextos são mais favorecedores a cada um dos elementos sob análise.

A partir desse olhar analítico bipartido, organizamos esta dissertação em sete capítulos, assim definidos:

No primeiro, com base na bibliografia disponível sobre os itens *olha* e *veja*, descrevemos a origem e potencialidade semântico-pragmática de cada elemento, desde sua base verbal como item lexical pleno, realizado via ato de fala manipulativo, até seu comportamento como marcador discursivo, quando apresenta um enfraquecimento da força imperativa prototípica, estando mais associado a sentidos abstratos e pragmáticos.

No segundo capítulo, apresentamos as duas perspectivas teóricas em que esta pesquisa se insere: a primeira, do Funcionalismo Lingüístico, postulado especialmente por Givón (1993, 1995), Heine e outros (1991), Traugott e Heine (1991), Hopper e Traugott (1993) e

Vincent e outros (1993), e a segunda, da Teoria Variacionista, conforme formulada por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 1978, 1994). Além disso, realizamos, nesse capítulo, uma breve revisão bibliográfica acerca dos marcadores discursivos, no âmbito dos quais se inclui nosso objeto de estudo.

No terceiro capítulo, propomos os objetivos e lançamos as questões e hipóteses que emergem deste trabalho.

O quarto capítulo é dedicado à descrição da abordagem metodológica utilizada juntamente com a delimitação das variantes, excluindo-se restrições de naturezas diversas que possam limitar possíveis formas concorrentes à variação, além de especificarmos, brevemente, os grupos de fatores condicionadores a serem testados. Realizamos ainda, nesse capítulo, uma caracterização do *corpus* selecionado para esta pesquisa e do programa estatístico VARBRUL 2S (PINTZUK, 1988).

No quinto capítulo, retomamos e aprofundamos a discussão sobre os marcadores discursivos já esboçada no capítulo II, bem como realizamos um levantamento das funções discursivas assumidas pelos itens *olha* e *veja* no contexto de uso dessas formas, tomando como referência estudos descritivos do português. Esses textos, todavia, deixam antever que há funções mais específicas, ora mais interacionais, ora mais sequenciais, ora ambas simultaneamente, relacionadas à propriedade geral, as quais são determinadas por pressões contextuais, nascidas do próprio andamento das relações discursivas (cf. RISSO, 1999, p.271).

No sexto capítulo, descrevemos os procedimentos pertinentes às rodadas estatísticas, listamos os prováveis grupos de fatores de natureza lingüística e extralingüística, caracterizando-os e apresentando suas hipóteses mais específicas, seguindo-se à discussão dos resultados percentuais e/ou probabilísticos que ajudam a delinear a configuração contextual de atuação de cada item. Além disso, testamos a aplicação da hipótese geral do princípio da marcação para *olha* e *veja* e tecemos, no final desse capítulo, algumas conclusões parciais a respeito das variáveis lingüísticas e sociais.

No sétimo e último capítulo, objetivamos retomar brevemente, a partir dos significados dos verbos de origem e dos contextos de uso identificados em nosso *corpus*, as prováveis trajetórias pelas quais cada um dos itens em análise passou até seu funcionamento como marcador discursivo. Com base nos resultados estatísticos obtidos no capítulo VI, pretende-se verificar o estágio de mudança em que se encontram os itens *olha* e *veja* e, se possível, apontarmos um provável rumo que cada elemento tende a seguir.

## 2 ORIGEM E POTENCIALIDADES SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS DE *OLHA* E *VEJA*

---

Neste capítulo inicial, sem comprometimento com uma análise diacrônica, tratamos da origem verbal de *olhar* e *ver*. A partir do traço comum de percepção que os caracteriza, focalizamos como objeto de estudo as formas *olha* e *veja*<sup>1</sup>, correspondentes a segunda pessoa do discurso do modo imperativo. Essas formas, inicialmente relacionadas a atos de fala manipulativos, ao longo do tempo, têm apresentado variações semânticas em diferentes contextos, assumindo funções pragmáticas que auxiliam a organização do discurso<sup>2</sup>.

Nas duas seções iniciais, evidenciamos a base verbal dos itens *olha* e *veja* e as potencialidades semânticas e pragmáticas que esses elementos lingüísticos tornam possíveis no discurso oral. Os contextos de uso dessas formas revelam que tais unidades alteram seu significado de percepção física, numa primeira fase, para percepção mental, numa segunda, derivando desta um sentido pragmático, centrado no texto, isto é, chamando a atenção do ouvinte para o texto (Cf. RISSO, 1999, p. 270).

Na terceira seção, para uma contextualização mais ampla do fenômeno em estudo, valemo-nos dos conceitos de Searle (1981) e Givón (1995) sobre atos de fala, além de tecermos algumas considerações sobre o imperativo no português do Brasil a partir de alguns gramáticos normativos e de trabalhos realizados por Faraco (1986) e Scherre e outros (2000) sobre o uso variável do imperativo.

Na última seção, apresentamos o recorte do objeto em estudo.

### 2.1 UM OUTRO *OLHAR*

O verbo *olhar* vem do latim *oculare*, cujo sentido original era, segundo alguns dicionários (TORRINHA, 1942; FARIA, 1975; NASCENTES, 1988), *dar vista*. Em língua portuguesa, os dicionários (FERREIRA, 1986; NASCENTES, obra citada; MICHAELIS,

---

<sup>1</sup> As formas *olha* e *veja* foram as escolhidas para representar as duas variantes em estudo. A primeira recobre as realizações *olha* ~ *olhe* ~ [ɔya] ~ [ɔy] ~ [ɔ] ~ [ɔ], e a segunda, *veja* ~ *vês* ~ *vê*. Esses símbolos fonéticos estão registrados em Knies e Costa (1996, p. 72).

<sup>2</sup> Esta dissertação compõe o projeto integrado *Gramaticalização e Discursivização de itens de base verbal e adverbial: funções e formas concorrentes*. Sob a coordenação da Profª. Dra. Edair Maria Görski, esse projeto conta com trabalhos concluídos e em andamento das seguintes pesquisadoras: TAVARES, Maria Alice. *Um estudo variacionista de aí, daí, então e e como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*, 1999. [Dissertação de Mestrado]

1998) registram que **olhar** entra com esse mesmo sentido e significa *fitar os olhos em, mirar*, como em:

- (1) No Sábado à tarde veio o japonês. Sorridente, manciroso, olha para tudo esquivamente. (Hernâni Donato)<sup>3</sup>

Esse uso de **olha** refere-se a uma situação contextual concreta, sendo típico da modalidade escrita e falada.

Vejamos o exemplo a seguir que retiramos de nossa amostra e que mantém sua significação original:

- (2) F: [Hoje] hoje [me dizem] dizem assim pra gente: "Ah! Mas você é um homem feliz, você mora [numa] num lugar nobre." Eu digo: "Sim. Eu moro num lugar nobre, mas eu nasci [no] no meio da capoeira, né?"<sup>4</sup>  
 E: É sim. E [aqui] aqui pra trás, o que que é aqui [tem lotes].  
 F: [Aqui embaixo tem lotes, lote]. Aqui tem umas casas grandes, aqui **olhe**, tem casas grandes ali pra baixo tudo. Aqui está tudo dividido, tudo loteado esse terreno. (CTB 23 L. 194)<sup>5</sup>

No exemplo (2), é possível percebermos a explícita remissão do falante ao ouvinte, já que o emissor emprega a forma **olhe** com o objetivo de induzir o interlocutor a cumprir uma ação indicada pelo verbo, ou seja, que “mire/fitte os olhos” em direção às casas, ao loteamento. Nesse caso, o item caracteriza o tipo de ato de fala que o falante deseja desempenhar, isto é, um ato de fala ‘diretivo’ que, segundo Searle (1981), consiste numa tentativa de levar o ouvinte a fazer algo. Givón (1995) denomina ‘manipulativo’ o mesmo ato de fala usado para extrair um tipo de resposta não-verbal do ouvinte, isto é, uma ação. Na seção 2.3, retomamos mais detalhadamente a questão sobre atos de fala.

---

DAL MAGO, Diane. *Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização*, 2001. [Dissertação de Mestrado]

VALLE, Carla R. M. *Sabe? ~ Não tem? ~ Entende?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo*, 2001. [Dissertação de Mestrado]

GASPARINI, Madelaine. *Assim se fala, assim se escreve*, 2001. [Dissertação de Mestrado]

FREITAG, Raquel Ko. *Variação e mudança na categoria dos modalizadores epistêmicos: eu acho que e parece que*. [Dissertação de Mestrado em andamento]

<sup>3</sup> O exemplo (1) foi retirado do *Dicionário de Língua Portuguesa Michaelis* (op. cit., p. 1488).

<sup>4</sup> Procuramos manter em nossos exemplos a simbologia utilizada nas entrevistas do Projeto VARSUL, as quais extraímos de Knies e Costa (1996): E indica o entrevistador e F identifica o falante ou entrevistado, [n....n] sobreposição de falas, “....” citação, [...] gaguejo, repetição e correção, <....> palavra não dicionarizada, <....-> palavra interrompida ou incompleta e “:” (dois-pontos) para alongamento. Além disso, o texto é pontuado de acordo com a ortografia oficial, sendo utilizados todos os tipos de pontuação previstos. A fim de identificarmos as pausas, usamos a seguinte simbologia: a pausa breve onde a ortografia oficial prevê sinal de pontuação será marcada com “,” e a longa será identificada por “...” (reticências) antes ou após o item. Em caso de ausência de pausa, esta não terá marcação de quaisquer sinais nos trechos transcritos.

<sup>5</sup> O código que aparece no final do trecho da entrevista a identifica. Todos os exemplos com esse símbolo foram retirados das entrevistas do Projeto VARSUL que compõem esta pesquisa e são codificados, respectivamente, da seguinte forma: as primeiras letras se referem à capital (POA: Porto Alegre; FLP: Florianópolis e CTB: Curitiba); em seguida, os números que seguem são o da entrevista e o da linha onde se encontra um dos itens pesquisados.

Conforme apresentamos na introdução deste capítulo, tomaremos como foco de análise, nesta dissertação, a forma identificada como *olha* (incluindo suas alterações fonéticas) e a multiplicidade de situações em que ela ocorre. Ao observar os contextos de realização do item *olha* em nosso *corpus*, verificamos que esse elemento linguístico tende a assumir usos com diferentes graus de abstratização, isto é, de um valor mais concreto referente à percepção, passa a expressar, através de referência metafórica e metonímica, outras significações, as quais fazem parte de um significado mais abstrato (Cf. HEINE e outros, 1991).

Vejamos o exemplo (3):

(3) E: E sobre a Usina do Gasômetro. o que que tem? Quando que ela foi inaugurada? Que benefícios que ela trazia para Porto Alegre?

F: Não, quando ela foi inaugurada eu não posso te responder que eu não me lembro, sinceramente, faz muitos anos evidentemente. Posso te dizer que [era] eram as duas usinas, a elétrica e mais adiante tinha [a] o gás, o gás do gasômetro, [daí] daí é que veio o nome, né? Bom, inclusive [eu] fato interessante que ocorreu em mil novecentos e quarenta e um, quando eu tinha seis anos, mas eu me lembro como se fosse hoje, quando houve a enchente, a grande enchente de quarenta e um em Porto Alegre. Eu morava no Coliseu, vi quando [a água] a água começou a invadir aquela curva onde <fazi-> o bonde fazia a curva pra ir lá [pra] pra rua, não me recordo agora ali o nome é, não é Siqueira Campos é, a Júlio de Castilhos, né? Então o Bonde Navegantes, o Bonde São João passavam pela Voluntários e ali eles entravam e iam pro Centro até o abrigo da Praça Parobé, e ali do lado da Pracinha Osvaldo Cruz eu vi quando a água apontou, eram cinco horas da tarde quando a água começou a chegar ali, e eu saí correndo pelo edifício todo gritando: "Olha a enchente, olha a enchente, olha a enchente." É aquele escândalo, né? (POA 04 L. 421)

Em (3), a forma *olha*, também flexionada na segunda pessoa, aparentemente amplia seu sentido de base *mirar, fixar os olhos em* e passa a expressar advertência: *cuidado com*. Nesse contexto, há um enfraquecimento do ato de fala manipulativo visto que o imperativo perde parte de sua força ilocucionária prototípica.

Assim como em (2), no exemplo (3), a forma *olha* está sendo usada pelo falante com intuito de chamar a atenção do ouvinte para localizar ou atentar para algo no espaço. Em ambos os casos apresenta um estatuto verbal definido, podendo ser considerada um item lexical pleno. Todavia, contextos diversos encontrados em nossa amostra revelam que, através de expansão metafórica, o foco de atenção pode também recair sobre o próprio falante, ou melhor, sobre o texto, deixando de apontar para o ambiente situacional e diminuindo o efeito manipulativo sobre o parceiro do diálogo. Nesses contextos, o ouvinte tem sua atenção direcionada para a informação a ser provida pelo falante, conforme se observa no exemplo:

(4) E: Tânia, me diz uma coisa agora, dentro da educação, o que tu achas da língua portuguesa? O que é falar bem a língua portuguesa pra ti?

F: Olha, pra mim, eu acho assim, que falar bem a língua portuguesa. Olha, eu nem sei te explicar bem [o] a língua portuguesa, porque eu tenho tão pouco tempo de estudo, que eu nem conheço bem a língua portuguesa. (POA 12 L. 1024)

Em (4), o item *olha*, ao chamar a atenção do ouvinte, mantém traços de sentido original no que concerne à percepção e introduz um contexto que pode revelar diferentes intenções do falante: ou defesa porque não conhece bem a língua portuguesa; ou tentativa de ganhar tempo para o planejamento e a formulação de sua resposta; ou ainda, *olha* pode revelar insegurança quanto ao desenvolvimento do tema que lhe foi proposto na pergunta. Assim, a forma verbal imperativa canônica, devido a convenções culturalmente compartilhadas e implícitas de polidez, parece ser sistematicamente enfraquecida, já que cada vez mais se distancia do mundo externo para algo que faz parte do texto do falante, isto é, chamando a atenção do ouvinte para a declaração superveniente. Esse movimento mostra um duplo deslocamento: desbotamento do conteúdo semântico com ganho pragmático-discursivo e mudança gradativa do estatuto categorial – de verbo a marcador discursivo, doravante MD.

Em suma, o exemplo (4) mostra que o falante usa o item *olha*, à esquerda do núcleo da unidade discursiva (UD)<sup>6</sup>, como um meio de interagir e antecipar suas intenções com relação aos questionamentos do entrevistador. Assim sendo, esse elemento possivelmente esteja ajudando a constituir um componente da linguagem que serve para organizar tanto o mundo interno como o mundo externo do falante.

Vejamos outro exemplo que identificamos em nossa amostra:

(5) F: Eu comecei de ajudante de cozinha da minha patroa, no fogão. Daí, trabalhei com ela de ajudante [no] [no] no fogão mesmo. Ficava vermelha que nem um pimentão porque, beira de fogão, dia inteiro. né? E daí, foi indo, foi indo, eles tiveram cozinheira, daí trocavam, punham como ajudante, até que minha gerente daí me pôs nesse serviço dela. Daí ela passou fazer a escrita do restaurante e o que ela fazia ela passou pra mim. [Aí] daí, pra mim foi mais tranquilo pra sair da beira do fogão porque olhe que é um calor, né? (CTB 10 L. 1270)

Em (5), com a justaposição dos itens lingüísticos *porque olhe*, o falante parece encadear coesivamente o resultado de uma série de argumentos que estava apresentando, ao mesmo tempo que solicita a atenção do ouvinte para a situação descrita [no caso, o ‘calor’].

<sup>6</sup> A unidade discursiva (UD) é, segundo Castilho (1989, p. 253), o segmento textual caracterizado semanticamente por preservar a propriedade de coerência temática de uma unidade maior. O núcleo da UD é constituído por uma ou mais orações.



Nesse tipo de ocorrência, **olhe** aparece em posição relacional num contexto de causalidade<sup>7</sup>, contribuindo simultaneamente para a seqüenciação da fala e a chamada de atenção do ouvinte.

Do exposto até este momento, percebemos que o item **olha** apresenta ampliação de seu sentido lexical básico *fitar os olhos em, mirar*, passando de um uso concreto (percepção física) para um uso gradativamente mais abstrato (percepção mental = “prestar atenção”), e deslocamento do foco de atenção do espaço para o texto, seja introduzindo informações (abertura de turno), seja seqüenciando-as (posição relacional). Em todos os casos, mantém-se o que estamos denominando de *propriedade de chamada da atenção do ouvinte*, conforme se verá mais detalhadamente no capítulo 5.

Para finalizar esta seção inicial, além dos empregos apresentados anteriormente, é interessante incluir neste capítulo qualitativo alguns exemplos de uma expressão bastante característica da fala dos habitantes de Florianópolis, mas que, infelizmente, não foram encontradas no *corpus* que analisamos:

(6) Ó-lhó-lhó quem tai?<sup>8</sup>

(7) Tem até Gaúcho fazendo o nosso personagem – É BRINCADEIRA ÓÓ – fazer o quê? Achamos graça do BÁH TCHÊ deles: eles também acham engraçado o nosso OLHÓLHÓ! TÁS TOLO! NÃO TEM? (AMANTE, 1998 *apud* Valle, 2001, p. 08)

Tanto no *Dicionário Falar e Falares da Ilha de Santa Catarina* como em Valle (obra citada), a expressão “*olhólhó*” tem a acepção de uma espécie de admiração e é apresentada como marca característica do falar dos descendentes de açorianos de Florianópolis, mais conhecidos como manezinhos da ilha.

Alertamos o leitor de que nosso interesse nesta pesquisa restringe-se à análise dos contextos em que **olha** já tem seu sentido expandido e seu significado inicial torna-se enfraquecido como nos exemplos (4) e (5).

## 2.2 UM OUTRO VER

O verbo **ver**, originado do latim *videre*, apresentava, inicialmente, nessa língua, o sentido de *avistar, empregar vista, perceber pela vista*. Os dicionários de língua portuguesa

<sup>7</sup> Com base em Paiva (1991, p. 08), tomamos a noção de causalidade em sentido amplo, recobrando relações causais, explicativas ou conclusivas.

<sup>8</sup> O exemplo (6) foi extraído do *Dicionário Falar e Falares da Ilha de Santa Catarina*, de Alexandre (1994, p. 71).

(FERREIRA, obra citada; NASCENTES, obra citada; MICHAELIS, obra citada) também identificam que **ver**, em sua acepção mais concreta, significa *conhecer* ou *perceber pela visão*, como em:

(8) Seus olhos buscaram em torno e não a viram. (José de Alencar)<sup>9</sup>

Além do sentido de percepção, os dicionários acima citados registram nuances variadas, conforme o contexto, para o verbo **ver**: *perceber pelo sentido da vista, sentir a impressão que um objeto faz nos olhos; contemplar; observar; ser testemunha; examinar; advertir; idear, imaginar; calcular; recordar; ponderar, deduzir; antever; apreciar; visitar*.

Essa expansão de significado no uso de **ver** foi analisada em português por alguns autores, conforme apresentamos a seguir<sup>10</sup>.

Para Castilho (1997), um item como **ver olhar, perceber com os olhos** enfraquece seu sentido relacionado à percepção visual e passa a significar *saber, perceber com a razão*, e depois, *compreender*. Segundo o autor, há perda parcial do sentido original da forma sob transformação, desenvolvendo-se novos sentidos relacionados uns com os outros. De A para B, e de B para C, percebe-se um movimento que vai de um sentido básico, mais concreto, para sentidos derivados, mais abstratos, preservado o sentido de base de *captar algo*.

O exemplo abaixo evidencia a atuação abstrata de **ver**. Trata-se de um emprego ainda freqüente hoje, derivado do latim, que caracteriza a perda de parte do sentido de percepção visual e a adoção de um significado de inferência mental:

(9) *Oculos habent et non videbunt* – Têm olhos e não verão.<sup>11</sup>

Em seu estudo sobre o comportamento sintático de *saber* e *ver*, Votre (1998) revela que este último deixou de ser apenas um veículo de percepção corporal e passou a coocorrer com o processo de percepção mental, significando *notar, perceber com a mente, ter visão, compreender, ver com os olhos do espírito, julgar, determinar*. O autor constatou que **ver** tem sentido mais amplo na fase arcaica do que no português contemporâneo<sup>12</sup>. Para chegar a essa conclusão, testou, para a fase arcaica, a trajetória de abstratização de **ver** proposta para o português atual: *avistar > encontrar > visitar > sentir > perceber > conhecer*. Verificou-se

<sup>9</sup> O exemplo (7) foi retirado do *Dicionário de Língua Portuguesa Michaelis* (op. cit., p. 2188).

<sup>10</sup> Esse tipo de estudo detalhado do item não foi encontrado na literatura disponível em relação a **olhar**.

<sup>11</sup> Esse exemplo foi extraído do *Dicionário de expressões em latim usadas no Brasil*, de Jardim Jr. (1988, p. 74). São palavras do Salmo CXIII reportando-se aos ídolos pagãos.

<sup>12</sup> Votre (op. cit.) buscou evidências da trajetória de abstratização de **ver** em *corpus* do **Português Arcaico**, que reúne obras dos séculos XIII a XV, e no *corpus Discurso & Gramática* do Rio de Janeiro.

então que *ver.* no *corpus* do português contemporâneo analisado, não aparece com todos esses sentidos, restringindo-se mais à percepção corporal do que à mental. Isso não significa, salienta o autor, que, no português contemporâneo, não tenha sentidos correspondentes aos dos exemplos do português arcaico registrados em seu estudo.

Vejamos alguns exemplos que encontramos em nosso *corpus*:

(10) E: Dá pra ir qualquer um assim [ou não pode?]

F: [Dá.] Dá pra ir qualquer um tomar passe. Era uma bobagem. [O cara vai] é guri vai tudo que é lugar, né? É tudo bobagem. Depois vê que é bobagem. (POA 10 L. 1115)

(11) E: Fale da sua adolescência e da vida de adulto.

F: [Minha <adolesc->] ah! Minha infância. [Eu fui] nasci aqui em Florianópolis, me criei ali na Trindade, aí meu avô, aí os filhos foram casando e foram morando um no lado do outro, né? Então [os] começaram a surgir os primos, daí a família começou ficar é grande, mas aí então, a gente brincava só muito com os primos. Mas eram muitos, na faixa de dez, quinze crianças. E tinha espaço pra gente brincar bastante. Aqui na Trindade, onde pega a academia pra cima, aquilo tudo ali era do meu avô, pois é, como a gente tinha coisa pra brincar! [Isso, a gente] as brincadeiras não eram dessas bonecas caras, [a gente tinha] eu brincava era com brincadeira mesmo que a gente inventava, fazia bolinha de gude, barra, desses lances assim, né? E, meus tios tinham curral de porco, então a gente Foi uma época que matava, porque quando o curral ficava vazio, a gente fazia as casinhas, brincava de rolimã com os meus primos, então a minha infância é daquelas mesmo que a gente pode dizer que é uma infância sem maldade, porque, assim, não tinha maldade naquela época, como hoje que a gente vê hoje que as crianças de hoje, já tu não podes deixar muito tempo o menino brincando com a menina, né? (FLP 20 L. 27)

Tanto em (10) como em (11) vê está mais ligado a propriedades cognitivas do que visuais, visto que alarga seu sentido inicial e passa a significar *perceber com a mente*.

O processo de mudança semântica e categorial observado para *olha* também se evidencia para *veja*. Esse item, com sentido original de percepção de algo concreto, através de transferência metafórica, parece percorrer uma trajetória do “mundo físico” para o “mundo das idéias”. Nesse caminho de expansão, encontram-se contextos de uso em que se desloca o canal perceptual da “visão” para a “audição”, conforme podemos observar nos exemplos a seguir, retirados de nossa amostra:

(12) E: Cravo com "k".

F: Eu sempre vi escrito [no] pelos livros com "c", né? Canela também com "c", né? Então bota, né? Cravo e canela, né? <Bu-> uma <butique-> é cravo e canela [com] com "k". Agora o senhor pega um dia [o] está [escrevendo] [o] traduzindo o alimento que é o cravo, a canela, né? O senhor sempre vê com "c". De repente aparece um coisa lá com "k". Agora vê que esse pessoal, a gurizada de hoje que está olhando vê aquilo, aquilo [fica] está em grande e coisa cravo cravo e canela. E vê falando cravo e canela, cravo e canela e coisa, né? Manda escrever. Calca logo o "k". Eu acho que está

errado, né? Porque se ele vai pela gramática, pelo livro, é com "c", né? E assim tem muitas coisas assim que eles fazem as propagandas das casas e tudo botando nomes errados, né? O que não está [no] no livro, [que] que não é o certo. [Na própria] na própria televisão. Hum? Quantas coisas erradas que botam aí e que, né? Palavras, frases erradas, não sei se é pra bonito, pra chamar atenção ou o que que é, completamente Se vai escrever [o] <can-> o certo, a pessoa não sabe escrever. (POA 07 L. 1569)

(13) E: Tu estavas falando do Lula, tu votaste no Lula mas também não tinhas muita confiança nele.

F: [Não] não, eu não confiava muito nele. [Não] não sei porque ele não [me] me transmitia confiança, coisa que o Brizola sempre me transmitiu. Apesar de que muita gente diz que na época que ele era governador parece, não sei direito, que ele não fez nada e que fugiu, aquela história toda que não é do meu tempo, né? Mas a gente vê os comentários, né? Apesar disso, eu ainda achava que ele tinha um pulso forte. Eu acho que se ele ficasse no segundo com o Collor, eu acho que o Collor não tinha ganhado, tinha sido ele. (POA 12 L. 688)

O deslocamento da percepção do plano concreto espacial (com foco em algo percebido via visão/audição) para o plano abstrato ideacional (com foco em uma idéia veiculada no texto) pode ser notado nos exemplos do *corpus* transcritos abaixo:

(14) E: E é um problema sério esse do esgoto. Ainda por cima com essas doenças [agora].

F: [Pois é]. E precisava ter, né? porque veja, é dificultoso, uma pessoa quer puxar o esgoto pra rua, não pode. Tem que já fazer fossa e poço morto, que chamam, né? porque não tem encanamento de esgoto. E era tão importante ter, né? (CTB 10 L. 176)

(15) E: Porque a gente está fazendo esta entrevista com várias pessoas em vários bairros, né? e o pessoal que fala mesmo que antigamente, né? [por] <me-> por <ma-> menos que a gente estudasse, mas a escola era muito mais forte [era mais] puxava mais [pela] pela [cabeça da criança] e tal, né? Valia bem mais até do que

F: [Ah! Puxava sim.] Valia bem mais a pena estudar, né? Agora não vale a pena mais. Você manda a criança pra escola, chega lá, a professora não vem, né? Uma hora a professora não vem dar aula, outra hora tem reunião, né? outra hora por falta de material, outra hora que não sei o quê e assim vai indo, né? E as crianças passam <m-> maior parte do tempo deles em casa sem estudo, né? Você vê, então não adianta você batalhar, você sofrer pra você dar estudo pros teus filhos, né? Você faz de tudo pra dar uma coisa que você não pode. Você tira <daonde> você não tem porque você não vê um futuro mais tarde, né? (CTB 08 L. 29)

Em (14), **veja**, justaposto a **porque**, ajuda a articular os argumentos que o falante apresenta com relação aos problemas de esgoto em Curitiba, ao mesmo tempo em que chama a atenção do ouvinte. Já em (15) percebemos que **você vê** aparece junto de **então**, também num contexto de causalidade: se, na escola atual, há reuniões frequentes e também não há materiais nem professores, logo não é necessário os pais se esforçarem tanto, visto que seus filhos podem não receber uma boa formação escolar, conseqüentemente o futuro dos filhos

parece comprometido. Nesse caso, *vê* tem seu significado inicial ampliado, pois perde parte do sentido de percepção e adota um sentido de inferência mental.

Observa-se ainda que, nos exemplos (14) e (15), o item *veja* tem a conotação imperativa enfraquecida, já que o comando, em processo de transferência metafórica, dado ao ouvinte é de nível mais amplo e não tem dependência da modalidade visual, mas da mental.

Até aqui, objetivamos apresentar, brevemente, algumas evidências de que *olha* e *veja* tenham expandido seu sentido lexical original, derivando outros sentidos mais abstratos e pragmáticos, associados a uma possível mudança categorial. Nesta dissertação, entretanto, o fato de os itens terem uma propriedade comum de *chamada da atenção do ouvinte*, permite-nos, além de traçar um possível percurso de mudança semântica e categorial dos elementos, dispensar ao objeto de estudo um tratamento variacionista. O foco de análise desta pesquisa será melhor explicitado na seção 2.4 deste capítulo. No capítulo 5, apresentaremos mais detalhadamente outras funções que os elementos lingüísticos *olha* e *veja* estão adquirindo nos seus contextos de uso.

## 2.3 ATOS DE FALA

O foco principal desta seção consiste numa breve exposição dos atos de fala sob a perspectiva de Searle (1981) e Givón (1995). Todavia, considerando que atos de fala diretivos ou manipulativos envolvem construções imperativas, evidenciamos também alguns trabalhos sobre o imperativo do português do Brasil. Além disso, a fim de ajustar nosso objeto de estudo ao foco central desta seção, achamos conveniente iniciá-la com a apresentação das características que envolvem as entrevistas que constituem o banco de dados examinado.

Nas entrevistas do Projeto VARSUL, segundo Costa e Knies (1996), interagem dois ou três participantes: entrevistador (identificado como estudante universitário), entrevistado e, em muitos casos, uma terceira pessoa, rotulada como interveniente, que voltam sua atenção visual, auditiva e cognitiva, durante um tempo, para uma tarefa comum. As gravações contêm conversas em estilo não controlado sobre a vida do habitante da cidade, tendo como temas a história residencial, familiar, escolar e ocupacional, os hábitos de leitura, TV, rádio, esportes, festas e *hobbies*, além do contato do entrevistado com falantes de outras línguas e outros dialetos do português.

As entrevistas foram realizadas, sempre que possível, na casa do próprio falante, para que o mesmo se sentisse à vontade para falar a maior parte do tempo e também

produzisse um discurso linguisticamente variado em termos de vocabulário, estruturas, tempos e modos verbais, pronominalizações etc.

As conversas consistem numa série de turnos alternados, que compõem seqüências em movimentos coordenados e cooperativos, na medida do possível. Tratam-se, nesse caso, dos pares conversacionais mais comuns: perguntas e respostas. As perguntas são abertas ou informativas (sobre algo) e fechadas (sim/não).

Tendo em vista o *corpus* que analisamos e caracterizada a situação comunicativa de produção, verificamos que as formas *olha* e *veja*, em geral, estão associadas à função de abertura, porém nem sempre a exercem em caráter permanente e exclusivo, podendo atuar em posição relacional. A exploração dos contextos mostra que o falante, conforme o tema tratado, analisa intuitivamente a situação e seleciona *olha* ou *veja* na tentativa de extrair uma resposta não verbal do ouvinte, ou seja, uma ação. No caso particular dos atos de fala, no que concerne aos itens *olha* e *veja*, verificamos que, em alguns contextos, o falante quer significar o que diz, isto é, chamar a atenção visual do ouvinte, apresentando o item um estatuto verbal definido, podendo ser considerado verbo. Entretanto, em outros contextos de ocorrência, essa ação não é mais física, mas cognitiva, uma vez que o falante chama a atenção do ouvinte para sua declaração. Nesse caso, como vimos nas seções anteriores, há um ganho pragmático-discursivo.

Assim, o uso de uma ou outra forma não é acidental, mas decorre do forte estatuto interacional como uma confirmação a mais da orientação da fala ao interlocutor. Dessa forma, o foco na segunda pessoa do discurso sugere um ato de fala diretivo (Cf. SEARLE, obra citada) ou manipulativo (Cf. GIVÓN, obra citada), que implica aspectos de orientação interacional com articulação textual, na maior parte dos contextos analisados por nós.

Searle (obra citada) observou empiricamente os usos da linguagem e encontrou cinco maneiras gerais de usá-la: dizemos às pessoas como as coisas são, tentamos levá-las a fazer coisas, comprometemo-nos a fazer coisas, expressamos nossos sentimentos e atitudes e produzimos mudanças por meio de nossas emissões. Frequentemente fazemos mais que uma dessas coisas de uma só vez, com a mesma emissão.

A significação mais simples é aquela em que o falante emite uma sentença e quer significar exata e literalmente o que diz, conforme o exemplo a seguir:

(16) F: Porque [a] a lona era pra duas pessoas e a armação era pra quatro. Aí nós montando, nós montando, nós montando, [eu] eu brigando, e o Ryan brigando, e o Alderan brigando e o pessoal que ajudava nós, brigávamos tudo também. Fechava porrada. Daí eu cheguei

assim: "Ryan, **olhe!**" Eu olhei para o Ryan, o Ryan olhou pra mim:  
 "Eu vou botar essa porra em pé." (FLP 30 L.225)

Trata-se acima de um exemplo em que o falante seleciona o ato de fala mais adequado, no caso um ato diretivo ou manipulativo, e emprega a forma verbal **olhe** com o objetivo de conseguir a atuação do ouvinte.

Entretanto, nem todos os casos de significação são tão simples. Uma classe importante de casos é, por exemplo, dos atos de fala indiretos, em que o falante emite uma sentença, quer significar o que diz, mas também quer significar algo mais, pois a força manipulativa pode ser sistematicamente enfraquecida devido a convenções de polidez, tornando-se mais indireta, menos autoritária, mais cautelosa.

Assim sendo, o fato de que tais sentenças podem ser emitidas como diretivas não segue que um **olha** tenha um significado imperativo. Seu propósito ilocucionário consiste no fato de que são tentativas (em graus variáveis) do falante de levar o ouvinte a fazer algo. Podem ser ensaios muito tímidos de deslocar o foco da atenção do espaço para o texto com o intuito de articular idéias, comprovar argumentos, entre outros:

(17) E: E essa é a tua profissão mesmo ou tu tens outra profissão?

F: Ah, **olha**, [eu tenho] nas minhas horas vagas, de vez em quando, faço desenho. (FLP 19 L. 27)

Searle e Givón defendem a idéia de que, em atos de fala indiretos, o falante comunica ao ouvinte mais do que realmente diz, contando com a informação de base, lingüística e não-lingüística, que compartilhariam, e também com as capacidades gerais de racionalidade e inferência que teria o ouvinte, como nos contextos em que os itens **olha** e **veja** auxiliam na seqüenciação discursiva ao mesmo tempo em que chamam a atenção do ouvinte.

A seguir, apresentamos alguns estudos realizados no Brasil sobre as construções imperativas porque postulamos para os itens **olha** e **veja** um percurso de mudança semântica que parte desses empregos.

### 2.3.1 O imperativo em português

Conforme apresentamos nas seções anteriores, de um modo geral, os contextos de nosso *corpus* revelam que **olha** e **veja**, em atuação imperativa, conservam parte do significado de percepção física, passando a apresentar, através de transferência metafórica,

enfraquecimento do ato de fala manipulativo, assim, configurando-se em um sentido mais ligado a propriedades mentais.

### 2.3.1.1 A visão das gramáticas normativas

A partir de um levantamento bibliográfico baseado em Said Ali (1964), Bechara (1973), Cunha & Cintra (1985) e Rocha Lima (1988), verificamos que esses gramáticos definem o imperativo como o modo por meio do qual se expressa a ordem, o conselho ou pedido, o convite, a súplica, a exortação etc.

Quanto à formação, os autores são unânimes em afirmar que as formas de segunda pessoa do singular e do plural não diferem das respectivas formas pessoais do presente do indicativo senão pela eliminação do *s* final. As pessoas que faltam são supridas pelas correspondentes do presente subjuntivo. Não se usa o imperativo de primeira pessoa do singular. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você*, *vocês* e não a *eles*<sup>13</sup>. Também não se usa imperativo nas orações negativas; existindo, nesse caso, as formas correspondentes do presente do subjuntivo.

O imperativo só tem um tempo – o presente –, que também se aplica às ordens que se dão para o futuro e o passado:

(18) Faça o que eu lhe digo. Faça o que eu lhe disser. Faça o que eu lhe disse.<sup>14</sup>

Diferentemente, Cunha & Cintra (obra citada) afirmam que, apesar de o imperativo ser enunciado no tempo presente, na realidade, tem um valor de futuro, pois a ação que exprime está por realizar-se.

Quanto ao emprego, Rocha Lima (obra citada, p. 129) assevera que, com esse modo, dirigimo-nos a uma ou mais pessoas, para manifestar o que queremos que ela faça, ou elas façam.

Segundo Said Ali (obra citada, p. 323), embora apresente o nome “imperativo”, são em geral tais as circunstâncias e as relações da vida humana, que o modo imperativo vem a servir com mais freqüência como expressão de convite, conselho ou pedido, e portanto em

<sup>13</sup> Observe-se a incoerência das gramáticas normativas, ao considerar você(s) como se referindo à terceira pessoa. Para uma ampla discussão sobre essa questão, conferir Menon (1996; 2000), entre outros.

<sup>14</sup> O exemplo 17 foi extraído de Rocha Lima (op. cit., p. 123).



situações de igual para igual ou de inferior para superior, sendo então o sentido diametralmente oposto ao de ordem ou mando.

Ainda que a palavra imperativo esteja ligada, pela origem, ao latim *imperare* “comandar”, Cunha & Cintra (obra citada, p. 485 – 470) também destacam que não é para ordem ou comando que, na maioria dos casos, nos servimos do imperativo. Quando o empregamos, em geral, temos o intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir a ação indicada pelo verbo. É, pois, mais o modo da exortação, do conselho, do convite, do que propriamente do comando, da ordem. Além disso, segundo os autores, emprega-se o imperativo para sugerir uma hipótese em lugar de asserções. Ressaltam que esses diversos valores dependem do significado do verbo, do sentido geral do contexto e, principalmente, da entonação que dermos à frase imperativa.

Os autores mencionam que a eficácia de atenuar a vontade expressa pelo imperativo, enfraquecendo a noção de comando, está condicionada ao tom de voz, que é, nas formas afetivas da linguagem, um elemento essencial por dever social e moral, pois qualquer frase pode tornar-se rude e seca, ou mesmo insolente, com a simples mudança de entonação.

Até aqui apresentamos os aspectos referentes à definição, à formação e ao emprego do imperativo segundo o normativismo gramatical. Percebemos que esses autores tratam as construções imperativas, principalmente as que se referem a segunda pessoa do discurso, como derivadas do indicativo. Entretanto, essa abordagem pouco se assemelha à realidade do português falado no Brasil atualmente, conforme alguns estudos que apresentamos a seguir.

### 2.3.1.2 Os estudos de Faraco e de Scherre

No artigo intitulado *Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil*, Faraco (1986) observa que, na sentença imperativa, ocorrem, na segunda pessoa singular do discurso, dois conjuntos diferentes de formas verbais: a) as originadas do subjuntivo:

(19) *Cante* essa música agora!

(20) *Não cante* esse música agora!

já que o tratamento do interlocutor no Brasil é predominantemente feito com formas lingüísticas que ocorrem com a terceira pessoa verbal; e b) as originadas do indicativo:

- (21) *Canta* essa música agora!  
 (22) *Não canta* essa música agora!

O autor verificou que sentenças como (21) e (22) são amplamente usadas na conversação diária, tornando-se assim um estudo desafiador, como o próprio autor qualifica, pois *canta* parece ser morfologicamente a forma verbal imperativa de segunda pessoa, correspondente ao pronome *tu*, e, como tal, com reduzida probabilidade de ampla ocorrência no português brasileiro, de uso geográfica e socialmente restrito. O pronome de amplo emprego no tratamento do interlocutor é *você*, que se combina com as formas verbais de terceira pessoa. Segundo o autor, no caso do imperativo, as formas esperadas são, então, aquelas oriundas do subjuntivo, como nas sentenças (19) e (20).

Observe-se, todavia, que, em Florianópolis e Porto Alegre (cidades que constituem nossa amostra), é corrente o uso de *tu* para designar o interlocutor, situação em que a expectativa do autor, acima mencionada, ficaria um tanto restringida. De fato, verificamos em nossos dados que a variação anteriormente exemplificada se confirma, uma vez que as formas que tendem a ocorrer junto ao pronome *você* são *olhe* e *veja*, enquanto que com *tu* aparecem as realizações *olha* e *vê*. Veremos isso mais detalhadamente no capítulo 6.

A partir da constatação com relação às formas imperativas de *cantar*, o autor destaca que o modo imperativo em português tem, no singular, três pares de formas:

- (a) *canta/não cantes* (português europeu)
- (b) *cante/não cante* (português brasileiro e europeu)
- (c) *canta/não canta* (português brasileiro)

Há diferentes maneiras pela quais as formas de (c) têm sido analisadas. Todavia, é unânime entre os gramáticos a opinião de que se trata de um fenômeno de registros mais informais da língua. De um lado, há a hipótese daqueles que, segundo as regras gramaticais tradicionais, consideram-nas erro gramatical. Por outro lado, entretanto, há aqueles que as julgam como a forma imperativa da terceira pessoa singular do presente do indicativo.

Para Faraco, é mais complexa, entretanto, a discussão que trata das formas indicativas e não imperativas. De fato, ambas são morfologicamente idênticas, tratando-se de uma homofonia criada historicamente como resultado da queda do *-t* final da terceira pessoa do singular do presente do indicativo latino (*cantat-canta*).

Apesar disso, de acordo com o autor, antes de aceitarmos o par *canta/não canta* do português brasileiro como formas indicativas, outros fatos devem ser considerados como ausência de sujeito superficial e valores discursivos diferenciados, pois a ocorrência dessas

formas poderá caracterizar um pedido atenuado, uma ordem rude, uma súplica humilde, ou um recurso da força ilocucional do ato de fala. Esse recurso se dá, muitas vezes, quando o interlocutor não cumpriu a ordem que lhe foi dada. Se o falante tiver enunciado (19) e o interlocutor, por qualquer razão, não tiver executado a ação ordenada, o falante repete a ordem, mudando a forma verbal para *canta*, o que equivale a um reforço da força ilocucional de ordem.

No caso da forma verbal de segunda pessoa do singular, pela análise do autor, o processo de regularização morfológica criou uma forma paralela à negativa, mas com uma especialização pragmática, isto é, a forma negada (*não canta*) foi criada em registros informais, paralela à forma básica (*não cantes*), mas com restrições de uso. Isso se dá em virtude de ser ela (a forma diretamente negada, paralela à forma básica) em princípio, inesperada. Sua ocorrência engendrará um contexto para uma implicatura conversacional, já que umas das estratégias que temos para forçar o interlocutor a usar sua capacidade inferencial para apreender significados conversacionalmente implicados de nossos enunciados é justamente o emprego de formas inesperadas. O uso recorrente da forma cristaliza uma implicatura como um traço significativo permanente da forma numa prática discursiva específica. Em outros termos, a implicatura se torna uma convenção de uso.

Faraco postula que os traços pragmáticos peculiares da forma *não canta*, no caso do português, foram posteriormente estendidos à forma positiva no português brasileiro, extensão que se tornou possível pelo fato de a forma positiva ter perdido, nas variedades brasileiras, seu estatuto de forma básica, não-marcada do imperativo singular, em consequência da ampla predominância de *você* sobre *tu* no Brasil.

Parece, segundo o autor, que a melhor análise é aquela que classifica o par *canta/não canta* das sentenças (21) e (22) como formas do imperativo. É a sobrevivência no português brasileiro da forma verbal de segunda pessoa singular do imperativo, paralela à forma básica oriunda do subjuntivo. Tal sobrevivência se tornou possível como resultado da especialização que a forma desenvolveu, em consequência de uma combinação de fatores, em especial, à criação da forma diretamente negada, marcada com traços pragmáticos específicos, transferidos posteriormente à forma positiva em virtude de ela perder seu estatuto de forma básica do imperativo, já que no português do Brasil *você* predomina amplamente sobre *tu*.

Como resultado dessa predominância de *você*, as formas *canta/não canta* não se associam ao pronome *tu*, mas a *você*. Elas concorrem no mesmo enunciado tanto com o pronome *você*, quanto com a forma oriunda do subjuntivo. O resultado do processo histórico

que afetou essas formas foi a criação de um sistema de formas verbais imperativo singular – as básicas (*cante/não cante*) e as marcadas (*canta/não canta*).

Para o autor, mesmo quando o falante no Brasil usa uma das variedades da língua em que a forma de tratamento é *tu*, o sistema de escolha se mantém inalterado, já que o imperativo nessas variedades também se constitui com as formas subjuntivas do paradigma *você*.

Faraco destaca que o fato de o falante escolher uma ou outra das formas não quer dizer que ele está trocando a forma de tratamento do interlocutor. A escolha é entre as formas marcadas e as básicas para realizar atos de fala específicos.

Tem-se de fato uma mudança na função da forma. Ao invés de desaparecer - o que seria previsível devido ao predomínio de *você* sobre *tu* - aquele par de formas sobrevive, mas com um valor diferente na língua.

O autor conclui que a não consideração de todos esses aspectos fez com que muitos estudiosos perdessem a real complexidade envolvida e, em consequência, simplificassem a solução, reduzindo formas legitimamente imperativas a formas indicativas, iludidos, provavelmente, pela similitude morfológica das formas. Faraco (obra citada) aponta um processo interessante de mudança lingüística no português chamado de especialização pragmática, pelo qual uma forma sobrevive a uma história de mudanças, desenvolvendo uma marca própria no contexto de realização de um ato de fala específico.

Outro estudo importante sobre o uso variável do imperativo é o de Scherre e outros (2000), apresentado no XX Congresso Nacional da ABRALIN<sup>15</sup>. Esse estudo evidencia que, ao lado de restrições de natureza discursiva e social, restrições sintáticas são também fundamentais para o entendimento da alternância das formas indicativas (*ME liga*) e subjuntiva (*Ligue* para a NET Rio) na expressão do imperativo.

Segundo os autores, nos eventos de língua escrita de propaganda que não envolvem diálogo, a expressão do imperativo se faz predominantemente por meio da forma subjuntiva por razões de natureza sintática e contextual. Já a expressão do imperativo, nos eventos de língua falada, envolvendo diálogo, dá-se predominantemente através da forma indicativa, chegando a um uso de 95% nos eventos informais de fala natural. Todavia, nos casos de

<sup>15</sup> Os dados da pesquisa de Scherre e outros (op. cit.) foram extraídos de situações concretas de uso lingüístico. As construções imperativas submetidas a tratamento quantitativo foram colhidas de (1) eventos informais de língua falada em circunstâncias naturais: situações do cotidiano de uma família, reuniões familiares e conversas entre amigos em Brasília/DF; (2) eventos formais de língua falada em circunstâncias naturais: aulas de alfabetização, de primeiro grau e de curso universitário; aulas de cursos técnicos e reuniões formais de trabalho, também na capital federal; (3) eventos diversos transmitidos por programas de televisão: diálogo de novela,

segunda pessoa do plural, o uso de imperativo na forma subjuntiva é novamente quase categórico. A questão em jogo é estritamente sintática: a estrutura *Levantam pra mim* não apenas causa estranhamento sintático, mas chega a parecer intuitivamente agramatical.

As análises desenvolvidas por Faraco (obra citada) e por Scherre (obra citada) são pertinentes ao nosso estudo, especialmente em relação aos seguintes aspectos: a) o enfoque na mudança funcional (especialização pragmática); b) o estatuto de imperativo atribuído a *canta/não canta* (vale dizer, a *olhe/olha* e *veja/vê*), independentemente da forma de tratamento envolvida (*tu* ou *você*); c) o valor de forma marcada, com reforço da força ilocucional de ordem, conferido à forma similar ao indicativo (*canta*) (Cf. FARACO, obra citada); e d) o largo uso das formas de indicativo quando se trata de segunda pessoa singular, constatado no português oral contemporâneo (Cf. SCHERRE e outros, obra citada).

## 2.4 RECORTANDO O OBJETO DE ESTUDO

Conforme apresentamos nas duas seções iniciais, os itens lingüísticos *olha* e *veja* têm em comum a propriedade discursiva de chamar a atenção do ouvinte. A partir do traço comum de percepção visual passaram, ao longo do tempo, por alterações semântico-pragmáticas em diferentes contextos, associadas a uma possível mudança categorial (de verbo a MD), aspectos que caracterizam os processos de gramaticalização e discursivização, como será visto no capítulo de fundamentação teórica.

Nesse trajeto de mudança, dado que está em jogo um ato de fala manipulativo realizado via modo imperativo, tem lugar a expressão variável de cada um dos itens na forma indicativa ou subjuntiva (estatuto verbal), as quais estendem seu uso para novas funções (marcador discursivo). Assim, temos, no percurso de mudança de cada um dos itens (*olha* e *veja*), alterações de diversas ordens: semântico-pragmática, morfológica, fonética, com concomitante alteração categorial (verbo → MD). Ao longo desse trajeto, os itens em questão vão compartilhando algumas propriedades.

Em virtude disso, além de apresentarmos, nesta dissertação, o mapeamento das funções desempenhadas pelos itens e um possível caminho de mudança para cada um deles, focalizamos, principalmente, o fato de que essas formas, em contexto discursivo/textual,

aparentam ser intercambiáveis, compartilhando características e uma multiplicidade de funções discursivas, sendo, por hipótese, candidatas a um tratamento variacionista.

Vejamos os exemplos:

(23) E: E é um problema sério esse do esgoto. Ainda por cima com essas doenças agora.

F: Pois é. E precisava ter, né? porque veja, é dificultoso, uma pessoa quer puxar o esgoto pra rua, não pode. Tem que fazer fossa e poço morto, que chamam, né? porque não tem encanamento de esgoto. E era tão importante ter, né? (CTB 10 L. 176 )

(23a) E: E é um problema sério esse do esgoto. Ainda por cima com essas doenças agora.

F: Pois é. E precisava ter, né? porque olha, é dificultoso, uma pessoa quer puxar o esgoto pra rua, não pode. Tem que fazer fossa e poço morto, que chamam, né? porque não tem encanamento de esgoto. E era tão importante ter, né?

No caso da mudança categorial, consideramos tanto as ocorrências como (2) e (3), (10) e (11) – com estatuto verbal, quanto as ocorrências similares a (4) e (5), (15), (17) e (23) – com estatuto de marcador discursivo, e as mudanças semântico-pragmáticas concomitantes. O tratamento analítico dispensado aos dados é qualitativo. Essa etapa funcionará como pano de fundo para o tratamento variacionista posterior.

Já para a proposta de mapeamento das funções, interessam-nos as ocorrências em que o falante usa *olha* e *veja* (com as respectivas alterações formais) para chamar a atenção do interlocutor, com enfraquecimento do imperativo canônico e outros ganhos pragmáticos – contextos em que o falante usa esses elementos como uma maneira de interagir e, simultaneamente, exprimir idéias, pontos de vista etc. Em outras palavras, importam-nos os chamados marcadores discursivos. Restringimo-nos, então, à análise de ocorrências como (4), (5), (14), (15), (17) e (23). Aqui, o tratamento analítico será qualitativo e quantitativo.

Tomando a *propriedade de chamada da atenção do ouvinte* para o contexto discursivo/textual como uma macrofunção compartilhada pelos diversos usos de *olha* e *veja*, recobrando, portanto, diferentes funções, consideraremos *olha* e *veja* como itens em variação (variável dependente). Nesse caso, os matizes semântico-pragmáticos associados a cada ocorrência serão captados pelo mapeamento das funções e controlados como uma das variáveis independentes. Todo tratamento analítico será detalhado na metodologia.

Como se pode perceber, este trabalho se dá em duas direções: a primeira com destaque à identificação das diferentes atuações de *olha* e *veja* e a segunda, com ênfase maior, à averiguação dos contextos de variação e conseqüente tratamento variacionista.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

---

Apresentamos, neste capítulo, as duas perspectivas teóricas em que essa pesquisa se insere: a primeira, do Funcionalismo Lingüístico, postulado especialmente por Givón (1993, 1995), Heine e outros (1991), Traugott e Heine (1991), Hopper e Traugott (1993) e Vincent e outros (1993), e a segunda, da Teoria Variacionista, conforme formulada por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 1978, 1994). Além disso, expomos uma breve revisão bibliográfica acerca dos marcadores discursivos, no âmbito dos quais se inclui nosso objeto de estudo.

Dividimos este capítulo em quatro seções. Na primeira, destinada ao funcionalismo lingüístico, tratamos da concepção de gramática, das funções da linguagem, do princípio meta-icônico da marcação e da mudança lingüística via gramaticalização e discursivização, discutindo a pertinência de se considerar um ou dois processos envolvidos na mudança. Na segunda, apresentamos em linhas gerais os pressupostos básicos e a operacionalização metodológica da teoria variacionista, focalizando os níveis lingüísticos da variação. Na terceira, reservada aos marcadores discursivos, mostramos suas características e funções, discutimos o caráter multifuncional desses itens e destacamos seu uso variável. Por fim, propomos uma abordagem integrada para o tratamento do fenômeno investigado: que a mudança seja vista na perspectiva da gramaticalização e da variação lingüística.

#### 3.1 O FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO

O Funcionalismo considera a gramática como um conjunto de estratégias que servem a uma comunicação coerente, destituída de regras fixas, as quais devem ser preservadas para produzir sentenças gramaticais corretas. Nessa teoria, a gramática resulta de regularidades advindas das pressões de uso da língua, portanto, nunca se estabiliza, podendo ser considerada dinâmica, uma vez que se molda a partir do discurso dos falantes, ou seja, adapta-se ao uso, não sendo pré-estabelecida. Em decorrência disso, gramática e discurso estão associados mutuamente, visto que, se é no discurso e sob a influência de seu contexto que a gramática emerge, sob atuação de princípios icônicos que subjazem às necessidades comunicativas, e nele [no discurso] se altera em decorrência de ajustes das formas para novas funções ou de

expansões de significados, é também a própria gramática que fornece padrões para a construção do discurso, padrões esses regularizados por pressão de uso (Cf. DU BOIS, 1987; HOPPER, 1991; GIVÓN, 1995, entre outros).

Nesse sentido, padrões rígidos e padrões fluidos são exibidos simultaneamente pela gramática, sendo maleáveis em vários graus.

Entendendo a gramática como um código comunicativo que serve de instrumento para a codificação lingüística, Givón (1995, p. 405) apresenta dois domínios funcionais: da semântica proposicional [oração] e da pragmática discursiva [coerência textual]. Esses níveis são codificados de forma articulada pelo sistema gramatical. A gramática codifica a informação proposicional em oração e a coerência textual das orações em seu contexto discursivo, abarcando não só as construções sentenciais, mas também o discurso multi-proposicional.

Em nosso trabalho, damos destaque para as premissas funcionalistas que consideram: a língua em uso; a maleabilidade da correlação entre função e forma, o que permite mudança e variação; a emergência da gramática no discurso com a regularização gradativa de padrões lingüísticos á força do uso; e a abrangência do escopo da gramática como instrumento de codificação que atua não só no nível oracional, mas também no nível textual.

### 3.1.1 As funções da linguagem

A linguagem sempre varia de acordo com a situação, assumindo funções que levam em consideração o que se quer transmitir e que efeitos se espera obter com o que se transmite. Em vista disso, os lingüistas, há algum tempo, preocupam-se com essas funções, conforme observamos a seguir:

Em 1934, Karl Bühler propôs uma visão tripartida das funções da linguagem, distinguindo entre a representativa, a expressiva e a apelativa.

Nos anos 50, Roman Jakobson partiu da apresentação de Bühler e organizou seis funções da linguagem, fazendo corresponder cada uma delas aos seis fatores com que caracteriza a comunicação verbal: o emissor, o receptor, o contexto, a mensagem, o código e o contato. Assim, as funções são, respectivamente, emotiva, conativa, referencial, poética, metalingüística e fática.



John Lyons (1977) definiu três funções: a descritiva, idêntica à referencial apresentada por Jakobson; a expressiva, correspondente à emotiva definida por Jakobson; a social, que é a de comunicação e integração na comunidade a que se pertence.

Halliday (1976)<sup>16</sup> interpretou o sistema lingüístico como um conjunto de possibilidades de escolhas relacionadas a um dado tipo de constituinte, de caráter sintagmático, a que estão ligadas três funções: a ideacional, a interpessoal e a textual. Essa é a proposta teórica que nos interessa mais diretamente, pois sua classificação tripartida é fundamental para a discussão da gramaticalização e da discursivização como dois processos distintos, ou o segundo sendo recoberto pelo primeiro (Cf. seção 3.1.3.1), bem como para a caracterização da multifuncionalidade dos MDs (Cf. seção 3.3.2 deste capítulo).

Em linhas gerais, a função interpessoal serve para administrar turnos conversacionais e manter a interação falante e ouvinte, enquanto a ideacional procura negociar o tema que será discutido, mostrando a relação de experiência do falante com o mundo real e o mundo interno de sua consciência, enfim, visa organizar o que o falante pretende dizer, marcando a relação texto/falante. Já a função textual refere-se a como os falantes constroem suas mensagens de modo a ajustá-las facilmente ao evento comunicativo.

Na visão de Halliday, numa língua, cada elemento é explicado por referência à sua função no sistema lingüístico total sendo, portanto, multifuncional, visto que as funções da linguagem são indissociáveis e têm implicação mútua.

Givón (1993, p. 21) considerou como função básica da linguagem a representação mental da experiência ou sua comunicação aos outros; e elencou outras funções metacomunicativas: a função de coesão sócio-cultural (assinalando a identificação dos indivíduos com o grupo), a função afetiva interpessoal (servindo à interação e externalizando afeto, cooperação, obrigação, dominação, competição), e a função estética.

A partir da proposta teórica de Halliday (obra citada), Thompson (1996, p. 27 – 8) reafirmou que cada uma das três diferentes funções da linguagem – experiencial<sup>17</sup>, interpessoal e textual – dá igualmente sua parcela de contribuição para o sentido da mensagem integralmente e é tipicamente usada como base para explicar como sentidos são criados e compreendidos.

<sup>16</sup> Segundo Neves (1997), o modelo de Michael Halliday vem sendo elaborado há mais de trinta anos. Inicialmente uma teoria sistêmico-funcional, depois revista e ampliada, com proposição de uma base paradigmática e, afinal, completada com a teoria das metafunções.

<sup>17</sup> Também chamada de ideacional ou proposicional.

O fato de que essas três funções podem ser veiculadas por qualquer elemento lingüístico e se manifestam simultaneamente não impede que, em alguns contextos, uma delas acabe predominando e seja mais evidenciada do que as outras. A partir do momento em que ocorre uma mudança no contexto no qual o item se insere, pode haver também uma mudança na relação entre as três funções da linguagem, sendo que, aquela que era mais evidente no primeiro contexto, pode vir a ser coadjuvante no segundo, enquanto uma das outras duas toma o lugar de destaque. Nesse sentido, as funções mesclam-se, entrecruzam-se o tempo todo, obtendo-se de suas combinações os mais diferentes efeitos.

A partir das premissas funcionalistas apresentadas anteriormente, na próxima seção, tratamos do Princípio da Marcação, objetivando verificar qual o seu papel para a identificação dos itens em processo de mudança.

### 3.1.2 O princípio meta-icônico da marcação

Givón (1995, p. 28) propõe um elenco de princípios gerais que podem traduzir a visão do funcionalismo lingüístico, entre eles, destaca o Princípio da Marcação como meta-icônico, mostrando a relevância desse conceito para a análise das tendências de mudança e estabilização da língua em uso. Para o autor, o conceito é dependente do contexto, no sentido de que uma construção pode manifestar-se como marcada num contexto e não-marcada noutro. O autor apresenta três critérios básicos para definir um item como marcado: complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva. Segundo Givón, o item marcado é mais complexo em termos estruturais e cognitivos e menos freqüente que seus pares.

- (a) **Complexidade estrutural:** a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a equivalente não marcada;
- (b) **Distribuição de frequência:** a categoria marcada tende a ser menos freqüente que a não marcada;
- (c) **Complexidade cognitiva:** a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e de tempo de processamento que a não marcada.

Em síntese, a categoria marcada tende a exigir mais memória, mais esforço de atenção e mais tempo de processamento, por isso sua propensão a ser menos freqüente.

Nesse sentido, postulamos, para os itens *olha* e *veja*, uma distinção baseada nesses três critérios, a qual será detalhada no capítulo 6 sobre o funcionamento dos itens.

### 3.1.3 A mudança lingüística

Há muito tempo os lingüistas têm procurado entender a natureza da mudança lingüística que envolve o surgimento de elementos gramaticais a partir do léxico. Depois de um longo período de lingüística de base eminentemente estruturalista, alguns estudos como os de Heine e outros (1991), de Traugott e Heine (1991), de Hopper e Traugott (1993), e de Vincent e outros (1993) tomaram forças procurando estabelecer as características dos tipos de mudança e os mecanismos que atuam para que ela ocorra.

Assim sendo, interessam-nos, em princípio, dois processos especiais de mudança: gramaticalização e discursivização. Embora reconhecendo não ser possível traçar uma fronteira nítida entre a gramaticalização e discursivização, Martelotta (1998) julga ser mais apropriada a separação dos dois processos. A pertinência de se considerar um ou dois processos de mudança para recobrir os itens *olha* e *veja* será discutida na seção 3.1.3.2.

#### 3.1.3.1 Gramaticalização e discursivização

Numa visão funcionalista, a gramaticalização é um dos processos responsáveis pela mudança lingüística. Até 1970, muitos autores entendiam a gramaticalização apenas como uma diacronia linear, isto é, um meio de analisar a evolução lingüística, a reconstrução da história de uma dada língua ou grupo de línguas, ou de relacionar estruturas lingüísticas modernas com padrões anteriores de uso lingüístico. Todavia, alguns estudos mais recentes sobre gramaticalização têm comprovado que é possível mostrar uma trajetória de mudanças em usos atuais, que acabam tendo como consequência uma mudança no tempo.

Antoine Meillet (1965 [1912]), fundador dos estudos sobre gramaticalização, justificou a relevância dessa pesquisa como uma das maiores áreas da ciência da linguagem, utilizando-a como parâmetro explanatório na lingüística histórica. Para o autor, a gramaticalização é um tipo de *continuum*, ou seja, é um processo de transição de itens lexicais para preencher funções gramaticais. Essa definição pioneira capta um aspecto que muitos teóricos de gramaticalização levam em consideração atualmente. Por exemplo, Hopper e Traugott (obra citada, p. 15) definem gramaticalização como um processo unidirecional, no qual há um movimento de itens lexicais<sup>18</sup> e construções sintáticas que, em determinados

<sup>18</sup> Segundo Martelotta, Votre e Cezario (op. cit., p. 46), em termos prototípicos, *itens lexicais* fazem referência a dados do universo biossocial: designam entidades (nomes), ações (verbos) e qualidades (adjetivos). Já para

contextos, passam a assumir funções gramaticais<sup>19</sup>, mas não vice-versa. Em estágio final de gramaticalização, o elemento lingüístico tende a tornar-se mais regular e mais previsível, já que sai do nível da criatividade do discurso para penetrar nas restrições da gramática. Conseqüentemente, a gramática<sup>20</sup> serviria para organizar os elementos lexicais no discurso<sup>21</sup>. Em termos funcionalistas, isso significa que a gramática é consequência de padrões que se estabelecem no uso. Gramática e discurso não são conceitos separados, mas constituem uma simbiose: a gramática molda o discurso e o discurso molda a gramática (Cf. MARTELOTTA, VOTRE e CEZARIO, 1996, p. 49).

Assim sendo, o processo de gramaticalização evidencia que as línguas estão em constante mudança em consequência de uma incessante busca de novas expressões e a gramática, por isso, nunca se estabiliza.

Essa nova fase de pesquisa sobre o desenvolvimento de categorias gramaticais é marcada pela asserção clássica de Givón (1971) que diz: “a morfologia de hoje é sintaxe de ontem”. Admitindo, portanto, que a evolução lingüística é cíclica.

A fim de identificar as etapas que antecedem à mudança lingüística em geral, Hopper (1991, p. 22) presta atenção aos estágios mais incipientes, menos acessíveis do processo e propõe cinco princípios<sup>22</sup>, os quais, segundo o autor, são aplicáveis tanto à gramaticalização como a outros processos de mudança, podendo contribuir para a caracterização desse processo, especialmente em sua fase inicial, conforme é possível verificar a seguir:

**Estratificação** (camadas): em um domínio funcional amplo, novas camadas estão continuamente emergindo. À medida que isso acontece, as camadas antigas não são necessariamente descartadas, mas podem continuar a coexistir e interagir com novas camadas.

**Divergência**: quando uma forma lexical sofre gramaticalização em clítico ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e passar a sofrer as mesmas mudanças que itens lexicais comuns.

---

Hopper e Traugott (1993, p. 104), os adjetivos não estariam incluídos entre os itens lexicais, conforme se verifica na distribuição das categorias proposta por eles: “Categoria maior [Nome, Verbo, Pronome] > Categoria mediana [Adjetivo, Advérbio] > Categoria menor [Preposição, Conjunção]”.

<sup>19</sup> *Funções gramaticais* dizem respeito a elementos que organizam os itens do léxico no discurso: ligam partes do texto, identificam partes do texto já mencionadas ou por mencionar, marcam estratégias interativas, expressam noções gramaticais como, por exemplo, tempo aspecto e modo (Cf. MARTELOTTA, VOTRE e CEZARIO, op. cit., p. 46).

<sup>20</sup> O termo *gramática* representa o conjunto de regularidades decorrentes de pressões cognitivas e, sobretudo, de pressões de uso (Cf. MARTELOTTA, VOTRE e CEZARIO, op. cit., p. 48).

<sup>21</sup> O conceito de *discurso* concerne ao uso potencial da língua, ou seja, às estratégias criativas utilizadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte e em uma determinada situação de comunicação (Cf. MARTELOTTA, VOTRE e CEZARIO, op. cit., p. 48).

<sup>22</sup> Ao apresentarmos uma possível trajetória para *olha* e *veja*, no capítulo 7, retomaremos a tratar destes cinco princípios.

**Especialização:** em um domínio funcional, várias formas com nuances semânticas diferentes podem ser possíveis num estágio. À medida que ocorre a gramaticalização, essa variedade de escolhas formais se estreita e um menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais.

**Persistência:** quando uma forma sofre gramaticalização de uma função lexical para uma gramatical, na medida do possível e gramaticalmente viável, alguns traços do seu significado lexical original tendem a aderir a ela, e detalhes de sua história lexical podem se refletir sob a forma de restrições sobre sua distribuição gramatical (quando um significado gramaticalizado B se desenvolve, isso não significa que o significado A seja perdido).

**Decategorização:** formas que estão sofrendo gramaticalização tendem a perder ou neutralizar seus marcadores morfológicos e características sintáticas peculiares das categorias plenas, nome e verbo, e a assumir atributos característicos de categorias sintáticas secundárias como adjetivo, participio, preposição etc.

No percurso de gramaticalização, Heine e Reh (1984, p. 68) identificam características assumidas pelas formas em processo de mudança, afirmando que quanto mais gramaticalizada uma unidade lingüística dada

- a) mais perde em complexidade semântica, significação funcional e/ou valor expressivo;
- b) mais perde em significância pragmática e ganha em significância sintática;
- c) mais reduzido é o número de membros pertencentes ao mesmo paradigma morfossintático;
- d) mais sua variabilidade sintática decresce, isto é, mais sua posição na oração torna-se fixa;
- e) mais seu uso torna-se obrigatório em certos contextos e agramatical em outros;
- f) mais se coalesce semântica, morfossintática e foneticamente com outras unidades; e
- g) mais perde substância fonética.

É o caso, por exemplo, quando um item lexical se desenvolve em marcador gramatical<sup>23</sup>.

Posteriormente, Heine e outros (1991) derivam do conhecido *slogan* de Givón a idéia de que a pragmática discursiva passa a ser reconhecida como o maior parâmetro para entender a estrutura lingüística em geral e o desenvolvimento de estruturas sintáticas e categorias gramaticais em particular, disso deriva uma nova frase: “a sintaxe de hoje é a pragmática discursiva de ontem”. Segundo Givón (1979 apud HEINE, CLAUDI e HÜNNEMEYER, 1991, p. 13), no processo de gramaticalização, o modo mais pragmático de comunicação abre caminho a um modo mais sintático:

Discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero

<sup>23</sup> Gibbon (2000) verificou que esse tipo de processo ocorre, por exemplo, com o verbo *ir*, pois de verbo pleno com sentido físico passa a atuar como auxiliar de tempo futuro e marcar aspecto verbal.

Uma segunda proposta de percurso é sugerida por Heine e outros (obra citada, p. 217) para dar conta dos possíveis caminhos dos itens lexicais em processo de gramaticalização:

peessoa → objeto → atividade → espaço → tempo → qualidade

Como se pode perceber, os percursos propostos por Meillet (1965 [1912]) e Givón (1979) se assemelham, ao passo que a trajetória formulada por Heine e outros (1991) distancia-se. Isso ocorre porque os dois primeiros contemplam especialmente mudanças categoriais (verbo > auxiliar, por exemplo), ao passo que os últimos dão realce a mudanças semânticas (envolvendo expansão metafórica). Nessa última situação, os itens sofrem mudança semântica em seu significado lexical na direção em que conceitos mais concretos derivam conceitos mais abstratos sem ocasionar, necessariamente, troca de categoria.

Entretanto, Heine e Reh (1991) ressaltam que, se por um lado os itens lexicais vão perdendo em complexidade semântica, significação pragmática, liberdade sintática e substância fonética, por outro, há ganhos, uma vez que um elemento lingüístico passaria a adquirir outros traços no âmbito semântico e/ou pragmático.

Provavelmente seja essa característica de “ganho pragmático” que tenha levado autores como Vincent e outros (1993) e Martelotta e outros (1996) a postularem um novo processo de mudança, identificado por estes como *discursivização* e por aqueles como *pós-gramaticalização*<sup>24</sup>.

Segundo Vincent e outros (1993), ocorre pós-gramaticalização quando uma forma migra para um nível não gramatical, nesse caso deixa de obedecer a restrições gramaticais e passa a cumprir restrições pragmáticas e interativas. Em outras palavras, conforme Martelotta e outros (obra citada, p. 60), a discursivização é um dos processos de mudança em que elementos lingüísticos assumem funções de marcadores discursivos, perdendo seus valores semânticos originais e adquirindo valores pragmáticos. Tal processo deve ser visto como distinto da gramaticalização, porque deriva da necessidade de o falante marcar estratégias interativas, visando reorganizar o fluxo de suas idéias e, concomitantemente, fazer com que o ouvinte esteja ciente das atitudes do emissor durante a fala, sem estabelecer necessariamente relações entre elementos da gramática.

Na visão dos autores, a trajetória do processo de discursivização é marcada normalmente por uma passagem do léxico para o discurso, via gramática, ou seja, um

<sup>24</sup> Martelotta et al. (op. cit., p. 56 – 60) sugerem que seja usado o termo *discursivização* por entender que a partícula “pós” poderia subentender que um dado elemento, necessariamente, gramaticaliza-se antes de se discursivizar.

elemento, inicialmente lexical, passa a ser usado com função gramatical e, em seguida, assume função de marcador. Ou ainda, no caso de elementos como *sabe?*, *né?*, *entendeu?* e *tá?*, tem-se uma clara passagem do léxico para o discurso, no sentido de que eles deixam de expressar seus sentidos originais para assumir, como perguntas retóricas, função de marcar estratégias relacionadas ao processamento da fala. Contudo, Martelotta e outros (obra citada, p. 71) sentem dificuldade de encaixar esses itens no processo de gramaticalização. Ter-se-ia, portanto, uma trajetória léxico > discurso.

### 3.1.3.2 Um ou dois processos de mudança?

Propondo não o enfraquecimento, mas o fortalecimento pragmático, Traugott e König (1991), Hopper e Traugott (1993) (apud TRAUGOTT, 1995, p. 03) destacam que tal ganho em significado pragmático ocorre nos **primeiros estágios de gramaticalização**<sup>25</sup>.

Com base nas funções tripartidas de Halliday, Traugott (1980; 1982; 1987) propõe uma escala, baseada nos princípios da inferenciação – proposicional<sup>26</sup> > (textual) > expressivo, que apontaria a direção da mudança dos itens envolvidos no processo de gramaticalização:

proposicional/ideacional > (textual) > interpessoal/expressivo

A função ideacional refere-se à expressão da experiência do falante com o mundo real, incluindo o mundo interno de sua própria consciência; a função textual diz respeito à construção de textos; e a função interpessoal serve para a expressão da personalidade do falante, permitindo-o interagir com os outros.

As posições de Vincent e outros (obra citada) e Martelotta e outros (obra citada) apresentadas anteriormente são diferentes da exposta por Traugott (1995, p. 01), pois, em estudo sobre alguns marcadores discursivos oriundos de advérbios, afirma que os MDs têm lugar dentro do paradigma da gramaticalização, não havendo necessidade de se postular um processo diferenciado para esses elementos discursivos. Assim sendo, a autora propõe que se

<sup>25</sup> Grifo nosso.

<sup>26</sup> O termo proposicional é usado pela autora equivalente ao experiencial (proposto por THOMPSON, 1996) e ao ideacional (proposto por HALLIDAY e HASAN, 1976), referindo-se à experiência do falante no mundo – real ou interno – de sua mente.

repense a gramática de forma a incluir aspectos pragmáticos sob o domínio gramatical, utilizando-se de duas premissas:

- a) devemos considerar como características relevantes para o processo de gramaticalização a decategorização, a redução fonológica, o aumento da função pragmática e a subjetivação; e
- b) devemos considerar a pragmática como fazendo parte da gramática e não apenas elementos fonológicos, morfossintáticos e semânticos.

A consequência natural de adotarmos essa visão de gramática alargada de Traugott, parece ser a de que não necessitemos lançar mão de um processo de discursivização para explicar certas mudanças, uma vez que todos os MDs teriam abrangência textual, isto é, funcionariam como elementos de conexão e organização textual, sendo, portanto, recobertos pela gramaticalização. Entretanto, os estágios de mudança propostos pela autora com base nas funções parecem nos trazer problemas no que se refere a sua aplicação aos itens *olha* e *veja*. A questão que se coloca aqui é: para esses elementos lingüísticos, a função interpessoal apresenta-se depois da função textual?

Heine e outros (obra citada) apontam que Traugott não contempla, no percurso proposto, o componente pragmático “orientado para ouvinte”, vinculado à função interpessoal [apenas o componente “orientado para o falante” – expressivo]. Isso gera um problema para os itens que analisamos, pois, desde sua atuação como verbos plenos até itens discursivos, apresentam um forte componente pragmático “orientado para o ouvinte”.

Distinguindo entre um “mundo real” e um “mundo do texto”. Heine e Reh (obra citada, p. 190 – 1), em princípio, concordam com a direção de Traugott nas mudanças via gramaticalização, porém afirmam que é complexo o lugar da função interpessoal nesse percurso, uma vez que ‘expressivo’ e ‘interpessoal’ não são equivalentes. Segundo os autores, no que diz respeito à função interpessoal, devemos distinguir entre um componente “orientado para o falante” e um “orientado para o ouvinte”. O primeiro refere-se ao que o falante tem em mente, isto é, suas atitudes, julgamentos, crenças etc, e equivale à função expressiva de Lyons (1977). Já o segundo componente serve para estabelecer e manter relações sociais e corresponde à função social de Lyons. A fronteira entre os dois é, afirmam os autores, no mínimo, difusa.

Por considerar somente o componente de interessoalidade orientado para o falante, Traugott propõe que a função textual seja adquirida antes da expressiva. Contudo, segundo Heine e outros (obra citada), quando se considera o componente de interessoalidade voltada para o ouvinte, surge uma nova possibilidade de escala para as funções lingüísticas –



ideacional > interpessoal > textual. Nesse sentido, os autores propõem para a mudança via gramaticalização um caminho que vai do ideacional via interpessoal (com componente de interação com o ouvinte) para o textual.

Conforme Heine e outros (obra citada), as principais evidências do desenvolvimento da função interpessoal orientada para o ouvinte envolvem enunciados que “servem como direções que impõem sobre o ouvinte alguma obrigação” (LYONS, 1977) a maioria deles representados por interrogações e comandos. Tais enunciados freqüentemente desenvolvem-se em estruturas cuja função principal é construir texto, estabelecendo relações coesivas entre sentenças.

Embora menos comum, evidências que sustentam a hipótese de um desenvolvimento da função interpessoal orientada para o ouvinte para a função textual vêm de exemplos de imperativos. Os autores ressaltam, contudo, que, em algumas línguas, há estruturas marcadoras de modalidade que incluem formas verbais imperativas, as quais parecem adquirir funções textuais. O verbo *supor* em construções como *Suponha que* é um exemplo típico. Subjacente à transferência da função interpessoal à textual parece haver uma estratégia empregada pelo falante para estabelecer uma relação entre o ouvinte e o texto, por exemplo, ao concentrar a atenção em uma parte particular do texto, tentando aumentar o interesse do ouvinte em relação a essa parte. Portanto, ao menos em relação ao componente orientado para o ouvinte da função interpessoal, podemos dizer que o desenvolvimento de funções lingüísticas apresenta a seguinte estrutura: função ideacional > função interpessoal > função textual.

Com base nessa trajetória postulada por Heine e outros (1991) é que julgamos mais pertinente conduzir nossa análise, já que os dados de nosso *corpus* mostram que os itens perdem parte de seu valor referencial original de percepção visual e de imperativo, para assumir funções pragmático-discursivas, conforme veremos mais detalhadamente no capítulo 5.

### 3.2 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

À área de pesquisa que focaliza a língua em uso em uma comunidade de fala e seus empregos variáveis, deu-se o nome de Sociolingüística<sup>27</sup>.

<sup>27</sup> Para Labov (1978), a denominação Sociolingüística representa uma redundância, pois não poderia haver uma lingüística que não fosse social.

De acordo com Mollica (1992), a sociolingüística enfoca como objeto de estudo a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada. Em princípio, toda variação é motivada, isto é, controlada por condicionamentos diversos. A variação é inerente ao sistema e, a partir dela, poderão surgir mudanças no uso de uma determinada língua, já que mudança implica variação embora nem toda variação implique mudança. Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 188) dizem que “nem toda a variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística envolve mudança, mas toda a mudança envolve variabilidade e heterogeneidade”.

Para dar conta da variação e mudança lingüística, a maneira mais adequada será investigar uma dada comunidade e retornar a ela uns vintes anos mais tarde para realizar uma nova pesquisa, denominada como estudo da mudança em tempo real (eixo diacrônico). Ao invés disso, outro método mais imediato é investigar a mudança em tempo aparente (eixo sincrônico), ou seja, ao estudarmos uma determinada comunidade, comparamos a fala das pessoas mais idosas com a das mais jovens e admitimos que as diferenças são o resultado da mudança lingüística (Cf. MONTEIRO, 2000, p. 131 – 2).

Lidar com variação é, pois, lidar com heterogeneidade. A variação e a heterogeneidade de uma língua não surgem por acaso, são sempre motivadas por fatores lingüísticos e sociais.

A fim de verificarmos os empregos variáveis de *olha* e *veja*, tomamos como modelo teórico-metodológico a teoria da variação lingüística.

### 3.2.1 A metodologia de pesquisa variacionista

Desenvolvida pelo americano William Labov (1972), a teoria da variação atua na fronteira entre língua e sociedade, focalizando os empregos concretos da língua. Esse modelo de análise é também chamado de sociolingüística quantitativa, por operar com números e tratamento estatísticos dos dados. Os resultados podem indicar que certos grupos de fatores condicionantes de natureza lingüística e social são, na realidade, responsáveis pela implementação de uma variante e que outros, ao contrário, não demonstram qualquer efetividade na aplicação da regra variável.

Os resultados finais da análise propiciarão a formulação de regras gramaticais. Essas não poderão ser categóricas, optativas e obrigatórias, serão, conseqüentemente, regras variáveis, pois o favorecimento de uma variante e não de outra decorre de circunstâncias lingüísticas e não-lingüísticas.

Segundo Labov (1972), a igualdade de significado referencial é essencial para a seleção das variantes. Nesse sentido, o ponto central da Teoria da Variação e Mudança Lingüística é estabelecer correlações entre estratos sociais e variedades de uso, captando nas bases sociais a direção da mudança.

O primeiro estudo de Labov, de 1966, na área da fonologia, foi sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos), além de vários outros que se seguiram. Nesse trabalho, Labov investigou a centralização dos ditongos nessa comunidade. Os nativos da ilha experimentaram mudanças sociais dramáticas decorrentes da invasão de veranistas do continente. Tais alterações tiveram conseqüências lingüísticas extremamente interessantes. O campo de batalha da variação mostrava-se nas duas maneiras distintas de se pronunciar a vogal-núcleo dos ditongos [ay] e [aw], como em *right* e *house*. Os resultados demonstraram que a zona rural, os pescadores e a faixa etária de 31 a 45, favorece a centralização do ditongo, ou seja, a forma não-padrão. O significado mais imediato do traço fonético de centralização é uma marca 'vineyardense'. Ao centralizar os ditongos, os falantes revelavam um sentimento positivo em relação à ilha.

Como se pode perceber nesse estudo de Labov, as formas variantes são as mesmas no que diz respeito à referência e ao valor de verdade, mas refletem diferenças quanto à significação social e/ou estilística.

### 3.2.1.1 Os níveis lingüísticos de variação

Weiner e Labov (1977) ampliam a aplicação da metodologia de pesquisa variacionista para além do nível fonológico, em um estudo quantitativo sobre construções sintáticas no inglês. Os resultados para esse fenômeno, entretanto, mostraram que a variação é motivada apenas por fatores lingüísticos, excluindo-se os sociais, isto é, condicionantes lingüísticos e não lingüísticos são interdependentes.

Em conseqüência desses resultados, inicia-se a conhecida polêmica entre Labov e Lavandera (1978, p. 07 – 08) acerca do nível de abrangência da regra variável, uma vez que a variação pressupõe duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa, seria inviável sua ocorrência fora do âmbito fonológico.

Por falta de uma teoria coesa do significado, Lavandera conclui que o fenômeno da passiva não se constitui uma variável sociolingüística, porque, além de restrições quanto a

significado e contexto, o comportamento da candidata à variável não é condicionado por fatores sociais, propondo que essa seja apenas uma variável lingüística.

Labov (1978, p. 02) rebate as críticas de Lavandera definindo significado como “estado de coisas”, ressaltando que duas construções que se referem ao mesmo “estado de coisas” têm o mesmo significado referencial. Nesse sentido, ao restringir significado referencial assim definido, facilita-se o tratamento de formas além da fonologia mesmo que elas apresentem traços pragmáticos distintos e nuances de sentido.

Labov salienta também que a regra variável consiste em duas ou mais formas que representam o mesmo estado de coisas, atuando no mesmo contexto, portanto, segundo o autor, trata-se do básico para a seleção das variantes e esclarece que o valor de verdade de uma sentença pode sim ser parâmetro para se avaliar esse mesmo estado.

Essa discussão abriu espaço para estudos variacionistas de fenômenos de natureza morfossintática, semântica e discursiva.

### 3.2.2 A variação dos fenômenos discursivos

Outra questão que se constitui em obstáculo para a extensão dos trabalhos variacionistas para campos diferentes do fonológico é a ocorrência num mesmo contexto para que os itens *olha* e *veja*, por exemplo, possam ser identificados como variantes de uma mesma variável, visto que são itens discursivos que estão em variação. Nesse caso, é necessário alargar o conceito de gramática de modo a recobrir esses elementos, entendendo-se, assim, igualdade de significado referencial não só como mesmo valor de verdade ou mesmo significado referencial, mas também com mesmo significado/função.

O significado surge a partir do uso. A relação entre os contextos de uso dos itens sob análise não cria um significado, mas exerce funções interativas e textuais.

Nichols (1984 apud DAL MAGO, 2001, p. 60) distingue cinco sentidos<sup>28</sup> do termo *função*, denominando-o como polissêmico, já que está relacionado com os cinco componentes da gramática. Interessa-nos a relação entre significado/função, pois

todos os seus sentidos significam a dependência de algum elemento estrutural em relação a elementos lingüísticos de outra ordem ou domínio (estrutural ou não) e têm a ver com o papel desempenhado por um dado elemento estrutural no contexto maior da língua e da comunicação.

<sup>28</sup> Os cinco sentidos do termo *função*, propostos por Nichols (1984), relacionados aos cinco componentes da gramática são: função/interdependência, função/propósito, função/contexto, função/relação e função/significado.

Esta dissertação, portanto, inclui-se entre os inúmeros trabalhos sobre o português falado no Brasil através dos quais é possível ilustrar a variabilidade de uma língua.

### 3.3 OS MARCADORES DISCURSIVOS

#### 3.3.1 Caracterização geral

A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) reconhece a dificuldade em classificar algumas palavras, expressões e sons lexicalizados dentro de uma das dez classes gramaticais. Por esse motivo, tais elementos lingüísticos recebem enviesadamente (Cf. URBANO, 1993) a denominação pouco esclarecedora de *palavras denotativas*.

Reconhecendo que esses itens exercem funções discursivas importantes na interação, alguns lingüistas têm dedicado atenção especial a tais elementos, a fim de descrever como operam durante a interação.

Variadas denominações são encontradas na literatura lingüística para se reportarem a esses itens. Autores que trabalham sob a ótica da Análise da Conversação como Marcuschi (1989), Urbano (1993) e Macedo e Silva (1996) atribuem aos elementos lingüísticos o rótulo de *Marcadores Conversacionais* (MCs) por entender que esses itens atuam tanto no nível das relações estabelecidas no texto, como das relações entre o falante e o seu texto e, até mesmo, entre o falante e o seu ouvinte. Outros, como Vicent, Votre e Laforest (1993), utilizam o termo *Pontuantes* para se referir a tais elementos. Já Risso, Silva e Urbano (1996) e Martelotta, Votre e Cezario (1996) preferem denominá-los como *Marcadores Discursivos* (MDs).

Quanto às posições dos MDs, a maioria dos autores frisa que as canônicas são as iniciais e finais. No entanto, um levantamento realizado no *corpus* do Projeto NURC mostra que não há marcadores exclusivos de uma ou outra posição, mas observa uma tendência à especialização. Percebe-se, contudo, que há um número sensivelmente maior de MDs para as posições iniciais do que para as finais, uma vez que o início é o lugar do *engate*, ou seja, da coesividade sintagmática na cadeia discursiva, sendo que esse elemento lingüístico não pode vir solto.

Os marcadores à esquerda, além de mais freqüentes, são funcional e formalmente mais complexos do que os da direita. É um fenômeno previsível, pois o falante antecipa ao interlocutor instruções sobre a organização do texto que vai ser produzido (CASTILHO, 1989, p. 261).

Alguns estudos em português brasileiro revelaram que é significativa a incidência de verbos perceptuais como MDs. Em razão disso, encontramos, em nosso *corpus*, alta recorrência dos itens *olha* e *veja* atuando como marcadores discursivos, desempenhando tanto funções interacionais como textuais. Todavia, a literatura lingüística sobre MDs em geral apresenta alguns aspectos divergentes com relação às funções que esses itens desempenham durante a conversação.

Afinal, qual é efetivamente a função<sup>29</sup> que os MDs representam na fala?

De acordo com Castilho (1989), os MDs exercem uma função comum e ampla: a função textual, ou seja, todos eles organizam o texto. Entretanto, essa função geral comporta ela mesma, duas funções mais específicas: a interpessoal e a ideacional.

A hipótese central de Marcuschi (1989) é a de que os MCs têm sua razão de ser em funções genericamente designadas funções interacionais. Essas comandam e controlam as estratégias adotadas pelos interlocutores na construção e manutenção de suas identidades e relações sociais. Os MCs, para o autor, operam simultaneamente como organizadores na interação, articuladores do texto e indicadores de força interlocutória, sendo, pois, *multifuncionais*. Enfim, para Marcuschi, mais do que simples conectores textuais, os MCs são sobretudo conectores interativos.

Urbano (1993, p. 85 – 6), o qual investiga aspectos formais semânticos e sintáticos dos MDs, observa que esses elementos, na realidade, ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, funcionando como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, à medida que marcam e explicitam os aspectos interacionais e pragmáticos de sua produção.

Para Macedo e Silva (1996, p. 14), os MDs estão envolvidos em macrofunções discursivas, tais como: a organização discursiva interna, a manutenção da interação dialógica e o processamento da fala na memória.

Martelotta e outros (1996, p. 61) afirmam que os MDs apresentam como macrofunção a reorganização da linearidade discursiva das informações trocadas pelos falantes. Tais itens

<sup>29</sup> O termo *função* apresenta uma variedade de empregos. Todavia, nesta pesquisa, utilizamo-nos desse termo não no sentido que se refere aos papéis que desempenham as classes de palavras ou os sintagmas dentro da estrutura das unidades maiores, mas ao papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, servindo a certos tipos universais de demanda, que são muitos e variados (Cf. HALLIDAY, 1973a apud NEVES, 1997, p. 08).

lingüísticos fazem com que informações a respeito do processamento cognitivo do falante sejam explicitadas, marcando na fala essas reformulações e, conseqüentemente, dando tempo ao falante para que organize melhor suas idéias. Os autores assumem que, além dessa função principal, os MDs, mesmo que em segundo plano, podem exercer também a função de reorganizador das relações textuais.

Uma linha textual-interativa é assumida por Urbano (1999) e Risso (1999) para definir a função dos marcadores discursivos em geral, distinguindo-os em orientadores da interação e seqüenciadores de tópico. Esses autores salientam que nem sempre é possível delimitar nitidamente os elementos cuja função é textual daqueles que têm função interativa.

Devido às múltiplas funções apontadas como marcadoras, redundando num conjunto de itens tão diversos, que se torna confusa sua classificação, Tavares (1999) define os MDs como um *saco de gatos*. Para a autora, o elemento que organiza o texto é um conector [no sentido gramatical] e o que faz a interação dialógica é um marcador.

Dal Mago (2001) distingue para a expressão *quer dizer* funções textuais e de caráter interacional, ou seja, articuladoras textuais referem-se a elementos que recobrem seqüências lingüísticas, enquanto que os MDs recuperam funções de ordem interpessoal.

Para Valle (2000, p. 77), os RADs *sabe?*, *não tem?* e *entende?* têm em comum a propriedade de requisitar apoio discursivo, chamando a atenção para o próprio texto. Atuam em dois níveis, ora focalizando informações veiculadas no texto, ora assinalando relações entre partes do texto.

Com relação aos itens *olha* e *veja*, parece consenso entre os autores que esses elementos são marcadores discursivos, com funções variadas: interpessoal (CASTILHO, 1989, p. 273), interacional (MARCUSCHI, 1989, p. 282; MACEDO e SILVA, 1996, p. 16), basicamente orientadora da interação (RISSO, 1999, p. 270; URBANO, 1999, p. 195). Entretanto, essa diversidade de funções atribuídas revela que as pesquisas acerca desses itens ainda têm um longo caminho a percorrer.

Partimos do princípio de que o aspecto motivador do uso desses elementos é o fato de que o falante precisa de elementos que marquem estratégias interativas no sentido de reorganizar o fluxo do pensamento e, ao mesmo tempo, registrar essa reorganização para o ouvinte. Nesse sentido, nossa análise revela que *olha* e *veja*, formas imperativas de segunda pessoa do singular, perdem seus traços de percepção física e da força manipulativa prototípica e tendem a funcionar como elementos de *chamada da atenção do interlocutor* para a informação a ser provida pelo falante, assumindo, portanto, funções de caráter pragmático-discursivo. Dessa forma, há contextos em que os itens sob análise atuam no nível mais

textual, exercendo funções relacionais, e outros em que desempenham funções mais voltadas para o nível extratextual.

### 3.3.2 A multifuncionalidade

Castilho (1989), ao classificar as funções dos marcadores discursivos (MDs), observa que as funções da linguagem não são excludentes, já que a um mesmo marcador pode corresponder mais de uma função, atribuindo aos MDs em geral a hiperfunção textual, pois julga ser mais abrangente à medida que esses itens organizam o texto durante a conversação. Assim, dessa derivam outras funções mais específicas, com base em Halliday (1985): a interpessoal e a ideacional.

Marcuschi (1989) concorda com a multifuncionalidade dos MCs<sup>30</sup> ao considerá-los tanto em suas propriedades interacionais (na condução dos atos ilocutórios e das relações interpessoais) bem como em suas propriedades intratextuais (na estruturação da cadeia lingüística), uma vez que os MCs, segundo o autor, operam simultaneamente como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória. Marcuschi, contudo, afirma que funções e mesmo posições sintáticas dos MCs são derivadas de outras mais altas, ou seja, as interacionais.

Para Leite (1999, p. 100), a expressão interrogativa *cadê*, de uso corrente na linguagem comum informal do Brasil, aparece aqui, desempenhando função ideacional, interpessoal ou textual, sendo, nesse caso, a interpessoal mais saliente do que as demais, visto que também depende do contexto discursivo no qual o item se insere. Vejamos o exemplo que segue:

(24) **Inf.** Cadê o segundo ano? Tem alguém do segundo ano? EF 124 –  
1.225<sup>31</sup>

Como podemos perceber, não há uma conformidade de qual função da linguagem é mais privilegiada, pois, segundo Halliday (1976), deve-se ter em mente o item analisado relacionado ao contexto discursivo em que se manifesta.

#### 3.3.2.1 A identificação das funções da linguagem para os itens *olha* e *veja*

<sup>30</sup> Marcuschi (1989) optou pelo termo Marcador Conversacional que é equivalente aos MDs mencionados por Castilho (1989).

<sup>31</sup> Esse exemplo retirado de dados do Projeto NURC/SP refere-se a um diálogo em que interagem um documentador e um informante. A codificação *Inf* identifica o informante.



Com base em Halliday (1976), assumimos a idéia de que o contexto discursivo pode privilegiar uma determinada função da linguagem, sendo que mudanças contextuais afetam a escolha da função a ser evidenciada. Assim, para uma análise mais precisa, testamos o comportamento discursivo dos itens *olha* e *veja*.

Conforme vimos no primeiro capítulo, ao participarmos de uma troca comunicativa, as formas imperativas *olha* e *veja*, em alguns contextos, parecem adquirir variadas funções. Inicialmente, por exemplo, como verbos plenos, podemos querer ordenar. A troca, todavia, só será bem sucedida se uma ação é realizada, isto é, se o ouvinte obedece ao comando de “mirar, fitar os olhos”. Nesse caso, a função ideacional é mais realçada, demonstrando também traço interacional ao manter contato com outras pessoas. Vejamos o exemplo:

(25) **F:** [Hoje] hoje [me dizem] dizem assim pra gente: "Ah! Mas você é um homem feliz, você mora [numa] num lugar nobre." Eu digo: "Sim. Eu moro num lugar nobre, mas eu nasci [no] no meio da capoeira, né?"

**E:** É sim. E [aqui] aqui pra trás, o que que é aqui [tem lotes].

**F:** [Aqui em baixo tem lotes, lote]. Aqui tem umas casas grandes, aqui olhe, tem casas grandes ("ali") pra baixo tudo. Aqui está tudo dividido, tudo loteado esse terreno. (CTB 23 L. 194)

Em outros contextos, no entanto, os itens revelam que o foco de atenção pode incidir tanto no interlocutor quanto no texto, fase em que diminuiria o componente ideacional, pois o ouvinte tem sua atenção direcionada para a informação a ser provida pelo falante, apresentando a função interpessoal mais evidente. Nessas situações, tais elementos possivelmente estejam ajudando a constituir um componente da linguagem que serve para organizar tanto o mundo interno como o mundo externo do falante, conforme o exemplo que segue:

(26) **E:** E o ouro, ele fica no Brasil ou é contrabandeado na tua opinião?

**F:** Olha, na minha opinião, eu acho que noventa por cento é desviado, porque é extraído muito ouro, existe muita gente nos garimpos, né? e a gente não ouve falar de ter tanto ouro assim no Brasil. A gente ouve falar que o país aqui, o Uruguai, que não tem ouro e é um grande exportador. Da onde é que vai esse ouro? Acredito que seja o nosso ouro, né? (POA 04 L. 824)

Nesse contexto, parece haver uma estratégia empregada pelo falante para estabelecer uma relação entre o ouvinte e o texto, por exemplo, ao concentrar a atenção em uma parte particular do texto, tentando aumentar o interesse do ouvinte em relação a essa parte.

Em outras situações, como em (27), percebe-se que esses itens apresentam a função textual em evidência maior do que as outras, pois deixariam de ter a função interpessoal como central, podendo estar em vias de assumir traços mais textuais:

(27) E: BTN?

F: BTN, quer dizer, tu começa pagando, vamos supor, mil cruzeiros agora, né? daqui uns dois meses tu já estás pagando dois e meio, quer dizer, é difícil pra ti pagares, principalmente que tem outras coisas pra ti fazeres, né? Então o estudo vai ficando pra trás. Ele é importante, mas a gente vai deixando pra trás. Não! o ano que vem eu começo, melhora um pouco, daí eu vou tentar fazer, né? Mas é que está difícil pra estudar, olha está muito caro assim, as prestações são lá em cima, [e pra ti] pra estudar num colégio [da] do Estado. né? é como tu dissesse, a gente tem medo, porque de repente não te ensinam direito, não tem aquela coisa assim. Porque colégio particular, às vezes, parece que te dão mais atenção. (POA 12 L. 975)

Como vimos até aqui, as funções da linguagem são indissociáveis e se manifestam simultaneamente. Todavia, o contexto discursivo no qual o item se insere determina se uma função da linguagem é mais evidenciada do que a outra, sendo que mudanças no contexto podem privilegiar determinada função. Vimos também que a tentativa de Traugott (1995) em colocar as três funções da linguagem numa escala que apontaria a direção dos itens em processo de gramaticalização é problemática, pois não dá conta do componente da linguagem orientado para o ouvinte. Assim, Heine e outros, ao considerar interrogativas e comandos, propõem uma nova trajetória para as funções lingüísticas que vai do ideacional > interpessoal > textual.

### 3.4 A GRAMATICALIZAÇÃO E A VARIAÇÃO

Com base no princípio da estratificação de Hopper (1991), podemos estabelecer uma relação entre a gramaticalização e a variação. Esse princípio prevê a coexistência de duas ou mais formas alternantes que possuem o mesmo significado e a mesma função, o que caracteriza o fenômeno da variação lingüística.

A alternância entre as formas pode levar uma delas a predominar em relação a outra. À medida que houver suplantação, uma das formas pode vir a desaparecer, ou se especializar em determinadas funções, ocorrendo a mudança.

Os postulados dos processo de gramaticalização diferem dos estudos variacionistas, tendo em vista, entre outros aspectos, que Labov (1994) considera que a variação decorre de mudança. Podemos efetivar uma pesquisa variacionista a partir do momento em que um determinado item lingüístico adquire várias funções e significados, compartilhando, em seguida, essas funções com outros elementos, passando a disputar o direito ao desempenho de uma determinada função.

Embora, em princípio, essas duas teorias possam parecer bastante distintas, isso não nos impossibilita a correlacioná-las, dado o caráter cíclico da gramaticalização, conseqüentemente, a variação é ativada pela mudança. Esse movimento tem origem num item em mudança e pode ser ciclicamente representado (Cf. GÖRSKI e outros. a sair):

mudança > variação > mudança [...]

Sob essa perspectiva, identificamos aspectos que diferenciam os dois modelos teóricos, todavia, isso não chega a ser um empecilho para que possamos correlacioná-los. Em vista disso, parece não haver contradição em afirmar que “a variação é ao mesmo tempo o ponto de partida e chegada da mudança lingüística” (Cf. CASTILHO, 1997). Também podemos afirmar que, ao contrário disso, a mudança é o ponto de partida e chegada da variação.

Nesse sentido, ao longo da análise dos itens *olha* e *veja*, podemos perceber que algumas formas desempenham uma mesma função, dependendo naturalmente de aspectos contextuais convergentes ou determinados. Por outro lado, menos freqüente, a mesma forma exerce funções diferentes. Por exemplo, a forma *olha* pode ser classificada como dois itens diferentes, segundo funções distintas que venha a desempenhar.

Em suma, enquanto que, na Teoria da Variação, temos uma função e diferentes formas que a desempenham [mais de um item competindo por uma função/significação], na Gramaticalização, temos uma forma que desempenha diferentes funções [um elemento assumindo papéis mais gramaticais].

## 4 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES

---

Com base nas considerações feitas no capítulo 1, bem como nos postulados teóricos do Funcionalismo Lingüístico e da Teoria da Variação e na revisão bibliográfica disponível relativamente aos MDs apresentados no capítulo 2, propomos os objetivos e lançamos as questões e hipóteses que emergem deste estudo.

### 4.1 OBJETIVOS

#### 4.1.1 Objetivo geral

Analisar e descrever o uso variável dos itens *olha* e *veja* a partir de dados de fala de informantes das três capitais do Sul do país, pertencentes ao Banco de Dados do Projeto VARSUL, observando o comportamento de cada elemento lingüístico, de acordo com o paradigma da gramaticalização, e sugerindo um possível percurso de mudança lingüística para esses itens.

#### 4.1.2 Objetivos específicos

- categorizar as funções desempenhadas pelos itens *olha* e *veja* na fala de informantes de Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba;
- uma vez definidas as funções discursivas, averiguar se os itens, objeto de nosso estudo, se alternam como variantes de uma mesma variável, ou de mais de uma variável lingüística;
- detectar os fatores lingüísticos e sociais que caracterizam os contextos de uso e a escolha de cada item lingüístico e de cada macrofunção/função discursiva;
- verificar se se trata de variação no indivíduo e/ou na comunidade;
- traçar uma possível trajetória funcional dos itens *olha* e *veja* e suas variações sob a perspectiva da gramaticalização;
- discutir o estatuto gramatical/discursivo dos itens sob análise.

## 4.2 QUESTÕES E HIPÓTESES

### QUESTÃO 1

Que funções discursivas estão sendo desempenhadas pelos itens lingüísticos de base verbal *olha* e *veja* na fala dos informantes de Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba?

### HIPÓTESE

Com base na literatura lingüística acerca do uso dos MDs em geral e numa análise preliminar de nossos dados, tomamos como ponto de partida as funções já descritas por Schiffrin (1987), Marcuschi (1989), Macedo e Silva (1996), Risso, Silva e Urbano (1996), Martelotta e outros (1996), Urbano (1999) e Risso (1999), as quais são apresentadas mais detalhadamente no capítulo 6.

Considerando que o conjunto de funções exercidas por *olha* e *veja* seja muito amplo, acreditamos que é possível identificar níveis de funcionamento: a uma *propriedade de chamada da atenção do ouvinte*, associam-se duas macrofunções - *articuladora interacional* e *articuladora textual* - sendo que a essas estão relacionadas funções mais específicas, como de advertência, interjetiva, prefaciadora, atenuadora, de planejamento verbal, exemplificativa, retórica, causal e concessiva. Através da análise dos contextos de ocorrência dos itens, o trabalho de delimitação de funções discursivas precisará ser ainda mais refinado, a fim de confirmá-las ou não em nosso estudo, tanto no âmbito interacional, quanto no textual. Como ressaltamos no capítulo 2, estamos prevendo sobreposição de funções, uma vez que elas se distribuem num *continuum*, como manifestações de uma mesma propriedade.

### QUESTÃO 2

As formas em estudo comportam-se como variantes de uma mesma variável lingüística?

### HIPÓTESE

Labov (1978) estabelece como condição necessária para a variabilidade entre duas ou mais formas sua equivalência em significado e seu uso no mesmo contexto. Considerando, conforme já discutido anteriormente, a noção de função/significação, as formas *olha* e *veja* apresentam em comum a *propriedade de chamada da atenção do ouvinte*. Espera-se, então,

que a essa propriedade geral corresponda uma variável lingüística, caso em que os itens em questão são intercambiáveis. Por outro lado, tendo em vista que dividimos essa propriedade em duas macrofunções – articuladora interacional e articuladora textual – é possível recortarmos ainda duas regras variáveis. De um modo ou de outro, acreditamos ser possível tratar os itens *olha* e *veja* como variantes de uma variável lingüística, alternantes num mesmo contexto discursivo. Em outras palavras: são formas que competem entre si num mesmo domínio funcional. [Cf. exemplificação no capítulo 5]

### QUESTÃO 3

Como se caracterizam os contextos discursivos de uso dos itens *olha* e *veja* no discurso oral?

#### HIPÓTESE

Ao postularmos que *olha* e *veja* sejam tomados como variantes de uma variável lingüística, por estarem unidos sob uma mesma *propriedade de chamada da atenção do ouvinte* para o contexto discursivo/textual, acreditamos que os itens, a partir das macrofunções e funções identificadas na fala dos informantes das três capitais do Sul do Brasil, apresentem algumas variações contextuais, dentre as quais destacamos:

- *veja*: com ocorrência maior na macrofunção articuladora textual, especialmente em contextos argumentativos;
- *olha*: mais produtivo na macrofunção articuladora interacional, em contextos factuais [Cf. MACEDO e SILVA (1996), aparece mais em contextos de citação].

### QUESTÃO 4

O uso dos diferentes itens estudados é sensível a fatores sociais como cidade, sexo, idade e escolaridade dos informantes?

#### HIPÓTESE

Pesquisas sobre fenômenos discursivos realizadas com dados do Projeto VARSUL (DAL MAGO, 2001; VALLE 2001) constataram a pouca influência de fatores sociais na

escolha desses elementos, ao passo que, em outros trabalhos, como de Tavares (1999), as variáveis extralingüísticas indicaram pistas da ocorrência de um processo de mudança lingüística em andamento no uso de itens discursivos. Nesse sentido, temos algumas expectativas quanto ao uso de *olha* e *veja*:

Espera-se que a forma *veja* esteja mais presente em Curitiba, dadas certas particularidades que a constituem (forma subjuntiva concordando com o sujeito *você*, de acordo com a norma padrão) – pronome de segunda pessoa naquela cidade. Em oposição, a expectativa é de que a forma *olha* seja mais predominante em Porto Alegre e Florianópolis. Os indivíduos mais velhos e os mais escolarizados devem fazer maior uso de *veja*, por ser essa a forma mais marcada [Cf. será discutido no capítulo 7]. Espera-se ainda que *veja*, por ser mais marcado, seja mais recorrente entre as mulheres, pois, alguns trabalhos têm mostrado que formas menos marcadas costumam ser mais utilizadas pelos homens.

## 5 METODOLOGIA

---

Neste capítulo, apresentamos os dois tipos de análise que comportam esta pesquisa: uma qualitativa e outra quantitativa. Para isso, ao delimitarmos a variável dependente, especificamos algumas restrições que se fizeram necessárias. Além disso, buscamos caracterizar o Banco de dados VARSUL do qual extraímos os dados que compõem o nosso *corpus*. Procuramos ainda evidenciar, resumidamente, o grupo de condicionadores lingüísticos e sociais que foram testados para posterior tratamento estatístico dos dados.

### 5.1 A ANÁLISE QUALITATIVA E QUANTITATIVA

Para proceder a uma investigação mais abrangente, realizamos, nesta pesquisa, uma análise qualitativa e outra quantitativa.

A análise qualitativa se dará, como destacamos no final do capítulo 2, através do mapeamento das funções desempenhadas pelos itens *olha* e *veja* (capítulo 6) e do estabelecimento de um possível caminho de mudança para cada um deles (capítulo 8).

A análise quantitativa focalizará, principalmente, o fato de que *olha* e *veja*, em determinados contextos, mostram-se intercambiáveis, pois compartilham características e uma multiplicidade de funções discursivas, sendo, portanto, candidatos a um tratamento variacionista.

### 5.2 DELIMITAÇÃO DA VARIÁVEL: ALGUMAS RESTRIÇÕES

Segundo Labov (1978), as regras variáveis implicam a existência de formas lingüísticas variantes, isto é, são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto. Nesse sentido, ao postularmos que *olha* e *veja* se constituem em variantes de uma mesma variável lingüística, foi necessário antes estabelecer algumas restrições para, posteriormente, procedermos a um tratamento estatístico dos dados.



Foram excluídos da análise estatística, mas na análise qualitativa, dados em que os itens *olha* e *veja* correspondiam a seus respectivos verbos de origem, isto é, com sentido relacionado à percepção física como em (28) e (29):

(28) E: “Pô! gesso de novo, eu fiquei um ano!” Ele assim: “Não, [não] é que eu estava brincando contigo. Olha, está aqui olha a tua chapa.” (FLP32 L.486)

(29) F: Não é. Porque afina muito o cabelo e cai o cabelo.

E: É?

F: Veja a Dona Ada, né? Ela usa tanta babosa, ela está quase careca. (CTB 14 L. 454)

Outros contextos que não foram controlados estatisticamente são aqueles em que as formas, também flexionadas na segunda pessoa, passam a expressar advertência: *cuidado com*, como em (30):

(30) E: Deixou tudo prontinho vou dançar e tal e coisa, né? Rodando, né? Programa ao vivo, né? A gurria de lá. Eu entrava, depois entrava ela, eu me lembro que eu tinha que dar uma bofetada nela, era machão, ela tinha que apanhar, pra platéia gostar, né? eu vou fazer e ela não se dá conta que eu tinha dito pra ele botar o microfone, e ela vai e diz: “Olha o microfone!” (POA 01 L.779)

Além disso, foram retirados do estudo variacionista os contextos em que se observou que as formas *olha* e *veja* deslocam o canal perceptual da ‘visão’ para a ‘audição’, conforme podemos observar no exemplo (31) a seguir:

(31) E: E aqui em Florianópolis, no verão, com turismo, as praias?

F: Ah, muito movimento, né? Aqui principalmente em Florianópolis, a Ilha da Magia que dizem, né? vem [turista] turistas de tudo que é lado, então tu vê um falando inglês no teu lado, o outro falando (risos F) japonês, outro holandês e outro assim, então [tu] tu nunca sabe. Só que te sentes até mal porque de repente tu não sabes onde que realmente, né? (FLP28 L.236)

Excluimos ainda do tratamento estatístico dos dados os contextos em que *olha* e *veja*, ainda como verbos, enfraquecem seu sentido relacionado à percepção e passam a significar “saber, perceber com a razão”. como em (32):

(32) E: [Que nem] <mãinha>. (riso E)

F: É, são lá da mesma terra, né? Então daí você já vê que é [o] outro sotaque também, assim já [é] fala totalmente diferente, né? É, o tempero, o jeito de comer, tudo é totalmente diferente, né? Então você já E ainda [não] não fui pra lá, mas quero ir. (CTB 01 L.197)

Todos os casos mencionados acima foram considerados apenas na análise qualitativa.

Havia, também, dados na fala dos entrevistadores como nos trechos abaixo:

(33) F: A matriz começou aqui. Começou aqui, no ano eu não me lembro certo, porque talvez eu até nem fosse nascido, né?

E: Provavelmente. [É] sim porque olha, meu pai trabalha há trinta anos no Móveis Pedroso e você tem vinte e nove. (CTB 03 L.317)

(34) F: Eles estão muito, né? Estão cantando fininho demais, né? e eles não cantavam tão fino assim. E eu estou isso aí é problema da idade mesmo, né?

E: Mas veja, eles cantam desde os cinco, seis anos, né? [desde que eram crianças, né?] Imagine, a vida toda cantando. (CTB 03 L.493)

Devido à impossibilidade de controlar as informações sociais dos entrevistadores, excluimos da análise quantitativa todos os dados de *olha* e *veja* presentes nas suas falas, restando apenas como mais um indicador qualitativo de atuações discursivas dos itens analisados.

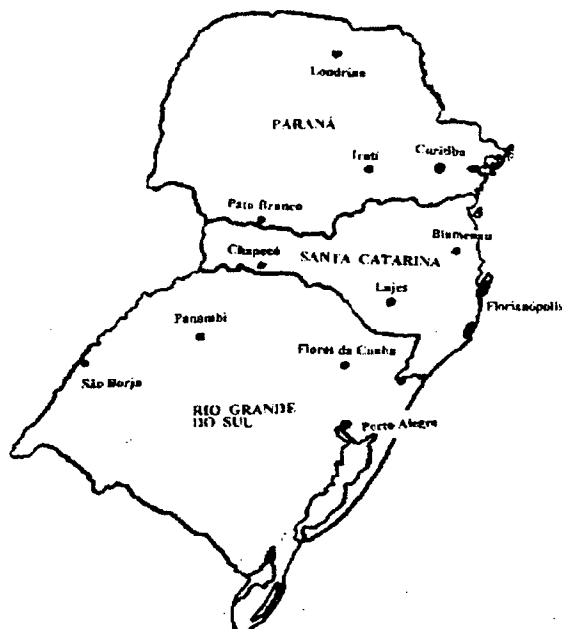
Foram, por fim, excluídas da análise estatística, do montante de oitenta e quatro (84) informantes, apenas seis (6) entrevistados de Florianópolis que não continham dados de *olha* e *veja*. Os números dessas entrevistas são: 10, 17, 26, 34, 35 e 36. Para os demais informantes, são apresentados, no capítulo 7, os percentuais de ocorrência dos itens nas entrevistas.

### 5.3 O CORPUS

O *corpus* para esta dissertação foi obtido junto ao Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil), implementado pelas seguintes instituições: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Universidade Federal do Paraná – UFPR. Além dessas, a partir de 1993, participa do projeto a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

O Banco de Dados do Projeto VARSUL conta oficialmente com 288 entrevistas gravadas de acordo com a metodologia sociolingüística, com informantes de doze cidades. A figura abaixo mostra a distribuição geográfica das localidades incluídas na amostra até este momento.

**FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS INCLUÍDOS NO BANCO DE DADOS VARSUL (Extraído de KNIES e COSTA, 1996, p. 11)**



O Grupo de pesquisa VARSUL tem como metas a ampliação do Banco de Dados VARSUL (a fim de cobrir outras faixas etárias e zona não urbana), a descrição da variedade lingüística urbana na Região Sul e de suas subvariedades locais e a comparação com resultados de outras regiões do Brasil. Assim sendo, está aberto para consultas e fornecimento de dados aos professores e alunos das universidades participantes do projeto e aos pesquisadores e alunos de pós-graduação vinculados a instituições de ensino e pesquisa nacionais ou estrangeiras.

Para a seleção prévia dos contextos de uso dos itens em análise, foi utilizado o Programa **Interpretador** (Engesis Engenharia Ltda), que nos forneceu um conjunto de 671 dados de *olha* e *veja* provenientes de 84 entrevistas, considerando-se a estratificação social apresentada nos quadros 1 e 2. É importante ressaltar que optamos por analisar duas amostras, definidas a seguir:

A primeira amostra contém vinte e quatro (24) entrevistas de cada uma das três capitais do Sul do Brasil – Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba –, as quais compreendem, aproximadamente, 72 h de gravação. Essa amostragem está constituída por informantes, distribuídos igualmente por idade, sexo e escolaridade. Nesse caso, podemos fazer uma análise comparativa entre as três localizações geográficas.

QUADRO 1 – DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR CAPITAL

	Escolaridade					
	Primário		Ginasial		Colegial	
Idade \ Sexo	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
25 a 49 anos	2	2	2	2	2	2
Mais de 50 anos	2	2	2	2	2	2
Total Parcial	4	4	4	4	4	4
Total	08		08		08	
Total de 24 informantes						

A segunda apresenta, além das vinte e quatro (24) entrevistas indicadas acima, uma coleta adicional da fala de doze (12) jovens (15 a 24 anos) da cidade de Florianópolis. Incluímos dados dessa faixa etária mais jovem (aproximadamente em 12h de gravação), a fim de testarmos se, na escolha dos itens lingüísticos investigados, há influência com relação ao fator idade<sup>32</sup>.

Vejamos, no quadro 2. a seguir, a distribuição dos informantes de Florianópolis:

QUADRO 2 – DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES DE FLORIANÓPOLIS

	Escolaridade					
	Primário		Ginasial		Colegial	
Idade \ Sexo	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
15 a 24 anos	2	2	2	2	2	2
25 a 49 anos	2	2	2	2	2	2
Mais de 50 anos	2	2	2	2	2	2
Total Parcial	6	6	6	6	6	6
Total	12		12		12	
Total de 36 informantes						

5.4 A VARIÁVEL DEPENDENTE E AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Com base no aparato teórico da Teoria da Variação, o recorte da regra variável é realizado, inicialmente, na *propriedade de chamada da atenção do ouvinte* para o contexto discursivo/textual, objetivando captar as diferentes nuances contextuais desses elementos.

Como se pode perceber, este trabalho apresenta ênfase maior à verificação se esses itens se constituem em regra variável e quais são os condicionamentos de uso das variantes. Para tal, controlamos um conjunto de quatorze variáveis independentes, constituídas por fatores lingüísticos e sociais. que podem atuar cumulativamente na variação, os quais serão

<sup>32</sup> Ampliamos a amostra apenas com dados de jovens florianopolitanos, uma vez que, nessa capital, esse material já se encontra disponível.

detalhados juntamente com as hipóteses no capítulo 7 sobre o funcionamento dos itens *olha* e *veja*.

Vejamos, resumidamente, a distribuição dos grupos de fatores lingüísticos e sociais controlados:

- **Macrofunção discursiva:** articuladora interacional ou articuladora textual;
- **Função discursiva:** prefaciadora, atenuadora, de advertência, interjetiva, de planejamento verbal, exemplificativa, retórica, causal ou concessiva;
- **Apresentação formal dos itens *olha* e *veja*:** *olha* ~ *olhe* ~ [ɔya] ~ [ɔy] ~ [ɔ] ou *veja* ~ *vês* ~ *vê*;
- **Presença/ausência de pronome junto a *olha* e *veja*:** tu ou você;
- **Posição na frase:** inicial, medial, final ou não se aplica;
- **Relação sintática com a estrutura oracional:** sintaticamente dependente ou sintaticamente independente;
- **Tipo de seqüência discursiva:** argumentação, citação, descrição, factual, narração ou relato de procedimentos;
- **Coocorrência:** junto a conector, a marcador discursivo, a palavra reforçadora ou sem coocorrência;
- **Pausa:** ocorrência de pausa anterior, ocorrência de pausa posterior ou sem ocorrência de pausa;
- **Sexo:** feminino ou masculino;
- **Idade:** 15 a 24 anos (somente para Florianópolis), 25 a 49 anos ou mais de 50 anos;

- **Escolaridade:** primário, ginásial ou colegial;
- **Cidade:** Porto Alegre, Florianópolis ou Curitiba; e
- **Informante:** Totalizam setenta e oito (78) entrevistados: 24 Porto Alegre. 30 de Florianópolis e 24 de Curitiba.

## 5.5 O TRATAMENTO DOS DADOS

Como observamos na seção anterior, através do Programa Interpretador, coletamos as informações no Banco de Dados, localizando as ocorrências dos itens *olha* e *veja*. O registro das entrevistas é realizado em três linhas. Na primeira linha, informa-se a sintaxe real da fala dos entrevistados com hesitações e interrupções, utilizando, entre outros recursos, os princípios ortográficos que regem a escrita padrão do Português. Na segunda linha, registram-se as unidades fonéticas variáveis, previsíveis ou inesperadas, detectadas nas entrevistas e as pausas. Na terceira linha, apresentam-se informações sobre a ênfase e a mudança de velocidade na fala e fornece-se uma classificação morfossintática dos itens. (Cf. KNIES, 1996, p. 60)

Observamos que, em trechos transcritos esporadicamente por transcritores diferentes, ou até mesmo pelos transcritores em momentos diferentes, havia formas diversas para o item *olha*, quais sejam *olha*, *olhe*, [ɔya], [ɔy] e [ɔ]. Sendo assim, antes de codificarmos os dados, a audição das 84 fitas se fez necessária, a fim de precisarmos as reais formas produzidas pelos informantes.

Feito isso, os dados selecionados foram codificados a partir do grupo de fatores já apresentado, com o intuito de identificarmos os contextos de preferência e os direcionamentos interacionais e/ou textuais desses itens.

Após a coleta e a codificação, os dados foram submetidos ao programa estatístico VARBRUL 2S (PINTZUK, 1988) para análise probabilística, o qual forneceu, através da combinação dos grupos de fatores sociais e lingüísticos, a frequência, os percentuais de ocorrência e os pesos relativos associados a cada fator atuante na escolha de uma ou de outra variante.

Neste capítulo, retomamos e aprofundamos a discussão sobre os MDs já esboçada no capítulo 3. Conforme mencionado em outros momentos nesta dissertação, realizamos um levantamento das funções discursivas desempenhadas pelos itens *olha* e *veja*, tomando como referência tanto os estudos descritivos do português, segundo Castilho, 1989; Marcuschi, 1989; Macedo e Silva, 1996; Risso, Silva e Urbano, 1996; Urbano, 1999; Risso, 1999, nos volumes da *Gramática do Português Falado* e do *Português culto falado no Brasil*, como as pesquisas de Martelotta e outros, 1996, junto ao Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* (UFRJ). Após a leitura atenta desses autores, verificamos que a maioria deles confere aos elementos lingüísticos *olha* e *veja* o que estamos chamando de *propriedade de chamada da atenção do ouvinte*<sup>33</sup>. Todavia, seus textos deixam antever que há funções mais específicas, ora mais interacionais, ora mais seqüenciais, ora ambas simultaneamente, relacionadas a essa propriedade geral, as quais são determinadas por pressões contextuais, nascidas do próprio andamento das relações discursivas (Cf. RISSO, obra citada, p. 271).

É necessário frisar a dificuldade em caracterizar as funções que os itens *olha* e *veja* venham a desempenhar, uma vez que a regularidade não é tão sensível e, portanto, mais difícil ainda é querer incluí-las numa trajetória linear de mudança (Cf. MARTELOTTA, 1998, p. 65).

Optamos por agrupar, nas seções a seguir, os autores que dispensam um tratamento similar aos itens em estudo, a fim de dar uma visão global das mesmas, sem nos atermos, portanto, à cronologia de publicação das obras consultadas. À medida que vamos especificando as funções, ilustramos as mesmas com dados de nossa amostra.

### 6.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ITENS *OLHA* E *VEJA*

Como vimos no capítulo 2, os itens *olha* e *veja* expandem seu sentido lexical de base referente à percepção e passam a expressar outras significações, podendo

---

<sup>33</sup> Encontramos, na literatura lingüística, o que estamos denominando de *propriedade de chamada da atenção do ouvinte* classificada sob variadas designações: interpessoal (CASTILHO, op. cit., p. 273), interacional (MARCUSCHI, op. cit., p. 282; MACEDO e SILVA, op. cit., p. 16) e basicamente orientadora da interação (RISSO, op. cit., p. 270; URBANO, op. cit., p. 195).

sinalizar diferentes atitudes do falante. Tal movimento mostra um desbotamento semântico do caráter imperativo e do matiz de percepção visual e um ganho de valor pragmático-discursivo, preservando-se, entretanto, a *propriedade de chamar a atenção do interlocutor*, que se volta, agora, para a informação do texto do falante.

Uma análise do funcionamento dos itens *olha* e *veja*, a partir da observação de traços mais salientes encontrados no contexto discursivo em que se manifestam, permitiu identificar duas funções mais amplas, que podemos chamar de macrofunções, as quais recobrem funções específicas, assim definidas:

- a) macrofunção articuladora interacional (mais voltada para as atitudes do falante em relação ao texto que ele está produzindo, tendo em vista o interlocutor) – reunindo as funções: de advertência, interjetiva, atenuadora, de planejamento verbal e prefaciadora; e
- b) macrofunção articuladora textual (mais voltada para a seqüenciação do texto, assinalando relações textuais de caráter coesivo) – agrupando as funções: retórica, exemplificativa, causal e concessiva.

Achamos mais conveniente distribuir *olha* e *veja* em duas macrofunções devido aos graus de envolvimento dos parceiros, sugeridos por Urbano (obra citada, p. 198). O autor compreende o conceito de interação como uma abrangência considerável, não se referindo apenas aos processos de relação interpessoal, mas também ao de manifestação pessoal, abrindo-os em vários subgrupos, cada um compreendendo um conjunto de funções interligadas, quase num *continuum*. Esses conjuntos distribuem-se em vários graus de envolvimento dos parceiros, partindo do maior envolvimento do falante consigo mesmo e menor com o interlocutor (maior grau de “subjetividade”) até uma situação oposta (maior grau de “intersubjetividade”).

Assim, nos contextos onde *olha* e *veja* atuam, relacionados à macrofunção articuladora interacional, há um envolvimento interpessoal dos parceiros conversacionais mais explícito (maior intersubjetividade), enquanto que, em outras situações, os itens que dizem respeito à macrofunção articuladora textual ajudam a organizar a atitude do falante diante do próprio texto, caracterizando um grau de maior subjetividade, pois tendem a se distanciar do ouvinte.

Para Urbano (obra citada, p. 200), a hipótese sobre os graus de envolvimento dos parceiros é um tanto complexa e ambígua, pois nem sempre se tem conhecimento suficiente das circunstâncias em que teria sido produzida a fala, sendo sua classificação



questionável. entretanto, trata-se, sem dúvida, de um mecanismo de orientação interacional.

Ressaltamos ainda que as características apresentadas nos grupos a) e b) não são excludentes, uma vez que dificilmente uma forma desempenha uma única macrofunção ou função, sendo comum a coocorrência ou sobreposição de funções (Cf. URBANO, obra citada, p. 198).

Martelotta (1998, p. 65 – 66) argumenta que a regularidade, no que diz respeito ao surgimento de marcadores discursivos, não é tão sensível e mais difícil ainda é caracterizar-lhes a função, basicamente porque suas subfunções parecem se sobrepor e mesmo se confundir entre si, de modo que uma mesma ocorrência de um marcador pode desempenhar mais de uma das subfunções que lhe são peculiares. Isso é uma consequência do fato de que as subfunções dos marcadores são, na realidade, manifestações de uma mesma macrofunção discursiva, ligada à viabilização da comunicação, em níveis lingüísticos.

#### 6.1.1 *A propriedade de chamada da atenção do ouvinte*

Alguns estudos, ainda que recentes, tanto os publicados em volumes da *Gramática do Português Falado* e do *Português culto falado no Brasil*, como os desenvolvidos pelo Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* (UFRJ), revelam que é significativa a incidência dos verbos perceptuais (*ver* e *olhar*, que pouco têm a ver com o sentido literal) como marcadores discursivos (MDs). Percebemos em nossa amostra a grande recorrência dos itens lingüísticos *olha* e *veja* como MDs ocupando variadas posições, seja introduzindo, relacionando ou finalizando tópicos da entrevista, além de desempenharem diversas funções no discurso, conforme o contexto em que se manifestam.

Devido à natureza interativa e multifuncional dos itens *olha* e *veja*, apresentamos, a seguir, os trabalhos de Macedo e Silva, obra citada; Martelotta e outros, obra citada; Travaglia, obra citada; Urbano, obra citada e Risso, obra citada, que mostram evidências da *propriedade de chamada da atenção do ouvinte* desses elementos.

Risso (obra citada, p. 260), em seu estudo sobre *bom*, *bem*, *olha* e *ah*, destaca a tendência para cristalização semântica do item *olha*, que define um apagamento parcial

da referência à ação visual de *fitar a vista em* algo, típica desse elemento. Essa referência à percepção visual aparece remanejada para a expressão de uma outra espécie de envolvimento sensório-cognitivo, proposto ao ouvinte em forma de um chamado de sua atenção para a declaração superveniente.

Vejamos um exemplo dessa função proposta pela autora:

(35) **Doc** – E como passavam o dia?

**Inf** – ***Olha*** eu era tão pequena sabe que eu já não me lembro disto...O que e que a gente fazia? A gente andava pra... por aqui, por ali... mas o que a gente fazia mesmo eu não posso dizer.

Parece que tais elementos lingüísticos, ao abrir determinados contextos, sinalizam intenções distintas do falante, como: testam o grau de atenção e participação do ouvinte durante a atividade comunicativa e auxiliam na organização coesiva dos enunciados, relacionando diferentes justificativas que o falante apresenta em sua fala.

Martelotta e outros (obra citada, p. 72 – 73) observam que as formas conjugadas *olha aí*, *olha só* e *veja só* tendem a funcionar como elementos de aviso ou de chamamento da atenção do ouvinte para o que vai ser dito. Assim, em certos contextos, provavelmente essas formas estejam perdendo parte de seus significados lexicais de base, visto que chamam a atenção do ouvinte para as informações do texto.

Travaglia (obra citada, p. 117) apresenta a hipótese de que elementos iniciadores que chamam a atenção do falante para determinados elementos e idéias dentro do texto como *olhe*, *olha*, *ó*, *óia*, *veja*, *veja bem* têm a função de marcar relevo. O locutor, ao formular seu texto, utiliza-se desse recurso ou para destacar determinados elementos dentro do texto, colocando-os em proeminência em relação a outros (relevo positivo), ou para rebaixar, ocultar certos elementos em relação a outros (relevo negativo). Esses itens sinalizariam uma opinião do falante, destacando-a. Segundo o autor, essa hipótese parece se confirmar nos exemplos em que o falante chama a atenção para o argumento que vai propor na seqüência:

(36) I2 ...Com a, a, a, ***olha aqui***, alguém duvida, por exemplo, eu, já, falando sobre o aspecto de comida de novo...mas alguém duvida da, da qualidade da sardinha brasileira. Alguém duvida?

(37) I1 ***Olha*** eu me limito a faze(r) um bom, bom! Um churrasco (superposição) churrasco. Mas eu posso fala(r).....

(38)... i que era hora di eli vim aqui, intão eu sai cá minha mãe. Intão, ***olha só***, ***mais óia***, achu qui issu é...gozadu até porque é au contráriu, né, as coisas...

Nos exemplos (36) (37) e (38), o falante dá relevo ao que ele sabe fazer e ao fato de que os acontecimentos são ao contrário do esperado. Para o autor, é o marcador *olha* que faz isso chamando a atenção do interlocutor para o que o falante vai dizer.

Urbano (obra citada, p. 226) ratifica a hipótese de que as formas *olhe*, *olha* e *veja* não são uma simples abertura de frase, mas têm realmente uma significação pragmática de solicitação de atenção, sem qualquer valor semântico que a forma verbal de fonte lexical pareça embutir:

(39) **Doc** Não gosta de jogo?  
**Inf** *Olha*, eu gosto de jogo de carta, né? <sup>34</sup>

(40) **L1** 'não *veja* eu continuo achando viu?'<sup>35</sup>

Macedo e Silva (obra citada, p. 11) e Risso (obra citada, p. 262) classificam os itens *olha* e *veja* como marcadores iniciadores já que iniciam turnos de resposta, em estruturas de pares conversacionais adjacentes, podendo sinalizar diferentes instâncias de abertura na tessitura textual da informação, além de orientar a direção da informação a ser dada pelo falante, uma vez que o foco da atenção pode incidir sobre o próprio locutor, deixando de apontar diretamente para o entrevistador. Há contextos em que, ao abrirem turnos de resposta, *olha* e *veja* podem deixar automaticamente implícita uma concordância, ou discordância com o entrevistador, ou ainda, podem suscitar uma longa manifestação que vai muito além da especificidade aparente do tópico proposto pelo entrevistador.

Observemos o seguinte exemplo de MD iniciador apresentado por Macedo e Silva (obra citada, p. 11):

(41) **Olha**, eu em questão de cozinha eu gosto de fazer tudo.

A partir da leitura dos trabalhos acima referidos, os quais permitiram a identificação da *propriedade de chamada da atenção do ouvinte*, acreditamos na possibilidade de dividi-la em duas macrofunções: a interacional e a textual, conforme já apresentamos na abertura desse capítulo. A primeira com maior ênfase nas atitudes do falante em relação ao texto que ele está produzindo tendo em vista o interlocutor,

<sup>34</sup> As codificações **Doc** e **Inf** se referem, respectivamente, ao documentador e ao informante.

enquanto que a segunda mais voltada para a seqüenciação do texto, assinalando relações de caráter coesivo. É o que apresentamos na seqüência.

## 6.2 AS MACROFUNÇÕES E FUNÇÕES DOS ITENS *OLHA E VEJA*

### 6.2.1 A macrofunção articuladora interacional

*Olha* e *veja* são marcas interativas que atuam num processo de negociação de trocas de idéias, de informações, de construção do texto oral; sinalizam claramente a interação face a face e um maior grau de envolvimento interpessoal dos parceiros conversacionais (componente “orientado para o ouvinte” e “orientado para o falante”).

Segundo Risso (1999:260), os turnos de pergunta e resposta são reciprocamente interdependentes e atados por uma relação de relevância condicional (cf. Schegloff, 1972) que denuncia o envolvimento dos locutores no evento discursivo. Assim, os elementos lingüísticos definem a reação imediata ao esquema enunciativo envolvido no turno precedente e, portanto, a “atitude responsiva ativa” (Bakhtin, 1992) do interlocutor, para o atendimento do que lhe foi solicitado.

A seguir, devido à multifuncionalidade e ao caráter *continuum* dos itens, tentamos organizar as funções relacionadas à macrofunção interacional numa certa ordem que poderá contribuir para a proposta de trajetória de mudança apresentada adiante, bem como para o controle da regra variável.

#### 6.2.1.1 A função de advertência

O contexto em que *olha* ou *veja* aparece revela advertência, dúvida ou incredulidade contra a informação expressa pelo informante. Esses itens, em alguns contextos, antecipam um certo tom de desacordo ou restrição com relação ao conteúdo informacional da resposta do entrevistado.

(42) F: Ahã. Desenho nossa professora de desenho era a professora Valéria, de desenho. Tinha aquele professor Doutor Peixoto. Ele foi

<sup>35</sup> Esse exemplo, retirado de dados do Projeto NURC, refere-se a um diálogo em que interagem uma documentadora e duas informantes. O código L1 indica a locutora 1.

até diretor do Banco do Estado. [Doutor] Doutor Peixoto, Ele era professor de Português. nosso. Era bastante, né? Assim [de] das aulas era mais professor. que tinha.

E: Não tinha nenhuma aluna que se apaixonava pelo professor?

F: Não. Até que não teve.

E: **Olha**, Dona Juce!

F: (riso f) [Não] não me lembro assim. Tinha um professor que nós até dormia [na <esco->] na aula dele. (CTB 16 L.479)

(43) F: [Essa aqui] era um namorado meu. Ah! meu Deus, [que lindo]!

E: [Nossa! Que bonito], [hein]!

F: [E eu] não gostava dele. Eu [me escondia].

E: [Mas veja]!

F: Que pena! Como é que é o nome desse cachorro? Não me escreveu. Mas ele era lindo, ele me adorava e eu não gostava dele. Porque, olha eu podia ser feliz, né? Não, mas era uma <doenç-> [uma paixão].

I: [**Veja** o que] a senhora fala aí. hein. (CTB 14 L.1141)

Note que, em (42), “**Olha**, Dona Juce!” manifesta uma dúvida ou falta de convicção a respeito da afirmação da entrevistada. No caso do exemplo (43), **veja** sinaliza uma advertência com relação ao juízo emitido anteriormente pela locutora.

#### 6.2.1.2 A função interjetiva

**Olha** e **veja**, de natureza exclamativa, atuam em contextos que manifestam, conforme a entonação, surpresa, alegria ou decepção por parte do informante ou do entrevistador.

(44) E: Até hoje porque passeio nosso é esse. É ir [pra] pra fora. Gosto muito de passear. [ficar] ficar em chácaras, conhecer lugares também, [tem] tem muito grandes. Maior diversão para nós [que temos] [é] que estamos trabalhando em casa, nós devemos sempre sair. Agora, quem trabalha fora, que sai todo dia, eles preferem passar em casa lendo, estudando. Eu, engraçado, [meu primeiro] quando eu comecei a trabalhar, foi com dezoito anos. Aí eu falei pra meu pai: “[Deixa] deixa trabalhar porque eu preciso. Porque eu gosto de comprar umas revistas, umas coisas”. [E] e ele então: “[<E>] então vai trabalhar comigo [na] no laboratório. Aí formamos um laboratório, fiquei trabalhando uns três anos, fazendo perfume. As receitas vinham [tudo] da França.

E: **Olha**! Era perfume francês!

F: Era! Essência francesa. (CTB 06 L.803)

(45) F: Essa aqui era um namorado meu. Ah! meu Deus, [que lindo]!

E: [Nossa! Que bonito], [hein]!

F: [E eu] não gostava dele. Eu [me escondia].

E: [Mas **veja**]!

F: Que pena! Como é que é o nome desse cachorro? Não me escreveu. Mas ele era lindo, ele me adorava e eu não gostava dele. Porque, olha eu podia ser feliz, né? Não, mas era uma <doenç-> [uma paixão].

I: [Veja o que] a senhora fala aí, hein. (CTB 14 L.1138)

Percebemos que, em (44), *olha* denota uma surpresa por parte do entrevistador pelo fato de a família do informante fabricar perfume com fórmula francesa. Já em (45), o item *veja* revela que a expectativa da entrevistadora foi contrariada, pois ela ficou um tanto decepcionada ao saber que, apesar de ser bonito, a informante não gostava do namorado.

### 6.2.1.3 A função atenuadora

Os itens *olha* e *veja* introduzem contextos que apresentam um não comprometimento do falante com as informações, indicando uma posição de incerteza em relação ao que será dito em seguida. Tais itens linguísticos têm a finalidade de limitar ou neutralizar possíveis reações desfavoráveis ou interpretações contrárias ou prejudiciais por parte do interlocutor, ou ainda, podem revelar o não comprometimento do falante com relação à informação proferida. O falante não impõe (ou finge não impor) a sua opinião, ainda que se trate de uma mera manobra discursiva, deixando (ou fingindo deixar), assim, ao interlocutor a possibilidade de aceitar ou não os argumentos apresentados, de aderir ou não ao discurso que lhe é dirigido.

Castilho (obra citada, p. 274) e Macedo e Silva (obra citada, p. 40) destacam a função de atenuação de um aspecto do tema, quando convém ao falante abrandar seu discurso.

O emprego de elementos atenuadores parece diminuir a força ilocutória dos enunciados opinativos e, assim, faz com que o locutor não se veja comprometido com os juízos emitidos. Isto é, os atenuadores aparecem abrindo uma fala em que há necessidade de preservar a face dos interlocutores, visto que

a necessidade de utilizarmos atenuadores na interação se baseia no modelo de Brown e Levinson, segundo o qual, uma das principais preocupações nos contatos humanos é preservarmos a 'imagem' ou 'face' dos interlocutores, de modo que sejam mantidas ao mesmo tempo a liberdade de ação de cada um e o desejo de aprovação que cada um tem como parte necessária da psiquê humana. (MACEDO e SILVA, obra citada, p. 40)

Reproduzimos, a seguir, exemplos de contextos, pertencentes ao nosso *corpus*, que classificamos como **função atenuadora** para *olha* e *veja*:

(46) E: Ana Rita, podias pegar um cafezinho pra nós, faz favor? Eu queria saber mais uma coisa, [tu] tu gostas de cozinhar?

F: Olha, não é meu forte. Não sou muito chegada na cozinha, mas dá pra quebrar um galhinho. Mas eu tenho duas receitas bem legais. Duas coisas que eu gosto, assim, de fazer, que eu aprendi e gostei de fazer. Uma é uma salada bem gostosa, assim, com frutas, né? e outra é um creme. (FLP 01 L. 595)

(47) E: Totalmente? Então quando você diz que é um estado de espírito, mas estado de espírito é uma coisa só tua, tá? e como que funciona esse teu eu com o resto do mundo?

F: Veja bem, se sentir amado de fora pra dentro, sabe? uma outra pessoa gostar de você, tipo homem mulher é um lance, mas se você se sentir amado por uma coletividade, se sentir bem, sabe? se sentir bem, você chegar num lugar e ter várias pessoas, nenhuma delas te conhece você se sente como? (CTB 09 L. 1108)

Em (46), parece que a informante usa o item *olha*, no início do turno, para amenizar seu discurso a fim de não dar uma resposta negativa ao entrevistador, ou seja, fala de duas receitas que gosta de fazer, no entanto, não é “chegada” na cozinha. Em (47), devido à subjetividade da pergunta do entrevistador, notamos que *veja bem* inicia uma resposta em que há necessidade de manter a boa imagem entre os interlocutores especialmente porque o informante argumenta a respeito de um tema subjetivo (*o seu ‘eu’ com o resto do mundo*).

#### 6.2.1.4 A função de planejamento verbal

Há contextos em que os itens *olha* e *veja* evidenciam a busca simultânea de manutenção de contato e de tempo para organização textual do falante, podendo normalmente aparecer precedidos de pausa, pois possibilitam ao locutor um breve instante de reflexão, decorrente da busca das palavras que melhor expressem as informações que devem ser transmitidas. Trata-se da função que Urbano (1999:210) denomina como *retardadora* e que, neste estudo, caracterizamos como de **planejamento verbal**. Para o autor, essa função mescla o caráter de subjetividade, ao menos parcial, no sentido de auto-envolvimento (mistura de hesitação, surpresa, preocupação), com intersubjetividade plena, na medida em que se trata de início de

resposta, evidenciando, nesse contexto, o aspecto interpessoal mais “orientado para o ouvinte”.

Risso (obra citada, p. 277) afirma que *bom*, *bem*, *olha* e *ah* são enchiementos verbais que funcionam fundamentalmente para manter o canal de interlocução aberto, pois nem sempre o informante está preparado para um pronto atendimento a cada nova questão. Nesse caso, o item *olha*, de acordo com Risso, firma-se claramente como sinalizador pragmático do monitoramento local do texto falado e das relações interlocutivas responsáveis por sua co-produção dinâmica e emergencial.

Vejam os alguns contextos em que os itens atuam com **função de planejamento verbal**:

(48) **E**: Tânia, me diz uma coisa agora, dentro da educação, o que tu achas da Língua Portuguesa? O que é falar bem a língua portuguesa pra ti?

**F**: Olha... pra mim, eu acho assim, que falar bem a língua portuguesa. Olha...eu nem sei te explicar bem [o] a língua portuguesa, porque eu tenho tão pouco tempo de estudo, que eu nem conheço bem a língua portuguesa. Mas, o meu ver, eu acho assim, que é muito importante a língua portuguesa assim. Tu sabes se explicar, tu sabes conversar com uma pessoa assim, sem falar algumas coisas erradas, que talvez até eu esteja falando nessa entrevista, alguma coisa assim Atropelando, né? [Se eu tenho uma boa língua] se eu estudo e aprendo português, talvez eu não atropele tanto que nem eu estou atropelando agora, né? Mas eu acho muito importante a língua portuguesa, eu acho que é fundamental, eu acho que é uma das matérias mais importantes, né? (POA 12 L. 1024-25)

(49) **E**: E que, que, como é que a senhora sente assim a cidade de Curitiba, a senhora gosta daqui?

**F**: Gosto, gosto, sempre gostei. Apesar que eu estava achando [<a->] agora Curitiba muito suja.

**E**: Suja?

**F**: Suja. Curitiba é um cartão postal, é muito bonita, e agora está muito suja. Está suja e relaxada, mas isto acho que o culpado mesmo é o governo pelo falta de verba. Porque você vê... eu acho, eu sempre pego uma casa <d> de uma família, eu faço uma comparação com o governo. Se numa casa não há boa administração, então [as] as coisas não vão bem. E assim é o governo, se não tem [<a>] administração boa o país não pode ir bem, [né?] (CTB 22 L. 1171)

Há pistas, como pausas, prolongamentos e expressões com valor modalizador, presentes no contexto, evidenciadas nos exemplos (48) e (49), que levam à interpretação de *olha* e *veja* como itens de **planejamento verbal**, porque atuam no auxílio para o falante ganhar tempo para reorganizar sua resposta.



### 6.2.1.5 A função prefaciadora

Encontramos os itens *olha* e *veja* introduzindo contextos em que o falante desvia o tópico da pergunta, ficando implícita, através do contexto precedente, a resposta à pergunta do entrevistador.

De acordo com a pesquisa de Risso (obra citada, p. 275), nem sempre o falante desenvolve imediatamente, no segundo turno, o tópico que o primeiro turno propõe. Com alguma frequência, os interlocutores reagem a questões que lhes são dirigidas recorrendo a respostas prefaciadas, que adiam o atendimento imediato do ponto relevante da informação suscitada pelas perguntas dos interlocutores. Isso ocorre devido à natureza da pergunta, pois o vínculo das interrogações, geralmente encabeçadas por pronomes e advérbios interrogativos, ou marcadores de tematização, ou expressões solicitadoras de opinião propiciam, como resposta, desenvolvimentos tópicos e posicionamentos que vão além de respostas lacônicas, ou de simples afirmação ou negação.

Semelhante à identificação do contexto em que os itens sob análise ocorrem, o estudo de Schifffrin (1987, p. 102) destaca o *well* como um marcador de resposta. Esse item surge quando uma resposta iminente não estaria completamente de acordo com a pergunta anterior, isto é, *well* prefacia uma resposta que está claramente fora das expectativas do entrevistador. Nesse caso, o informante retarda o núcleo ideacional de sua resposta com o próprio *well*, entretanto, isso exigirá do ouvinte trabalho extra, pois é como se o entrevistado solicitasse que o entrevistador temporariamente suspenda suas expectativas para conclusão proposicional da pergunta inicial. Isso faz com que a seqüência do par não seja adjacente, porque a resposta se adiará por alguns turnos, colocando em questão a relevância condicional da primeira parte do par.

Vejamos os exemplos abaixo, retirados do nosso *corpus*, que mostram os itens *olha* e *veja* atuando em contextos que apresentam a **função prefaciadora**:

(50) E: Seu Cláudio, e a enchente de quarenta e um, o senhor lembra?

F: Ah! Me recordo.

E: Conta como é que foi.

F: Me recordo, aí ficou inundado, né?

E: Até onde foi a água?

F: **Olha**, aí eu sinceramente. Nós estávamos brincando na rua quando armou se o tempo, e nos recolheram, porque naquele tempo, aqui existia a Ponte de Pedra, a Ponte de Ferro lá embaixo na rua hoje Washington Luís, que antigamente chamava se Pantaleão Telles, e ali era a beira do rio, o Guaíba, e passava [um] um riacho, naquela rua ali passava um riacho [que <da>] que aguava hoje ali onde é a Praça dos

Açorianos, então nós estávamos brincando, e quando o nosso pai nos chamou pra dentro, né? que poderia vir uma inundação. Estava prevista, né? E naquele tempo rádio era besteira, né? Nós usávamos era galena, um aparelho que vocês, eu acho que nunca viram. (POA 01 L.270)

(51) E: E esses programas aí, da Prefeitura principalmente, pra criar escolas integrais para as crianças ficarem direto, será que resolve?

F: Pois é, mas aí você veja, eu conheci o projeto PIA, que a criança até catorze anos fica das sete da manhã às sete da noite, [no <proje->] no projeto PIA. Aí, teria que vir daí os pais e fazer eles ficarem das sete da noite até às sete da manhã dentro de casa, né? E eles depois das sete da noite eles ficam na rua até uma, duas horas da manhã cheirando cola, então não resolve nada esse programa. Praticamente, isso aí [está] está isentando [o] os pais na [Como][como] como que eu posso dizer pra você, [é] ajudar nos gastos da família, porque ele está comendo ali, então, não vai gastar em casa, mas não está colaborando em nada. Esse que é o problema da marginalidade no Brasil, de Curitiba e de lugar nenhum. (CTB 07 L.269)

Em (50), o falante desvia-se um pouco o tópico da pergunta “*até onde a água chegou*” ao narrar eventos que ocorreram durante a enchente, sem ficar explícito através de sua fala onde a água tinha chegado, assim, *olha* funciona como um item que abre um tipo de resposta prefaciada que vai muito além da pergunta do entrevistador, não explicitando, em toda a exposição do falante, a resposta esperada. Já em (51), observamos que a interrogativa dirigida ao entrevistado permite uma resposta de escolha binária (sim/não), entretanto, o falante tende a prefaciá-la apresentando, primeiramente, uma justificativa do porquê de o programa da prefeitura não resolver para, posteriormente, apresentar a resposta à questão inicial “*então não resolve nada esse programa*”. Nesse exemplo, o item *veja* auxilia no retardamento da resposta.

Segundo Risso (obra citada, p. 271), em contextos com função prefaciadora ou de preâmbulos, *olha* deixa de apontar diretamente para o parceiro do diálogo, manifestando, por isso, um grau interacional mais brando. O seu foco específico incide preponderantemente, e mais freqüentemente, no próprio locutor, definindo sua reação pessoal ao teor da pergunta ou afirmação precedente, numa sensível adaptação, à expressão das relações textuais, do extrato semântico-discursivo da interjeição homônima. Os preâmbulos asseguram o contato entre os interlocutores e trazem simultaneamente para dentro do discurso o monitoramento pessoal do processo de planejamento e formulação da resposta.

Ainda, segundo a autora, do ponto de vista da estrutura seqüencial, os preâmbulos atuam como pistas da articulação de dois turnos interdependentes e,

portanto, como sinalizadores do desenvolvimento iminente. no segundo turno, do ponto tópico relevante antecipado no primeiro, constituindo-se, no conjunto. uma parcela de construção coesa e coerente do texto falado. Do ponto de vista interacional, são marcas concretas da dialogicidade entre locutores, indicadoras da predisposição imediata daquele que responde para o atendimento da expectativa daquele que pergunta, cumprindo-se, na soma de ações coordenadas, uma interação verbal centrada.

### 6.2.2 A macrofunção articuladora textual

O emprego dos itens *olha* e *veja* não fica restrito ao par pergunta/resposta, já que uns mais, outros menos, encabeçam, no decorrer do tópico, diferentes operações como movimentos argumentativos de exemplificação, causalidade, constatação entre outros aspectos. Essas operações sinalizam um grau menor de envolvimento interpessoal dos parceiros conversacionais (componente “orientado para o falante”), uma vez que o locutor procura viabilizar a articulação de segmentos do texto.

Dessa forma, *olha* e *veja* passam a atuar também na articulação do texto que o falante está produzindo, isto é, assinalando relações de caráter coesivo, às vezes, precedidos de conectores (*porque, mas, daí, e, então*). Talvez isso reforce a atuação simultânea da *propriedade de chamada da atenção do ouvinte* e da seqüencialidade assinalada no contexto em que os itens atuam, todavia, ao retirarmos *olha* ou *veja*, a articulação se mantém devido ao conector, porém há a anulação da *propriedade de chamada de atenção do interlocutor*.

Marcuschi (obra citada, p. 297), em seu estudo sobre as formas e posições dos Marcadores Conversacionais (MCs) no português brasileiro, atribui aos MCs de base verbal funções estruturadas relevantes, coincidindo distribucional e funcionalmente com operadores de organização sintática. Assim, tais MCs constituem um fator importante na articulação textual, evitando que a conversação se torne uma simples sucessão de monólogos paralelos. Entretanto, à medida que encadeiam coesivamente um texto, os MCs também seqüenciam, agindo como fatores de segmentação e suprimindo em boa medida o papel de pontuação da fala.

Vejamos o exemplo apresentado por Marcuschi (obra citada, p. 297), que reporta à função seqüenciadora textual:

(52) **Ela:** o que eu acho engraçado é que toda vez que um biólogo começa falá em controle da natalidade e programação da sociedade (.) ele é taxado imediatamente de nazista e fascista → porque essa ressalva que eles fazem (.) essa reação que o povo tem em geral até hoje eu num entendi → (.) porque olhe (.) se nós vivemos numa sociedade onde as camadas mais pobres da população (.) apresentam um índice de natalidade mais alto (.) significa o quê √ (.) que a: daí a um determinado tempo (.) o índice mental dessa sociedade vai cair → (.) então se a gente faz um controle científico dessa natalidade eu acho que vai repercutir para o BEM da sociedade...

Ao assinalar relações de caráter coesivo tendo em vista o texto que o falante está produzindo, há diminuição da participação mais direta do interlocutor, entretanto, diferentes operações são relacionadas a essa macrofunção, as quais, de acordo com a literatura lingüística e a análise de nosso *corpus*, apresentaremos nas seções seguintes.

#### 6.2.2.1 A função retórica

**Olha** e **veja** iniciam uma auto-resposta, isto é, o falante formula uma pergunta (retórica) que ele mesmo responde na seqüência discursiva. Nesse sentido, na estratégia de ele perguntar e ele mesmo responder, os itens lingüísticos iniciam a auto-resposta.

O exemplo a seguir ilustra a **função retórica** proposta por Urbano (obra citada, p. 198):

(53)[...] já ouviu falar. conhece de nome taxionomia, só de nos.  
**bem...**Eh::essa palavra taxionomia quer, refere-se mais ou menos a uma classificação [...]

Acreditamos que essa **função retórica** de *bem* apresentada acima possa ser estendida, em alguns contextos, aos itens **olha** e **veja**, como os exemplos (54) e (55) da nossa amostra:

(54) **E:** Tá, agora, assim mudando um pouco de assunto, Ana, o que que tu achas que é falar bem o português?

**F:** Falar bem português? Olha, eu acho que se eu estou conversando com uma pessoa e nós estamos nos entendendo, a gente está falando bem. (POA 08 L. 772)

(55) **E:** Por causa dos impostos.

**F:** É, por causa dos impostos [e] e não sei, [o] o pessoal antigamente, [ê] os moradores eram assim gente mais, não que se fosse assim pessoas assim mais amigas, eram pra começar, eram pessoas assim mais conhecidas, gente mais humilde, gente mais simples. Hoje em dia acontece o quê? Você vê que a maior parte dos

moradores, que tem pessoas que vêm morar, eles se mudam, vão embora, não é tão fácil de conhecer. (CTB 18 L.385)

Note que, em (54) e (55), os informantes repetem as perguntas dos entrevistadores e as respondem na sequência. Segundo Schifffrin (obra citada, p. 112), os falantes algumas vezes não podem responder a uma questão sem esclarecê-la, então eles mesmos devem perguntá-la antes de começar sua própria resposta, ou seja, os itens *olha* e *vê* iniciam a resposta dessa pergunta encaixada que foi criada.

#### 6.2.2.2 A função exemplificativa

Os itens *olha* e *veja* aparecem em contextos que acrescentam imediatamente informações que particularizam e/ou exemplificam o que está sendo dito pelo informante ou o que foi questionado pelo entrevistador, conforme os exemplos:

(56) E: Seu Cláudio, conte um pouco pra nós [da] da época que o senhor fazia teatro, o senhor viajava bastante?

F: Ah! Viajei, bah!

E: Por onde o senhor andou?

F: *Olha*, fiz Rio de Janeiro, Canecão, me apresentei no Canecão, no Hilton Hotel, fiz São Paulo, fiz Minas Gerais, fiz Juiz de Fora, né? Eu viajei bastante mesmo, viajei tranquilo, aqui no Rio Grande do Sul, viajei quase todo o estado do Rio Grande do Sul, <viaj->. Era eu, o Carlitos Magallanes, o Rubens Val, nós tínhamos um grupo de típica mesmo, [típica] típica clássica, minha dança era típica clássica. Eles se apresentavam como músicos e eu então fazia o bailarino, e ali [eu] era uma vida boa. (POA 01 L. 677)

(57) E: Então eu não sei se ela sabia [que] que a vida da gente era tão difícil, né? Aquela época de escola assim a gente era sofrido porque minha mãe doente, meu pai bebia muito né? Então a gente plantava quintal, que tinha umas galinhas, então tudo a gente tinha que cuidar. *Veja* você, o nosso Grupo, o Grupo que eu estudei, era lá [na] o Pedrosa, na República Argentina. A gente morava na Vila Guaíra, na Rua São Paulo, esquina com a Rua Alagoas, lá em cima perto da linha, que eu nem sei se hoje tem aquelas favelinhas na beira da linha desde o Parolin até lá [na] na Vila Guaíra lá quase perto do Portão. (CTB 10 L. 1151)

Em (56), devido ao questionamento do entrevistador acerca dos lugares por onde o falante andou, o item *olha* introduz um contexto que automaticamente corresponde à resposta que o ouvinte espera. Já em (57), *veja* aparece num contexto que

particulariza uma informação sobre a infância do informante, isto é, o grupo escolar no qual o entrevistado estudava.

### 6.2.2.3 A função causal

Os itens *olha* e *veja* aparecem na conexão de duas orações, uma das quais encerra a causa<sup>36</sup> que acarreta a consequência, explicação ou conclusão contida na outra. Verificamos ainda que, em alguns contextos, esses elementos linguísticos têm valor comparável aos conectores *porque*, *pois*, *então*, *por isso*, podendo, muitas vezes, estar juntos ou serem substituídos por eles.

Vejam as ocorrências que identificamos em nosso *corpus*:

(58) E: BTN?

F: BTN, quer dizer, tu começa pagando. vamos supor, mil cruzeiros agora, né? daqui uns dois meses tu já estás pagando dois e meio, quer dizer, é difícil pra ti pagares, principalmente que tem outras coisas pra ti fazeres, né? Então o estudo vai ficando pra trás. Ele é importante, mas a gente vai deixando pra trás. Não! o ano que vem eu começo, melhora um pouco, daí eu vou tentar fazer, né? Mas é que está difícil pra estudar, olha está muito caro assim, as prestações são lá em cima, [e pra ti] pra estudar num colégio [da] do Estado, né? é como tu disseste, a gente tem medo, porque de repente não te ensinam direito, não tem aquela coisa assim. Porque colégio particular, às vezes, parece que te dão mais atenção. (POA 12 L. 975)

(59) F: Na pracinha que tem, agora tem aquela panificadora Pãozinho, do lado ali, era

E: Ah, sei, sei, sei.

F: Então, ali era o ponto final do Vista Alegre. Depois tinha que vim a pé de lá pra trazer pra cá uns trequinhos de carroça, né? Chovia, você. pra vim de carro pra cá, era só de jipe acorrentado. Então, quer dizer. o bairro evoluiu muito, mas não aquela evolução total, *porque vê*. hoje nós temos rua aqui sem saída. Temos. quer dizer, [pouco] pouca. vamos supor assim, pra você sair prum bairro ou pro outro. A população aumentou pouco também . Isso quer dizer Então você tem que ficar. Então a gente se acostuma, já se habituou naquele parado, né? (CTB 01 L.165)

Observemos como pode ser veiculada essa relação *causal* depreendida dos exemplos (58) e (59):

Em (58), há um exemplo de relação efeito-causa, visto que, a um efeito (*o estudo vai ficando para trás...é que está difícil de estudar...*), segue-se uma causa ( [o

<sup>36</sup> Com base em Paiva (1991, p. 08), empregamos o termo *causa* em sentido amplo, recobrindo outros como razão, explicação, justificativa.

estudo] *está muito caro assim. as prestações são lá em cima...*). Nesse caso, o item **olha** está conectando tal relação. Observe como **olha** pode ser substituído pelo conector *porque*, sem afetar o sentido global dos enunciados:

(58a) Então o estudo vai ficando pra trás. Ele é importante. mas a gente vai deixando pra trás. Não! o ano que vem eu começo. melhora um pouco. daí eu vou tentar fazer, né? Mas é que está difícil pra estudar. **porque** *está muito caro assim, as prestações são lá em cima. [e pra ti] pra estudar num colégio [da] do Estado, né?* (POA 12 L. 975)

Já em (59), a interpretação é de que o falante, ao expor seus argumentos sobre a evolução do bairro (*o bairro evoluiu muito, mas não aquela evolução total*), conduz seu interlocutor a uma certa conclusão que contraria as expectativas do ouvinte, pois “*a evolução não foi completa*” devido a ruas que ainda não têm saída. A expressão **porque** *vê* atua como um elemento de ligação entre as orações, mantendo o valor causal. Nesse caso, **porque** *vê* revela que a atenção do falante está voltada para a construção de seu texto, diminuindo o aspecto voltado para a *chamada de atenção do ouvinte*.

#### 6.2.2.4 A função concessiva

Segundo Ferreira (1986, p. 1220), a expressão *e olhe lá* apresenta duas significações distintas, sendo:

- ◆ uma oferta, concessão, tolerância, além da qual a pessoa que fala não pretende ou não pode ir: ‘Dou-lhe R\$ 80,00 pelo livro, e olhe lá!’;
- ◆ certeza ou quase certeza, de que a pessoa de quem se fala é capaz de superar o que dela se declarou: ‘Com aquela inteligência, acabará um grande advogado – e olhe lá!’

Encontramos, em nosso *corpus*, apenas a expressão *e olhe lá* como uma espécie de concessão, além da qual o informante não pretende ceder sua opinião a respeito do que diz. Essa expressão parece atuar normalmente no fechamento do turno desenvolvido pelo falante, devolvendo-o ao entrevistador.

(60) E: É e esse pessoal que, por exemplo, que mora nessas casas são quase todo mundo de fora, né?

F: É. [a maioria são gente] que veio aí [do] do nortão aí. né? que acabou a mão de obra, o maquinário entrou lá, os bóias frias. então, eles vieram pra cidade grande tentar a sorte, não tinham onde morar foram invadindo as áreas aí. E hoje [cinquenta] cinquenta por cento de

Curitiba é invadido. E hoje pra você achar um curitibano nato aqui é .  
no caso daqui, você acha ("um ou outro") **e olhe lá**. (CTB 07 L. 202)

(61) E: Tu freqüentas a igreja?

F: Agora não. Só em missa de sétimo dia e casamento, **e olhe lá**.  
(POA 13 L. 423)

O contexto em que a expressão lingüística **e olhe lá** aparece indica que, em (60), segundo a opinião do falante, achar um curitibano é uma raridade, é difícil, ou seja, há curitibanos, porém não os encontramos com facilidade, enquanto que, em (61), o informante não é mais um freqüentador da igreja, somente o faz quando estritamente necessário.

Parece que, em (60) e (61), o sentido dessa expressão é compatível com a primeira significação do dicionário, entretanto, não foi descrito pelos autores que consultamos.

### 6.3 CONCLUSÕES PARCIAIS

A partir do exposto anteriormente, propomos uma classificação das macrofunções e funções discursivas de **olha** e **veja** depreendidas da *propriedade de chamada da atenção do ouvinte*:

A) Macrofunção articuladora interacional: sinaliza o estreitamento dos laços interacionais, expressando diferentes intenções do falante (componente "orientado para o ouvinte" e "orientado para o falante"). O foco de atenção pode refletir simultaneamente sobre o próprio falante, o texto que ele está produzindo e o interlocutor. Há um envolvimento interpessoal dos parceiros conversacionais mais explícito (maior intersubjetividade).

Função de advertência: O contexto em que **olha** ou **veja** aparece revela dúvida, incredulidade ou advertência contra a informação expressa anteriormente pelo falante.

Função interjetiva: O contexto em que **olha** ou **veja** atua demonstra, devido à entonação, surpresa, alegria ou desapontamento.

Função atenuadora: Os itens **olha** e **veja** introduzem contextos que apresentam um não comprometimento do falante com relação às informações, indicando uma posição de incerteza em relação ao que será dito em seguida. Tais elementos lingüísticos têm a finalidade de limitar ou neutralizar possíveis reações desfavoráveis ou interpretações contrárias ou



prejudiciais por parte do interlocutor, ou ainda, podem revelar o não comprometimento do falante com relação à informação.

Função prefaciadora: Os itens iniciam contextos em que o falante não desenvolve imediatamente o tópico que o 1º turno propõe, adiando o atendimento imediato do ponto relevante da informação suscitada pela pergunta do interlocutor. O falante desvia o tópico da pergunta, ficando implícita, através do contexto precedente, a resposta à pergunta do entrevistador.

Função de planejamento verbal: O falante usa o item lingüístico na busca simultânea da manutenção do contato e de tempo para a organização textual. **Olha** e **veja** são encontros verbais que funcionam fundamentalmente para manter o canal de interlocução aberto, visto que o falante nem sempre está preparado para um pronto atendimento a cada nova questão, o que acarreta uma exposição confusa.

B) Macrofunção articuladora textual: auxilia na seqüencialidade do texto e ajuda a organizar a atitude do falante diante do próprio texto (componente "orientado para o falante"), caracterizando um maior grau de subjetividade. Os itens atuam em contextos que relacionam diferentes operações como argumentação, causalidade, exemplificação, entre outras. Essas operações sinalizam um menor grau de envolvimento interpessoal dos parceiros conversacionais, uma vez que o locutor procura viabilizar a articulação de segmentos de seu texto. A posição de **olha** e **veja** pode coincidir com a de operadores de organização sintática.

Função retórica: Os itens lingüísticos introduzem a resposta de uma pergunta que o falante formula e ele mesmo responde na seqüência discursiva.

Função exemplificativa: Os itens **olha** e **veja** acrescentam imediatamente informações que particularizam e/ou exemplificam o que está sendo dito pelo falante ou o que foi questionado pelo entrevistador.

Função causal: Os itens **olha** e **veja** aparecem na conexão de duas orações, uma das quais encerra a causa que acarreta a consequência, explicação ou conclusão contida na outra. Há contextos em que tais elementos lingüísticos podem estar juntos ou serem substituídos pelos conectores *porque*, *pois*, *então*, *por isso*.

Função concessiva: Encontramos, em nosso *corpus*, apenas a expressão **e olhe lá** como uma espécie de concessão, além da qual o informante não pretende ceder sua opinião a respeito do que diz. Essa expressão parece atuar normalmente no fechamento do turno desenvolvido pelo falante, devolvendo-o ao entrevistador.

Finalizado o registro geral das macrofunções e funções discursivas desempenhadas pelos itens nos contextos em que se encontram, vejamos, no quadro a seguir, a multifuncionalidade de *olha* e *veja*.

**QUADRO 3 – MULTIFUNCIONALIDADE DE OLHA E VEJA**

<i>Propriedade de chamada da atenção do ouvinte</i>	
Macrofunção articuladora interacional	Macrofunção articuladora textual
Funções	Funções
De Advertência	Retórica (SCHIFFRIN: URBANO)
Interjetiva	Exemplificativa
Atenuadora (CASTILHO: MACEDO e SILVA)	Causal
De Planejamento Verbal (RISSO)	Concessiva
Prefaciadora (SCHIFFRIN: RISSO)	

## 7 FUNCIONAMENTO DOS ITENS *OLHA* E *VEJA*

---

Este capítulo está dividido em quatro seções: na primeira, descrevemos os procedimentos relacionados às rodadas estatísticas; na segunda, como a metodologia variacionista permite depreender e avaliar o que condiciona a escolha das variantes, apresentamos os prováveis grupos de fatores de natureza lingüística, caracterizando-os e levantando suas respectivas hipóteses, seguindo-se à discussão dos resultados percentuais e/ou probabilísticos que ajudam a delinear a configuração contextual de atuação de cada item. Além disso, testamos a aplicação da hipótese geral do princípio da marcação para os itens *olha* e *veja*; na terceira seção, são caracterizados os grupos de fatores extralingüísticos e discutidos os resultados obtidos; por fim, na quarta seção, tecemos algumas conclusões parciais acerca dos condicionadores lingüísticos e sociais.

### 7.1 PRELIMINARES

Para proceder a uma investigação mais abrangente possível, os dados de *olha* e *veja* foram submetidos ao pacote de programas VARBRUL 2S (PINTZUK, 1988). Sendo assim, achamos pertinente descrever os procedimentos efetuados quanto às rodadas estatísticas.

Para o estudo da variação entre *olha* e *veja*, optamos por controlar oito variáveis lingüísticas e cinco extralingüísticas, além da variável dependente. No caso desta, devido ao número maior de ocorrências de *olha* (453 dados) em relação a *veja* (218 dados), elegemos a primeira variante como “aplicação da regra”. As variáveis independentes controladas são macrofunção, função, apresentação formal dos itens, presença/ausência de sujeito expreso, posição na frase, relação sintática com a estrutura oracional, tipo de sequência discursiva, coocorrência, pausa, sexo, idade, escolaridade, cidade e informante.

O programa MAKECELL montou as células e nos forneceu as percentagens associadas a cada fator, bem como a discriminação dos condicionadores de comportamento categórico. Alguns grupos de fatores mostraram nocaute: *apresentação formal dos itens* (que controlou as alterações formais de cada variante) e *presença/ausência de sujeito* (praticamente inexistente com *olha*) – essas categorias foram desconsideradas nas rodadas probabilísticas, sendo seus resultados percentuais discutidos em separado, numa análise mais qualitativa. Além dessas, no grupo *função*, houve nocaute na função *prefaciadora* – caso em que a

desconsideramos com o recurso *não se aplica*, possibilitando, assim, a execução do programa IVARB, para cálculo dos pesos relativos. Vale lembrar ainda que a variável *informante* (78 informantes) também foi excluída das rodadas subsequentes; seus resultados percentuais serão contemplados na discussão dos condicionadores sociais. Feito isso, resolvidos os nocautes, buscamos, na rodada geral, a partir da associação dos onze grupos de fatores, os resultados probabilísticos. Nessa primeira rodada, o sistema selecionou, entre fatores lingüísticos e extralingüísticos, nove categorias: *função*<sup>37</sup>, *cidade*, *posição*, *relação sintática com a estrutura oracional*, *tipo de seqüência discursiva*, *sexo*, *coocorrência*, *idade* e *pausa* – nessa ordem de significância estatística. Apenas a variável *escolaridade* não se mostrou significativa.

Como nessa primeira rodada geral a variável *cidade* foi o segundo grupo selecionado como significativo, optamos por proceder a rodadas individuais a fim de averiguarmos o comportamento dos itens por capital. Todavia, conforme descrito no capítulo 5, trabalhamos com duas amostras: a primeira contém vinte e quatro (24) entrevistas de cada uma das três capitais do Sul do Brasil e está constituída por informantes, distribuídos igualmente por idade, sexo e escolaridade. Nesse caso, pretendemos fazer uma análise comparativa entre as três localizações geográficas; a segunda apresenta, além das entrevistas indicadas, uma coleta adicional da fala de doze (12) jovens da cidade de Florianópolis, para que possamos testar com mais eficiência se, na escolha dos itens lingüísticos que estamos analisando, há influência do fator idade. Assim, sendo, definimos como *Florianópolis 1* a rodada com a primeira amostra e, como *Florianópolis 2*, a segunda.

## 7.2 IDENTIFICANDO OS GRUPOS DE FATORES CONDICIONADORES

### 7.2.1 Os condicionadores lingüísticos

Conforme apresentamos no capítulo 5, o quadro, a seguir, contém, resumidamente, o conjunto de variáveis que foram controladas para a escolha dos itens *olha* e *veja*:

<sup>37</sup> Como as *macrofunções articuladora interacional* e *articuladora textual* se sobrepõem às suas respectivas funções, decidimos realizar rodadas em que ora às macrofunções, ora às funções atribuímos “não se aplica”. A especificação das funções objetiva captar as diferentes nuances contextuais.

#### QUADRO 4 – DISTRIBUIÇÃO DAS VARIÁVEIS CONTROLADAS PARA A ESCOLHA DE *OLHA* E *VEJA*

1. Macrofunção discursiva	- articuladora interacional - articuladora textual
2. Função discursiva	- prefaciadora - atenuadora - de advertência - interjetiva - de planejamento verbal - exemplificativa - retórica - causal - concessiva
3. Apresentação formal dos itens	- olha ~ olhe ~ [ɔya] ~ [ɔy] ~ [ɔ] - veja ~ vês ~ vê.
4. Presença/ausência de pronome junto a <i>olha</i> e <i>veja</i>	- presença de tu - presença de você - ausência de pronome (zero)
5. Posição na frase	- inicial - medial - final - não se aplica
6. Relação sintática com a estrutura oracional	- sintaticamente dependente - sintaticamente independente
7. Tipo de sequência discursiva	- argumentação - citação - descrição - factual - narração - relato de procedimentos
8. Coocorrência	- com conector - com marcador discursivo - com palavras reforçadoras - sem coocorrência
9. Pausa	- com ocorrência de pausa anterior - com ocorrência de pausa posterior - sem ocorrência de pausa
10. Sexo	- feminino - masculino
11. Idade	- 15 a 24 anos (somente para Florianópolis) - 25 a 49 anos - mais de 50 anos
12. Escolaridade	- primário - ginásial - colegial
13. Cidade	- Porto Alegre - Florianópolis - Curitiba
14. Informante	- 78 informantes: 24 de Porto Alegre; 30 de Florianópolis e 24 de Curitiba.

Devido a características comuns de algumas variáveis lingüísticas controladas, o que a nosso ver torna mais interessante a discussão dos resultados, optamos por reunir todos os grupos de condicionadores lingüísticos em três blocos, os quais estão distribuídos da seguinte forma:

1. *Olha* e *veja* e a morfologia/sintaxe frasal: *apresentação formal dos itens, presença de pronome junto a olha e veja, relação sintática de olha e veja com a estrutura oracional e posição na frase;*

2. *Olha* e *veja* e o contexto discursivo: *macrofunções e funções discursivas e tipo de sequência discursiva;* e

### 3. *Olha e veja* e elementos circundantes: *coocorrência e pausa*.

No decorrer da análise, a caracterização de cada conjunto de fatores lingüísticos e extralingüísticos juntamente com as hipóteses específicas, os resultados e as discussões pertinentes serão devidamente expostos, com destaque às variáveis independentes mais significativas.

Como muitos fatores podem intervir na variação lingüística, esperamos que a análise quantitativa possa dar conta não só da significância ou não de cada um dos grupos, mas também do peso relativo de cada um de seus fatores face aos demais. Embora os cálculos de frequência sejam apenas uma primeira etapa e não constituam um bom instrumento de mensuração, quando múltiplos fatores atuam conjuntamente sobre uma variável dependente, os resultados percentuais permitirão traçar um perfil estatístico do fenômeno em termos de distribuição. Numa segunda etapa, os cálculos probabilísticos deverão fornecer um nível de certeza mais confiável sobre a atuação dos itens analisados.

#### 7.2.1.1 *Olha e veja* e a morfologia/sintaxe frasal

Os grupos de fatores que são apresentados a seguir estão reunidos devido a semelhanças relacionadas aos níveis morfológico e sintático – apresentação formal dos itens, presença/ausência de sujeito pronominal junto a *olha* e *veja*, relação sintática de *olha* e *veja* com a estrutura oracional e posição na frase. Para os dois primeiros grupos de fatores, mostramos apenas os resultados de frequência, como já justificado anteriormente. Para os demais, trazemos também os pesos relativos.

Nossa hipótese geral, nesta seção, está relacionada ao Princípio da Marcação (Cf. GIVÓN, 1995), nos moldes em que foi exposto no capítulo 3. Acreditamos que *veja* seja mais marcado que *olha* no que se refere às complexidades estrutural e cognitiva e à frequência de uso, de acordo, portanto, com os três critérios que caracterizam a marcação. As quatro variáveis lingüísticas discutidas na sequência devem fornecer elementos relevantes a essa questão.

### 7.2.1.1.1 Apresentação formal dos itens *olha* e *veja*

#### a) Caracterização e hipóteses

Os itens sob análise apresentam alterações formais na sua realização, seja de ordem fonética, seja também de caráter morfológico. Para captar com relativa segurança essas alterações, realizamos a audição<sup>38</sup> das oitenta e quatro (84) fitas concernentes às amostras analisadas, com o propósito de controlar, na medida do possível, as reais formas com que os itens tendem a se fixar em suas trajetórias de mudança.

Para o item *olha*, identificamos como realizações dessa variante as formas correspondentes a segunda pessoa do discurso derivadas do indicativo *olha* e a do subjuntivo *olhe*, além das alterações no plano fonético [ɔya] ~ [ɔy] ~ [ɔ]. Já para *veja*, encontramos como as formas, também de segunda pessoa, derivadas do modo subjuntivo *veja* e as do indicativo *vês* ~ *vê*.

Observemos alguns exemplos que correspondem a esse grupo de fatores:

(62) E: A senhora acha que piorou?

F: **Olha**, eu não vou te dizer que piorasse. Nessa parte do relacionamento [eu] até que eu acho bonito, né? mas não é dizer que a gente não tivesse um carinho especial pela professora da gente. Ai, meu Deus do céu, aquela era um ídolo. (POA 16 L. 180)

(63) E: Sei. E o que que você acha [da <edu->] da educação em si, você acha que está melhorando ou está piorando?

F: **Olhe**, educação eu acho que está piorando, tá? Porque hoje os professores, parece que eles não que eles não se dediquem, né? mas eles não têm estímulo pra se dedicar, tá? aos alunos. [Tanto] tanto na Faculdade, eu sei que é assim quanto qualquer colégio estadual (latidos) ahã. Que os professores não têm mais estímulo, né? pra se esforçar, pra ensinar o aluno, pra transmitir. Porque falar, [é] mostrar a matéria é uma coisa e transmitir a matéria é completamente diferente. Então, os professores não, eles não têm mais estímulo devido ao nosso governo, né? O professor hoje quando devia ser o ("funcionário") bem, muito bem (latidos) remunerado, né? quando não é. Infelizmente isso é Brasil, né? Brasil. (CTB 11 L. 162)

(64) E: E Curitiba, o que que você acha [tá] tem crescido bastante a quantidade de crianças de rua?

F: É, isso [é, não é] não é questão de crescer dentro de Curitiba, vem de fora pra Curitiba, né? isso [é] [é] vem de fora pra Curitiba, porque você **veja** bem uma coisa: [sai um] a pessoa vem do norte pra cá porque lá não tem serviço; já traz sete, oito filhos. Chega aqui o coitado não sabe o que fazer, vai trabalhar de pedreiro; os filhos, [as mulher] vai trabalhar de empregada e

<sup>38</sup> O Banco de Dados VARSUL dispõe de informações de caráter fonológico e/ou fonético no registro das transcrições, especialmente na segunda linha. A despeito disso, ouvimos novamente as fitas para conferir as notações ou adequá-las aos nossos propósitos. Apesar de termos ouvido atentamente todas as gravações, admitimos que pode ainda nos ter escapado alguma nuance fonética.

eles ficam na rua. Então, ali já está começando a surgir um marginal. (CTB 07 L. 257)

(65) E: Claro! [é] é, às vezes ficar um pouco longe dá saudade, né? [e aí a coisa fica melhor]

F: [Dá muita saudade, saudade] dos filhos, saudade da esposa, dos amigos, né? fica tudo aqui longe, a gente fica muito só lá, é uma vida bastante triste. é só água e mato, né? que você vê, é bem diferente daqui a coisa. (POA 04 L. 168)

A hipótese subjacente a essa variável é a de que os elementos em estudo sejam representados por formas mais comumente fixas como **olha** e **vê**, resultantes do uso verbal derivado do presente do indicativo, considerando-se que esse modo estaria tomando o lugar do subjuntivo (Cf. PIMPÃO, 1999).

Um aspecto interessante que corrobora a hipótese acima é o fato de Rizzo e outros (1996, p. 39) terem identificado que as formas dos marcadores são mais ou menos fixas, com alguns registros de variações fonológicas e flexionais para os itens como **olha** ~ **olhe** e **entende?** ~ **entendeu?**. As alterações pouco relevantes observadas em formas oriundas de verbos confirmam a tendência para cristalização formal dos elementos e para seu estatuto de fórmulas já prontas em 50,8% das unidades analisadas pelos autores, que são usadas automaticamente no discurso, e não propriamente unidades formuladas *ad hoc*.

Para Urbano (1999, p. 225), o uso de **olhe/olha** não parece ter qualquer motivação a não ser um uso accidental. O autor chama a atenção para o fato de que nem sempre é perceptível a identificação auditiva de um ou outro, mas mesmo assim observa que o uso de **olha** é mais generalizado, ou seja, é 2,5 vezes maior do que o de **olhe**.

Esperávamos, então, que se estendesse aos itens **olha** e **veja** a afirmação de Basílio (1992, p. 86 apud URBANO, 1999, p. 215) de que uma das características de um item ao assumir funções discursivas é não estarem eles sujeitos à flexão número-pessoal e/ou modo-temporal. Decorre daí a idéia de que as formas estruturalmente menos marcadas tenderiam a ser mais freqüentes.

Adicionalmente, nossa expectativa era de que as formas oriundas do subjuntivo (**olhe** e **veja**) seriam mais recorrentes em Curitiba do que nas outras capitais, em virtude da história do sistema pronominal da cidade paranaense, que tem predomínio absoluto de uso de **você** para designar a segunda pessoa do discurso (Cf. LOREGIAN, 1996, por exemplo). Tradicionalmente, nos moldes da gramática normativa, o imperativo, nesse caso, dar-se-ia com a concordância na terceira pessoa do subjuntivo.



## b) Resultados e discussão

As tabelas a seguir mostram a frequência de distribuição das diferentes realizações de cada item em análise, cujos resultados foram obtidos numa primeira rodada estatística geral (MAKECELL).

**TABELA 1 – FREQUÊNCIA DAS FORMAS DE REALIZAÇÃO DE OLHA POR CIDADE**

FORMAS	CURITIBA		PORTO ALEGRE		FLORIANÓPOLIS I		RESULTADO GERAL	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Olha</b>	49	50	174	86	90	80	313	76
<b>Olhe</b>	29	30	4	2	8	7	41	10
<b> ɔya </b>	3	3	22	11	8	7	33	8
<b> ɔy </b>	6	6	0	0	2	2	8	2
<b> ɔ </b>	11	11	2	1	5	4	18	4
<b>Total</b>	98	100	202	100	113	100	413	100

**TABELA 2 – FREQUÊNCIA DAS FORMAS DE REALIZAÇÃO DE VEJA POR CIDADE**

FORMAS	CURITIBA		PORTO ALEGRE		FLORIANÓPOLIS I		RESULTADO GERAL	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Veja</b>	56	38	4	12	3	10	63	29
<b>Vês</b>	0	0	1	3	1	3	2	1
<b>Vê</b>	93	62	29	85	27	87	149	70
<b>Total</b>	149	100	34	100	31	100	214	100

Conforme havíamos previsto, no geral, os resultados ratificam a hipótese relativa à tendência dos itens reduzirem as marcas de flexão verbal e fixarem suas formas como **olha** e **vê**. Do total de 413 ocorrências do item **olha**, 313 (76%) é da forma **olha**, o que é bastante significativo, ao passo que, de 214 dados de **veja**, 149 (70%) são da forma **vê**. Se considerarmos que as reduções fonéticas de **olha** decorrem da forma do indicativo, o percentual de realização da primeira chega, aproximadamente, a 90%.

Essa diferença no comportamento dos dois itens é visível no que se refere ao uso da forma oriunda do subjuntivo: enquanto **olhe** apresenta o percentual reduzido de 10%, **veja** se realiza em 29% das ocorrências do item, ou seja, quase três vezes mais.

Nas rodadas individuais por cidade, observa-se uma aproximação de frequência de uso entre a capital gaúcha e a catarinense para os dois itens: as formas **olha** e **vê** (na casa dos 80%) e as formas **olhe** e **veja** (em torno dos 10%, com um índice de apenas 2% de **olhe** em

Porto Alegre). Já em Curitiba, verifica-se uma queda no uso de **olha** e **vê** (50% e 62%, respectivamente) e um acréscimo na realização de **olhe** e **veja** (30% e 38%, sucessivamente).

Esse comportamento relativamente polarizado entre as capitais também é constatado em termos do total de ocorrências de cada cidade: a preferência pela variante **olha** é nítida em Porto Alegre (202 ocorrências = 86% dos dados dessa capital) e em Florianópolis (113 ocorrências = 78% dos dados desta capital); já em Curitiba, observa-se o predomínio da variante **veja** (149 ocorrências = 60% dos dados dessa capital)<sup>39</sup>.

Em termos gerais, pode-se dizer que: a) considerando-se o resultado geral, há predomínio da variante **olha** (413 = 66%) sobre **veja** (214 = 34%); b) os curitibanos preferem a variante **veja** (149 = 60%); ao utilizarem qualquer uma das duas variantes, dão preferência à forma originária do indicativo (com uma diferença em torno de 20% sobre a forma subjuntiva); c) os porto-alegrenses e florianopolitanos elegem a variante **olha** (202 = 86% e 113 = 78%, respectivamente); ao utilizarem qualquer uma das variantes, também optam pela forma do indicativo (a diferença, entretanto, fica em torno de 80% sobre a forma subjuntiva). Tais resultados ratificam nossa hipótese inicial acerca do largo predomínio das formas destituídas de marcas flexionais e do comportamento diferenciado de Curitiba na retenção maior das formas com marca subjuntiva. Não temos, contudo, uma explicação razoável para a preferência demonstrada pelos curitibanos pela variante **veja** e suas realizações<sup>40</sup>.

No caso específico de Florianópolis, ao introduzirmos os dados dos jovens, verificamos um acréscimo de 39 ocorrências da variante **olha** (todas realizadas na forma de **olha**) e apenas 04 ocorrências de **veja** (todas realizadas como **vê**) – resultado que corrobora a hipótese geral.

Quanto à redução fonética de **olha**, é interessante notar que, em Curitiba, verifica-se uma frequência maior (em 20% das realizações dessa variante) do que em Porto Alegre (12%) e Florianópolis (13%)<sup>41</sup>. Enquanto nas duas últimas cidades predomina a forma menos alterada, com a ditongação da palatal [ɔya], em Curitiba, observa-se uma escala crescente em direção à maior redução: [ɔya] (3 ocorrências) > [ɔy] (6 ocorrências) > [ɔ] > (11 ocorrências).

Assim, estamos diante da seguinte situação: ao optar pela variante **olha**, o falante curitibano parece evidenciar usos duplamente diferenciados em relação aos demais informantes: por um lado, retém mais a realização de origem subjuntiva; por outro, está mais

<sup>39</sup> Resultados percentuais obtidos de cálculos verticais considerando-se o somatório das duas tabelas.

<sup>40</sup> Note-se que, no caso da realização **vês** (que em sua forma verbal concorda com **tu**), não há nenhum dado em Curitiba, conforme esperado.

adiantado no fenômeno de redução fonética. uma das características do processo de gramaticalização.

Essa redução na forma evidencia o *continuum* dos fenômenos discursivos em relação a um esvaziamento semântico, conforme destaca Urbano (1999, p. 225). Entretanto, há um ganho em significado pragmático, o qual, segundo Traugott e König (1991), Hopper e Traugott (1993 apud TRAUGOTT, 1995, p. 03), ocorre nos primeiros estágios de gramaticalização. Bybee (a sair) destaca que a frequência de uso em elementos que estão sofrendo gramaticalização leva à redução fonológica, pois palavras que são frequentemente repetidas no mesmo discurso tendem mais a serem encurtadas do que elementos de baixa frequência. Nesse sentido, é a frequência que apressa a mudança.

Isso posto, pode-se dizer que, em Porto Alegre e Florianópolis, **olha** está mais avançado na mudança porque: é a variante que apresenta maior frequência de uso; menor complexidade estrutural (considerando-se as marcas flexionais); e mais redução fonética<sup>42</sup>. Em Curitiba, entretanto, para **olha**: não se atende o critério de frequência; a complexidade estrutural opõe **olha/olhe** a **veja/vê** (não ocorre **vês**) – ficando ainda uma diferença devido à constituição fonética dos pares; e permanece a redução fonética para **olha**.

#### 7.2.1.1.2 Presença/ausência de pronome<sup>43</sup> junto a **olha** e **veja**

##### a) Caracterização e hipóteses

Acreditamos ser relevante considerar os elementos lingüísticos **olha** e **veja** quanto à presença ou não de pronome sujeito expresso, pois, ao observarmos alguns contextos de uso desses itens, verificamos uma variação expressiva, já que **olha** e **veja** aparecem antecidos pelos pronomes correspondentes a segunda pessoa (*tu* ou *você*) na fala dos informantes das três capitais.

Vejamos os exemplos:

##### Presença de *tu*

<sup>41</sup> Percentuais obtidos de cálculos verticais nas tabelas, por cidade.

<sup>42</sup> Ressalve-se, entretanto, o seguinte: a oposição fonética entre **olha** e **olhe** é menos saliente do que entre **veja** e **vê**; a alteração fonética de **veja** (com uma ditongação, por exemplo) não é esperada em português e uma redução de **vê** parece ser impossível. Temos, assim, restrições fonéticas atuando em eventuais reduções formais.

<sup>43</sup> Às vezes, estamos chamando de “sujeito” à forma pronominal que antecede imediatamente os itens **olha** e **veja**, de modo a facilitar a remissão a essas construções. Não estamos defendendo, entretanto, que se trate de uma função sintática plenamente realizada, já que estamos nos movendo no terreno dos marcadores discursivos.

(66) E: Que bom que você já tinha acabado de construir a casa, né?

F: Tinha. Ia ser muito difícil. Apesar que a gente teve ajuda, né? A firma, o Medeiros, eu morei nove meses com a mãe, quer dizer, supermercado, isso tudo a mãe ajudou a gente. O nosso salário era livre pra isso. Só pra casa, pagar o pedreiro e o material. Mas mesmo assim foi muito difícil. Ai tu vê, tem muita coisa pra acabar, né? Isso aí, com o tempo vai [E] [e] [e o] os objetivos que eu queria também Porque eu sou uma pessoa assim que eu acho que eu me considero uma pessoa com muita sorte. Tudo que eu boto na minha cabeça eu consigo. Porque, tu vê, em relação ao Jair, o que eu batalhei! Nesse tempo todo foram nove anos. Esperando, pra conseguir ele, né? Mas consegui. Depois, o meu sonho era conseguir [e] fazer a cirurgia no meu seio. Tu vê, estava caro. Eu não tinha dinheiro nenhum, porque eu tinha recém acabado de fazer a casa. (FLP 20 L. 625-36)

### Presença de *você*

(67) E: Stress?

F: É stress, né? que estavam falando. Dá esse negócio aí e a pessoa sai, pega ônibus lotado, né? fica <nervo> [já sai preocupada] [com a] né? [com a] com a família em casa. Um dia tem [assim] às vezes tem dia que tem as coisas em casa, tem dia que não tem ou sai preocupada com tudo aquilo, né? Você vê, quanta preocupação de uma mãe, de um pai de família, né? Tanta coisa que tem, né? (CTB 08 L. 189)

### Ausência de pronome (ou *zero*)

(68) E: E o novo plano do governo, o que tu achaste? A gente está aí com ele bem recente.

F: Olha, pra mim foi ótimo. Porque eu não tinha muito dinheiro mesmo, então o que ele fez, pra mim foi ótimo. Porque pelo menos congelou um pouco os preços, né? (POA 12 L.534)

O fenômeno de concordância verbal com a segunda pessoa do discurso é bastante variável no português, conforme já amplamente discutido na literatura especializada. Resgatamos, aqui, alguns desses estudos para justificar nossas hipóteses e ajudar a explicar o funcionamento de *olha* e *veja* junto a formas pronominais.

Para Faraco (1986), o sistema de escolha das formas (*cante/canta*) se mantém inalterado mesmo quando o falante no Brasil usa uma das variedades da língua em que a forma de tratamento é *tu*, já que o imperativo nessas variedades também se constitui com as formas subjuntivas do paradigma *você*. Assim, o fato de o falante escolher uma ou outra das formas verbais não quer dizer que ele está trocando a forma de tratamento do interlocutor. A escolha é entre as formas marcadas para realizar atos de fala específicos, como resultado da especialização pragmática que a forma imperativa básica desenvolveu (Cf. capítulo 2).

Scherre e outros (2000) constataram que, na escrita sem diálogo, a possibilidade de preenchimento da posição de sujeito bloqueia a interpretação imperativa ou, no mínimo, causa

estranhamento sintático, especialmente com a possibilidade de preenchimento pelos pronomes ele/ela de natureza anafórica. Por sua vez, o uso do imperativo na forma subjuntiva não apresenta possibilidade estrutural de preenchimento sintático da posição de sujeito porque, em orações absolutas não encabeçadas por elementos do tipo *talvez* (que podem desencadear o uso do subjuntivo não imperativo), a forma subjuntiva só pode ser interpretada como modo imperativo e, necessariamente, como tendo um sujeito de segunda pessoa do discurso sintaticamente vazio.

Quanto aos pronomes que tendem a ocupar a posição de sujeito, Loregian (1996) analisou dados de entrevistas do Projeto VARSUL das três capitais a fim de constatar se havia ou não variação de pronomes de segunda pessoa do singular. A autora concluiu que, em Porto Alegre e Florianópolis, aparecem os dois pronomes (*tu/você*), embora com distribuição diferenciada, ao passo que, em Curitiba, não existe o uso de *tu*. Loregian constatou também que o fenômeno da variabilidade na concordância com o pronome *tu* está mais adiantado em Porto Alegre que em Florianópolis. Essa variação, entretanto, concentra-se na comunidade, não nos indivíduos

Segundo Menon (2000, p. 135), as pesquisas de Abreu (1987)<sup>44</sup> e Ramos (1989)<sup>45</sup> já haviam identificado resultados semelhantes aos de Loregian, porém, apresentam não a bipolaridade entre *tu/você*, mas a constatação, pelo menos do ponto de vista empírico, de um novo modo de o falante se dirigir ao ouvinte, o *pronome zero*. Isso reflete o uso da forma verbal não-marcada, sem pronome sujeito, idêntica àquela usada para *você* ou para *tu* quando não aparece o morfema de 2ª pessoa, além do uso de *o senhor*. Para Abreu (1987), a estratégia de empregar o *pronome zero* ocorre quando o falante tem dificuldade em categorizar o interlocutor segundo a idade ou o *status*, pois, ao usar uma forma não-marcada, evita uma descortesia ou um (in)formalismo inadequado. Os resultados desse autor mostram que, em Curitiba, o *tratamento zero* ocorre em grande parte dos dados (49%, com 839 dados), seguido de *você* (30,9%, 530 ocorrências) e de *o senhor* (20,1%, 345 dados). Resultados muito próximos aos de Abreu também foram identificados por Ramos (1989) nos dados de informantes de Florianópolis, perfazendo, num total de 427 ocorrências, 40% de *pronome zero*, contra 31% de *você*; 20% de *tu* e 9% de *o senhor*.

Do exposto nos parágrafos acima, destacamos as seguintes constatações: motivação pragmática para o uso das formas indicativa e subjuntiva assinalando o imperativo (tanto o

<sup>44</sup> Abreu (1987) contou com 96 informantes de Curitiba, distribuídos por quatro faixas etárias e quatro níveis de escolaridade.

<sup>45</sup> Ramos (1989) trabalhou com uma amostra de 36 informantes da área urbana de Florianópolis juntamente com dois textos da literatura catarinense, além de questionários de atitudes.

indicativo como o subjuntivo podem aparecer com o tratamento *tu* e *você*); restrição estrutural (na escrita) que bloqueia construções imperativas com subjuntivo e pronome expresso; existência de variação entre as formas *você* e *zero* (em Curitiba), *tu*, *você* e *zero* (em Porto Alegre e Florianópolis), com predomínio de *zero*, para referir-se a segunda pessoa do discurso (além da forma *o senhor*)<sup>46</sup>.

Diante disso e considerando que estamos tratando de marcadores discursivos cujo uso é originado do imperativo (e levando em conta ainda os resultados apresentados na seção anterior), temos as seguintes hipóteses: em termos de frequência geral, o pronome sujeito se realiza de acordo com a seguinte distribuição: *zero* > *tu/você*, junto aos itens *olha* e *veja*; as formas indicativas aparecem mais acompanhadas de pronomes do que as subjuntivas, com a restrição de que em Curitiba só aparece *você*; a variante *veja* aparece mais acompanhada de pronome do que *olha*, em virtude de sua complexidade estrutural.

b) Resultados e discussão

Os resultados para o grupo de fatores *presença de pronome*<sup>47</sup> encontram-se na tabela a seguir:

**TABELA 3 – FREQUÊNCIA DE PRONOMES JUNTO A OLHA E VEJA POR CIDADE**

PRONOMES	CURITIBA			PORTO ALEGRE			FLORIANÓPOLIS I			RESULTADO GERAL		
	<i>Olha</i>	<i>Veja</i>	Total	<i>Olha</i>	<i>Veja</i>	Total	<i>Olha</i>	<i>Veja</i>	Total	<i>Olha</i>	<i>Veja</i>	Total
Tu	0	0	0	0	23	23	0	23	23	0	46	46
Você	2	138	140	0	4	4	0	3	3	2	145	147
Zero	96	11	107	202	7	209	113	5	118	411	23	434
Total	98	149	247	202	34	236	113	31	144	413	214	627

Os resultados numéricos acima comprovam algumas de nossas hipóteses iniciais: há 69% de *zero* (434 ocorrências) contra 23% de *você* (147 ocorrências) e 7% de *tu* (46 ocorrências) no resultado geral, mostrando um índice de 31% de presença de pronome junto às variantes – o que consideramos um percentual alto, visto que se trata de marcadores discursivos. A variante *veja* é realmente a que aparece mais acompanhada de pronomes (145 ocorrências com *você* e 46 ocorrências com *tu*, perfazendo um percentual de 89% do total de

<sup>46</sup> Encontramos apenas uma ocorrência da forma *o(a) senhor(a)* junto ao item *veja* em nosso corpus, a saber: “Acho que inflação, inflação volta. Esse Collor, Plano Collor, não dá, não vai não. A senhora veja: Nós recebemos vale refeição de oitenta e seis cruzeiros em duas parcelas, uma sai no dia quinze. outra sai no dia primeiro.” (FLP 14 L. 640)

<sup>47</sup> Às vezes, estamos chamando de “sujeito” à forma pronominal que antecede imediatamente os itens *olha* e *veja*, de modo a facilitar a remissão a essas construções. Não estamos defendendo, entretanto, que se trate de uma função sintática plenamente realizada, já que estamos nos movendo no terreno dos marcadores discursivos.

dados dessa variante), em oposição fortíssima a *olha* (2 ocorrências com *você* e nenhuma com *tu*, equivalendo a apenas 0,5% do total de dados da variante). Novamente esse resultado nos surpreende, pois embora esperássemos maior concentração de pronomes junto ao item *veja*, não supúnhamos que o comportamento das variantes quanto a esse fator fosse tão polarizado. Tal resultado evidencia que *veja* ainda retém fortes indícios de sua natureza verbal, ao passo que *olha* apresenta-se praticamente destituído desse traço no que se refere à realização do sujeito.

Quanto às cidades, observamos que Porto Alegre e Florianópolis dividem igualmente as ocorrências de *tu* (23 dados com a variante *veja* em cada cidade), e Curitiba concentra o uso de *você* (mais de 95% das ocorrências desse pronome quase que categoricamente associado à variante *veja*). Porto Alegre e Florianópolis também compartilham a maior incidência de *zero* (acima de 80%) enquanto Curitiba apresenta metade desse percentual (43%).

Para testarmos a hipótese de que as formas indicativas apareceriam mais acompanhadas de pronome do que as subjuntivas, realizamos um CROSSTAB, cruzando as variáveis *forma de realização dos itens* e *presença/ausência de pronome*, cujos resultados aparecem na tabela seguinte.

**TABELA 4 – CRUZAMENTO ENTRE FORMA DE APRESENTAÇÃO DOS ITENS E PRESENÇA/AUSÊNCIA DE PRONOME**

Forma de apresentação dos itens	presença/ ausência de pronome			Total
	zero	tu	você	
olha	313	0	0	313
olhe	40	0	1	41
[ ya]	33	0	0	33
[ y]	7	0	1	8
[ ]	18	0	0	18
veja	9	0	54	63
vês	0	2	0	2
vê	14	44	91	149
Total	434	46	147	627

Como podemos notar, todas as 46 ocorrências de *tu* acompanham realizações da forma indicativa (*vê* e *vês*) e as 147 de *você* distribuem-se variavelmente: 91 (62%) antecedem indicativo (*vê*) ao passo que 55 (37%) coocorrem com subjuntivo (*veja* e apenas 1 ocorrência de *olhe*). Nossa hipótese, portanto, sustenta-se apenas em relação à variante *olha*. Corroborando as observações de Faraco (1986), tanto a forma de subjuntivo (*veja*) quanto a de indicativo (*vê*) são acompanhadas do mesmo pronome (*você*) – no caso da variante *veja*. E, diferentemente do que foi encontrado por Scherre e outros (2000) na escrita, ocorre um

percentual relativamente alto de pronome junto de forma originariamente subjuntiva em nossa amostra – também no caso da variante *veja*.

A inserção dos dados dos jovens florianopolitanos (43 ocorrências) se dá quase que categoricamente com *zero* (há apenas 01 pronome *tu*).

Os resultados para o grupo de fatores *presença/ausência de pronome* reforçam os obtidos na seção anterior, que tratou das *formas de realização*. Ratifica-se a maior complexidade estrutural da variante *veja* (não só pelas marcas flexionais, mas também pela expressão do pronome na posição estrutural de sujeito).

#### 7.2.1.1.3 Relação sintática de *olha* e *veja* com a estrutura oracional

##### a) Caracterização e hipóteses

Com base em Marcuschi (1989) e Risso, Silva e Urbano (1996), incluímos essa variável para observar se os itens em estudo são ou não sintaticamente dependentes, alheios ou não à estrutura gramatical da oração.

Independência sintática significa aqui que essas expressões são descartáveis sem prejuízo da construção sintagmática em si, pois estruturalmente os marcadores discursivos não estão integrados como constituintes essenciais. Marcuschi (1989, p. 299) afirma, contudo, que esses elementos são discursivamente dependentes e, nesse caso, não são descartáveis, pois assumem funções voltadas para o ato comunicativo. O autor destaca ainda uma característica dos marcadores iniciais que é a propriedade formal de independência sintática em relação à construção em que se inserem. Essa observação é frisada, segundo o autor, com ênfase por Schifffrin (1987, p. 24) para o inglês em partículas com *oh*, *well*, *and*, *I know* e outras.

Risso, Silva e Urbano (1996, p. 39) verificaram que, quanto ao enfoque da relação com a estrutura sintática da oração, a faixa sensivelmente predominante foi a da independência sintática (86,9%) sobre as manifestações de dependência (13,1%).

A partir disso, acreditamos que, de maneira geral, os itens *olha* e *veja* sejam mais recorrentes em contextos sintaticamente independentes. De forma mais específica, a tendência é que *olha* esteja perdendo mais seu estatuto verbal e assumindo valores mais pragmáticos, sendo mais propício a uso como marcador discursivo em contextos sintaticamente independentes. Já o item *veja*, devido a sua composição como unidade estruturalmente mais



marcada, parece estar mais preso a seus traços verbais, tendendo a ocorrer em contextos sintaticamente dependentes.

Vejamos abaixo os exemplos para esse grupo de fatores:

Sintaticamente dependente

(69) F: É, danado o homem. Mas eu gostava dele. Digo que sim. (risos) E outro professor também que me deixou saudade, afinal eu gostava de todos, né? mas [esse] esse era pela severidade que se aproveitava mesmo, a dureza do homem. Olha que passei pedaços. Todas nós passamos pedaços muito difíceis. (CTB 24 L. 625)

Sintaticamente independente

(70) E: E ele tem bastante funcionários ou [a]  
F: Olhe, ele tem, me parece que são quatro funcionários, tá? Porque é uma empresa nova, que não faz um ano e meio que está no mercado. (CTB 11 L. 409)

b) Resultados e discussão

Realizamos, primeiramente, uma rodada geral<sup>48</sup> agrupando todas as cidades, a fim de se ter uma visão ampla do comportamento da variável em questão. Vejam-se os resultados abaixo, em que se toma *olha* como aplicação da regra.

TABELA 5 – INFLUÊNCIA DA *RELAÇÃO SINTÁTICA* SOBRE O USO DE *OLHA* EM OPOSIÇÃO A *VEJA*

RELAÇÃO SINTÁTICA	OLHA		
	Ap/ total	%	P. R.
Sintaticamente dependente	18/93	19	0,15
Sintaticamente independente	395/534	74	0,57
TOTAL	413/627	66	
	Input: .80      Sig.: .023 2º selecionado		

O grupo *relação sintática* dos itens com a estrutura oracional foi selecionado como o segundo mais significativo, com os pesos relativos de 0,15 para o fator *sintaticamente dependente* e 0,57 para o fator *sintaticamente independente*, revelando um percentual bastante polarizado entre os fatores. Conforme o esperado, o contexto condicionante de *olha* é o sintaticamente independente, e o favorecedor de *veja* é o sintaticamente dependente.

<sup>48</sup> Nas rodadas gerais, testamos ora o grupo de fatores *macrofunção*, ora o grupo *função*, o primeiro deles reunindo as funções em dois fatores e o segundo, detalhando todas as funções em nove fatores. As rodadas foram excludentes, pois esses grupos se superpõem. O resultado mais significativo para a variável *relação sintática* foi dado pela rodada em que se controlou a *macrofunção*, extraíndo-se daqui os resultados da tabela geral apresentada.

Na rodada estatística por cidade, esse grupo de fatores continuou como o segundo selecionado pelo programa estatístico em Porto Alegre e em Florianópolis 2 (amostra com jovens). Esse grupo não foi selecionado como significativo para Curitiba e Florianópolis 1. Apresentamos, a seguir, os resultados por cidade<sup>49</sup>.

TABELA 6 – INFLUÊNCIA DA *RELAÇÃO SINTÁTICA* NO USO DE *OLHA* EM OPOSIÇÃO A *VEJA* POR CAPITAL

RELAÇÃO SINTÁTICA	Curitiba			Porto Alegre			Florianópolis 1			Florianópolis 2		
	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.
Sintaticamente dependente	17/66	26	(0,35) <sup>50</sup>	1/16	6	0,01	0/11	0	(0,01)	1/15	7	0.00
Sintaticamente independente	81/181	45	(0,56)	201/220	91	0,50	113/133	85	(0,59)	151/172	88	0.70
TOTAL	98/247	40		202/236	86		123/144	78		152/187	81	
	Input: .40 Sig.: .008 Não selecionado			Input: .97 Sig.: .013 2º selecionado			Input: .74 Sig.: .006 Não selecionado			Input: .94 Sig.: .010 2º selecionado		

Corroborando os resultados anteriores, *olha* é favorecido pela relação *sintaticamente independente* em Florianópolis 2 (0,70) e em Porto Alegre (0,50) e fortemente desfavorecido nessas duas cidades em contextos *sintaticamente dependentes*, situação em que *veja* aparece com comportamento praticamente categórico. Florianópolis 1 apresenta também uma distribuição bastante polarizada nos percentuais, embora esse grupo de fatores não tenha sido selecionado como significativo nessa amostra. Curitiba, por sua vez, apresenta os percentuais mais aproximados: 26% e 45% para dependência e independência sintática, respectivamente, para a escolha da variante *olha*; nesta cidade, *veja* predomina também em contextos *sintaticamente independentes* (55%). Uma vez mais Curitiba opõe-se às demais capitais, mostrando, no grupo *relação sintática*, um índice maior de variação.

Os resultados obtidos para esse grupo de fatores fornecem mais evidências para a hipótese geral da marcação, uma vez que podemos interpretar a dependência sintática como mais um indício de complexidade estrutural. Vem se confirmando a hipótese de que a variante *veja* é mais marcada do que *olha*. Sustenta-se também o pressuposto de que *olha* tem um comportamento mais típico de marcador discursivo, encontrando-se numa etapa mais adiantada em seu processo de mudança.

<sup>49</sup> Os resultados que compõem a tabela foram extraídos de quatro rodadas separadas: três por cidade e quarta inserindo os jovens na amostra de Florianópolis.  
<sup>50</sup> Retiramos os resultados em peso relativo para os grupos de fatores não selecionados como significativos do nível 1 (*Step up*) da rodada estatística.

#### 7.2.1.1.4 Posição na frase

##### a) Caracterização e hipóteses

Com base nos trabalhos de Urbano (1999) e no levantamento de nosso *corpus*, identificamos três tipos de posição em que os itens *olha* e *veja* ocorrem no contexto discursivo: *inicial*, *medial* e *final*. Além dessas, acrescentamos o fator *não se aplica* para os contextos em que as formas atuam solitariamente ou antecedidas apenas de pronome (tu/você), ou de algum elemento seqüencial (mas, aí, porque...).

A frase, segundo Urbano (1999, p. 201), é aqui considerada uma unidade comunicativa entonacionalmente delimitada e segmentada conforme os propósitos do falante e/ou as condições discursivas da produção coletiva do texto. Frequentemente tem feição oracional, ainda que muitas vezes sem a estrutura e a completude gramatical canônicas.

Observemos a caracterização de cada posição juntamente com um exemplo ilustrativo:

##### **Inicial**

Trata-se de formas localizadas no início de frases. Incluem-se aqui os casos de início de fala citada em discurso direto.

(71) E: Mas ele morou bastante tempo aqui?

F: Olhe, a gente morou vinte anos. Vamos ver. Agora dia vinte de setembro [vou] vou fazer vinte e dois anos de casada. É [quase] quase vinte anos. Dezenove anos e uns meses, a gente morou, morou. (CTB 18 L. 536)

(72) E: O senhor se lembra quando o senhor conheceu a sua esposa?

F: Me lembro. Eu era aprendiz de marinho. Eu conheci ela foi no mês de [foi no] abril ou maio de mil novecentos e quarenta. Aí, nós ficamos correspondendo, coisa e tal. [o Correio aí] se correspondia. Aí vinha aqui, depois eu vim, como noiva, né? ali, e coisa e tal. Quando eu fui, aí disse pra ela: "Olha, só me caso com você quando eu for o terceiro sargento". (FLP 06 L. 596)

##### **Medial**

Formas localizadas no interior de frases, inclusive no meio de sintagmas.

(73) F: ... no segundo ano eles começavam a escrever com tinta. Mas a caneta não era essa esferográfica que hoje se usa. Era caneta de pena que molhava na tinta. Então no começo era uma borradeira que dava medo. Mas tinha que ser. [E] [a] [as] [a <escr>] a apresentação da prova. veja bem como era duro, a apresentação, a visão da prova assim valia dois pontos na média. Quer dizer se era bonita, bem limpa, bem coisa, dois pontos. <fic-> Continuava com aquela média. Perdia dois pontos na média. Se acaso era feia, borrada, tudo, tirava dois pontos da média. Agora isso não reprovava aluno, porque [em julho] em junho, que é a última prova depois vem férias, e em novembro, a

gente fazia uma prova oral, a prova oral ajudava o aluno no sentido de recuperar, aquilo, nunca reprovou aluno por causa disso. (CTB 24 L. 374)

(74) E: Aquelas chácaras?

F: É. chácaras grandes, cheias de frutas. Então a gente pulava o muro, ia lá, ou pedia. Ai vinha o cachorro, a gente saía, mas não havia assim essas coisas assim [de] tu vê, de briga, o cidadão vir gritar, não. Eles deixavam às vezes, outras vezes, como não era época, ele não deixava a gente tirar, então são essas coisas. (FLP 13 L. 402)

## Final

Formas localizadas no final de frases.

(75) E: Tu frequêntas a igreja?

F: Agora não. Só em missa de sétimo dia e casamento, e olhe lá. (POA. 13 L. 423)

## Não se aplica

Formas que ocorrem solitariamente, isto é, como constituintes únicos de interação ou antecedidas de um pnome (tu/você), ou de um elemento seqüencial (mas, e, aí...).

(76) E: [Bem arrumado]. Imagine que no escândalo que teve lá [da] da LBA que [a] os irmãos dela, né? puseram até piscina, né? num lugar que não tem água, né? que a seca

F: A seca tomando conta, né?

E: A piscina do irmão dela era maior que o reservatório de água da cidade.

F: Você veja.

E: Um absurdo, né? Né? [o carro da] a ambulância ficava na frente da casa deles, pra eles passearem e tal. Então é coisa assim que deixa a gente chocada até, né? (CTB L. 1597)

Nos resultados de Marcuschi (1989), tanto os turnos quanto as UCs se iniciam cerca de 80% dos casos com algum marcador verbal, sendo que os marcadores mediais tendem a ocorrer em turnos mais longos. Para Risso (1999, p. 262), é invariavelmente inicial a posição ocupada pelos marcadores *bom*, *bem*, *olha* e *ah*. Entretanto, ao mobilizarem diferentes instâncias de aberturas, como operações de exemplificação, de citações, de reintrodução de uma seqüência discursiva temporariamente suspensa, de movimentos argumentativos de ressalvas, concessões, entre outros aspectos, a posição ocupada por esses itens se define como inicial ou intermediária. Macedo e Silva (1996, p. 39) identificaram as formas *ah*, *bom* e *olha* como iniciadoras de tópico, tanto no interior do texto como no início de turnos.

A variável *posição na frase*, de feição mais sintática, parece estar intimamente relacionada à articulação tópica da conversação, de caráter mais discursivo, entendendo-se tópico como “aquilo acerca do que se está falando” (BROWN e YULE, 1983 apud FÁVERO, 1999, p. 38). Ele é, antes de tudo, uma questão de conteúdo, estando na dependência de um

processo colaborativo que envolve os participantes do ato interacional. Segundo Marcuschi (1991), o tópico é desenvolvido por pelo menos duas pessoas, sendo sua condição inicial um ato de fala que deve ter alguma relação com o ato seguinte e, quando for o caso, com o anterior. Dessa forma, uma conversação fluente é aquela em que a passagem de um tópico a outro se dá com naturalidade, sendo sua regra básica: a) continuidade: dois turnos contíguos que apresentam desenvolvimento do mesmo conteúdo seqüenciam o mesmo tópico; b) mudança: dois turnos que não seqüenciam o mesmo conteúdo constituem uma mudança de tópico; c) quebra: ocorre quando o tópico foi interrompido, podendo retornar.

Nesse sentido, acreditamos que *olha* seja um item menos seqüenciador tópico tendo em vista que, na passagem do turno, não há uma quebra na regra básica da conversação, pois esse elemento o introduz e auxilia na continuidade do conteúdo desenvolvido pelo entrevistador, podendo localizar-se nas posições inicial e final. Por outro lado, o item *veja* parece ser um item mais seqüenciador tópico em razão de sua maior atuação como elemento organizador interno do turno que está sendo desenvolvido pelo falante.

Com base no exposto, acreditamos que, de modo geral, *olha*, como item menos marcado, tende a cada vez mais perder seu estatuto verbal e ocorrer mais freqüentemente à esquerda da frase, isto é, em posição inicial, de modo a auxiliar na passagem do turno. Por outro lado, *veja*, item mais marcado, parece atuar na organização mais local do texto falado e, por isso, mais localizado no interior de frases.

b) Resultados e discussão

A primeira tabela a seguir traz os resultados gerais, tendo sido o grupo *posição na frase* escolhido como o mais significativo estatisticamente<sup>51</sup>.

TABELA 7 – INFLUÊNCIA DA *POSIÇÃO* NO USO DE *OLHA* EM OPOSIÇÃO A *VEJA*

POSIÇÕES	OLHA		
	Ap/ total	%	P. R.
Inicial	316/345	92	0,73
Final	7/11	64	0,36
Medial	86/271	32	0,22
TOTAL	413/627	66	
	Input: .80                      Sig.: .023 1º selecionado		

<sup>51</sup> Tal como aconteceu na rodada geral para *relação sintática*, aqui também foi considerada a variável *macrofunção*.

A posição inicial (0,73) inclina-se positivamente em direção a *olha*, o que vai ao encontro de nossas expectativas. Em contrapartida, a posição medial (0,22) inibe a realização desse item, favorecendo largamente o uso de *veja*. A posição final, embora detenha um percentual alto, inibe a primeira variante e favorece a segunda<sup>52</sup>.

Nas rodadas estatísticas por cidades, a *posição* mostrou-se relevante em todas as capitais, sendo a primeira selecionada em Florianópolis (1 e 2) e em Porto Alegre e a sexta em Curitiba. Observem-se os resultados:

TABELA 8 – INFLUÊNCIA DA *POSIÇÃO* NO USO DE *OLHA* EM OPOSIÇÃO A *VEJA* POR CAPITAL

POSIÇÕES	Curitiba			Porto Alegre			Florianópolis 1			Florianópolis 2		
	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.
Inicial	51/73	70	0,71	173/177	98	0,75	92/95	97	0,60	120/123	98	0,63
Final	4/7	57	0,57	2/2	100	-	1/2	50	0,12	6/7	86	0,17
Medial	41/164	25	0,40	26/56	46	0,09	19/46	41	0,32	25/56	45	0,27
TOTAL	98/247	40		201/235	86		112/143	78		151/186	81	
	Input: .34 Sig.: .014 6º selecionado			Input: .97 Sig.: .013 1º selecionado			Input: .74 Sig.: .006 1º selecionado			Input: .94 Sig.: .010 1º selecionado		

Os resultados em peso relativo confirmam que, nas três capitais analisadas, *olha* é condicionado favoravelmente pela posição inicial, ao passo que *veja* é favorecido pela posição medial. Esses resultados são corroborados pelos respectivos percentuais.

Essa quase que fixação da posição inicial como o lugar de realização de *olha* (a exceção de Curitiba em que o percentual nessa posição é de 70%, nas demais cidades beira 100%), leva-nos a considerar mais uma vez essa variante como a mais adiantada no processo de mudança em direção à marcação discursiva, confirmando-se a afirmação de Heine e Reh (1984, p. 64) que “quanto mais uma unidade lingüística se gramaticaliza, mais sua variabilidade sintática decresce, isto é, mais sua posição na oração torna-se fixa”. Já *veja*, em termos distribucionais, apresenta-se mais sujeito à variabilidade posicional; por outro lado, sua tendência à realização medial reafirma seu caráter um pouco menos discursivo e mais relacional.

7.2.1.1.5 Aplicação do Princípio da Marcação para os itens *olha* e *veja*

Os resultados concernentes as quatro subseções anteriores, bem como as discussões apresentadas, conduzem-nos ao Princípio da Marcação, acreditando que o mesmo possa ser

<sup>52</sup> Ressalve-se, porém, o número reduzido de ocorrências nesse fator.

aplicado aos itens sob análise na forma de seus três critérios básicos: a) complexidade estrutural – a estrutura marcada tende a ser mais complexa que a não marcada; b) distribuição de frequência – a categoria marcada tende a ser menos freqüente que a não marcada; c) complexidade cognitiva – a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa. em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento, que a não marcada (Cf. GIVÓN. 1995, p. 28). Resumindo, a categoria marcada tende a exigir mais memória, mais esforço de atenção e mais tempo de processamento, por isso sua tendência a ser menos freqüente.

Em termos de complexidade estrutural, *veja* é visivelmente mais marcado do que *olha*, pois abrange mais marcas gramaticais de flexão modo-temporal e número-pessoal (*veja* ~ *vês* ~ *vê*). A alta frequência de *olha* parece explicar-se pela sua simplicidade estrutural, apresentando mais variações fonológicas [olha] ~ [ɔya] ~ [ɔy] ~ [ɔ] do que flexionais (*olha* ~ *olhe*) perante as formas de *veja*.

Em acréscimo, *veja* tende a coocorrer com pronome na posição estrutural de sujeito, mostrando, portanto, vestígios oracionais; seu uso é favorecido em contextos sintaticamente dependentes e em posição medial na frase – características que o tornam mais marcado estruturalmente. Em contrapartida, *olha* realiza-se sem pronome; seu uso é condicionado por contextos sintaticamente independentes e pela posição inicial na frase.

No que diz respeito ao segundo critério – complexidade cognitiva –, parece que *veja* também se diferencia de *olha* devido à transferência metafórica que sofreu, a qual faz com que o sentido mais concreto desse item possa ser aplicado em um contexto mais abstrato que envolve processamento mental, ou seja, a percepção física se expande à percepção cognitiva e passa-se a *notar, perceber com a mente, ter visão, compreender, ver com os olhos do espírito, julgar, determinar* (Cf. CASTILHO, 1997 e VOTRE, 1998). Todavia, não se verifica essa mesma trajetória semântica para o item *olha*, pelo menos, no *corpus* que analisamos e na literatura lingüística. Ao passar de um uso concreto (percepção física) para um uso gradativamente mais abstrato (“prestar atenção”), o item *olha* convida o ouvinte a atentar ao texto do falante, sem que demande por parte deste maiores implicações cognitivas.

Por fim, quanto à distribuição de frequência, *olha* comporta-se como a forma menos marcada, pois é mais recorrente (68% dos dados), enquanto que o item *veja* é menos freqüente (32%) no conjunto das três capitais analisadas, sendo, portanto, mais marcado.

Assim sendo, apresentamos, no quadro 5, a configuração que postulamos para os itens *olha* e *veja* com base nos três critérios de marcação formulados por Givón (1995) e nos

resultados para os quatro grupos de fatores lingüísticos analisados. Dessa maneira, mostramos a correlação entre resultados de variação e o fenômeno da marcação (cf. GÖRSKI e outros, a sair; TAVARES, 1999; e VALLE, 2001).

**QUADRO 5 – APLICAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE MARCAÇÃO PARA *OLHA* E *VEJA***

<b>Olha</b>	<b>Veja</b>
- complexidade estrutural	+ complexidade estrutural
- complexidade cognitiva	+ complexidade cognitiva
+ frequência	- frequência

#### 7.2.1.2 *Olha* e *veja* e o contexto discursivo

Nesta seção, apresentamos as variáveis lingüísticas que caracterizam o contexto discursivo dos itens *olha* e *veja* – macrofunções e funções discursivas e tipo de sequência discursiva. Para esses dois grupos de fatores, considerados estatisticamente relevantes, mostramos resultados de frequência e peso relativo.

##### 7.2.1.2.1 Macrofunções e funções discursivas

###### a) Caracterização e hipóteses

Como as macrofunções e funções já foram descritas e exemplificadas detalhadamente no capítulo anterior, optamos por conceituar resumidamente a atuação dos itens *olha* e *veja*<sup>53</sup>.

- ± Macrofunção articuladora interacional: a atenção pode refletir, simultaneamente, sobre o próprio falante, o texto que ele está produzindo e o interlocutor (componentes “orientado para o ouvinte” e “orientado para o falante”).

Função de advertência: revela dúvida, incredulidade ou advertência de que a informação expressa anteriormente pelo falante é contrária à esperada pelo entrevistador.



Função interjetiva: remete ao que foi dito anteriormente pelo falante e demonstra, devido à entonação, surpresa, alegria ou desapontamento.

Função atenuadora: indica uma posição de incerteza em relação ao que será dito ou um não comprometimento do falante com relação às informações.

Função de planejamento verbal: funciona fundamentalmente para manter o canal de interlocução aberto, na busca simultânea da manutenção do contato e de tempo para a organização textual.

Função prefaciadora: auxilia no retardamento do tópico que o 1º turno propõe, adiando o atendimento imediato do ponto relevante da informação suscitada pela pergunta do interlocutor.

± Macrofunção articuladora textual: atua em contextos que relacionam diferentes operações como argumentação, causalidade, exemplificação, entre outras, ajudando a organizar a atitude do falante diante do próprio texto (componente “orientado para o falante”).

Função retórica: introduz a resposta de uma pergunta que o falante formula e ele mesmo responde na sequência discursiva.

Função exemplificativa: acrescenta imediatamente informações que particularizam e/ou exemplificam o que está sendo dito pelo falante ou o que foi questionado pelo entrevistador.

Função causal: localizam-se entre orações, uma das quais encerra a causa que acarreta a conseqüência, explicação ou conclusão contida na outra.

Função concessiva: atua como uma espécie de concessão, além da qual o falante não pretende ceder sua opinião a respeito do que diz.

A expectativa é de que a macrofunção articuladora interacional, bem como suas funções, seja mais freqüente para os itens em estudo, considerando-se que esse teria sido o

---

<sup>53</sup> O leitor encontrará, no capítulo 6, a caracterização mais detalhada e exemplos de cada macrofunção e função.

primeiro movimento de expansão de um significado semântico (lexical básico) para um significado pragmático, envolvendo o aspecto intersubjetivo, voltado para o jogo falante/ouvinte ou para as atitudes do falante (componente “orientado para o ouvinte”). Espera-se que a macrofunção articuladora textual seja menos recorrente, devido ao caráter mais abstrato a ela associado (componente “orientado para o falante”). Acreditamos também que a distribuição das variantes deva ser diferenciada nas funções, caso em que haveria uma certa especialização de uso.

b) Resultados e discussão

Em ordem de relevância, na rodada geral, a variável função discursiva se mostrou fortemente atuante na escolha de *olha* e *veja*, sendo a primeira selecionada como significativa<sup>54</sup>. Nas rodadas estatísticas por cidade, esse grupo foi o primeiro selecionado como relevante para *olha* em Curitiba, o segundo em Florianópolis 1 e o terceiro em relevância para Porto Alegre e Florianópolis 2. Com base nisso, pode-se concluir, portanto, que a função discursiva constitui-se no grupo de fatores mais significativo a influenciar o emprego dos itens sob análise.

Observe os resultados gerais para as funções na tabela abaixo.

TABELA 9 – INFLUÊNCIA DAS FUNÇÕES NO USO DE OLHA EM OPOSIÇÃO A VEJA

FUNÇÕES	OLHA		
	Ap/ total	%	P. R.
Prefaciadora <sup>55</sup>	33/33	100	-
Concessiva	5/6	83	0,90
Planejamento Verbal	27/31	87	0,85
Atenuadora	174/184	95	0,84
Advertência	33/35	94	0,73
Interjetiva	34/52	65	0,43
Exemplificativa	68/106	64	0,41
Retórica	4/5	80	0,30
Causal	35/175	20	0,12
TOTAL	413/627	66	
	Input: .85      Sig.: .040 1º selecionado		

<sup>54</sup> Quando excluimos as *funções* mais específicas e enfatizamos as *macrofunções* discursivas, este foi o terceiro grupo julgado relevante para os dois itens analisados.

<sup>55</sup> Os fatores com comportamento categórico foram desconsiderados nas rodadas probabilísticas. Entretanto, são mantidos nas tabelas com seus respectivos percentuais, para efeitos de comparação com os demais. Esse procedimento se repete em tabelas subsequentes.

Os coeficientes de probabilidade atribuídos para a variável função confirmam nossas expectativas de que as funções discursivas que apresentam um significado mais pragmático, isto é, que envolvem o aspecto intersubjetivo voltado para o jogo falante/ouvinte (componente “orientado para o ouvinte”), são altamente significativas na escolha de *olha*. Ou seja, as funções prefaciadora (categórica!), de planejamento verbal (0,85), atenuadora (0,84) e de advertência (0,73) condicionam favoravelmente o uso desse item. O peso relativo alto associado à função concessiva (0,90), que é de caráter mais textual, deve ser interpretado com cautela, pois obtivemos um reduzido número de ocorrências dessa função (seis dados). Por outro lado, *olha* é fortemente inibido pela função causal (0,12), seguida da retórica (0,30) – esta também com dados escassos; as funções exemplificativa (0,41) e interjetiva (0,43) vêm a seguir. Esses resultados, em termos gerais, confirmam nossa hipótese de que funções mais textuais, que envolvem o aspecto subjetivo (componente “orientado para o falante”), seriam mais favorecedoras para *veja* e inibidoras de *olha*.

Considerando-se a frequência, nota-se que, na tabela acima, o item *olha* distribui-se preferencialmente nas funções específicas relacionadas à macrofunção discursiva articuladora interacional, isto é, nas funções de atenuação, advertência, de planejamento, interjetiva e prefaciadora ( $301/413 = 73\%$  das ocorrências dessa variante). Esse resultado confirma nossa expectativa e indica que o item mantém fortes características pragmáticas de elemento de contato entre os interlocutores (componente “orientado para o ouvinte”). Em contrapartida, apesar de apresentar frequência relativamente menor em contextos de atuação relacional ( $112/413 = 27\%$ ), esse percentual também pode ser indício de que *olha* esteja adquirindo funções de caráter um pouco mais textual, por exemplo, nas situações em que estabelece relação de causalidade ( $35/413 = 8\%$ ).

Já o item *veja* é mais freqüente na função específica de causalidade ( $140/214 = 65\%$ ). Acreditamos que esse resultado percentual para *veja*, numa função de caráter relacional, esteja de certo modo correlacionado com o fato de essa variante apresentar traços morfossintáticos (manutenção de desinências número-pessoal e modo-temporal e acompanhamento de sujeito expreso – características verbais), dependência sintática e posição medial na frase (Cf. seção anterior).

Para uma melhor visualização, observe o comportamento de cada item em relação às macrofunções articuladora interacional e articuladora textual.

**TABELA 10 – INFLUÊNCIA DAS MACROFUNÇÕES NO USO DE OLHA EM OPOSIÇÃO A VEJA**

MACROFUNÇÕES	OLHA		
	Ap/ total	%	P. R.
Articuladora Interacional	369/441	84	0.64
Articuladora Textual	44/186	24	0.21
TOTAL	413/627	66	
	Input: .80 Sig.: .023 3° selecionado		

A tabela acima mostra que *olha* é bastante privilegiado em contextos de atuação com macrofunção articuladora interacional (0,64), mas inibido em situações em que tem destaque a macrofunção articuladora textual (0,21). Por outro lado, a macrofunção articuladora textual condiciona de modo acentuado o emprego de *veja*, sendo esse item desfavorecido pela macrofunção articuladora interacional. Esses resultados probabilísticos ratificam nossa hipótese, conforme já destacado anteriormente.

É interessante destacar que o controle fino das *funções* mostrou-se mais significativo do ponto de vista estatístico (1° selecionado) que o das *macrofunções* (3° selecionado), que são, na verdade, agrupamentos de funções amalgamadas.

Vejamos o comportamento individual das funções, na tabela a seguir, em que são enfatizadas as três capitais da nossa amostra:

**TABELA 11 – INFLUÊNCIA DAS FUNÇÕES NO USO DE OLHA EM OPOSIÇÃO A VEJA POR CAPITAL**

FUNÇÕES	Curitiba			Porto Alegre			Florianópolis 1			Florianópolis 2		
	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.
Prefaciadora	0/0	0	-	21/21	100	-	12/12	100	-	12/12	100	-
Concessiva	2/3	67	0,71	3/3	100	-	0/0	0	-	0/0	0	-
Planejamento Verbal	7/11	64	0.90	11/11	100	-	9/9	100	-	10/12	2	0,87
Atenuadora	41/50	82	0.93	76/77	99	0,73	57/57	100	-	81/81	100	-
Advertência	¾	75	0.91	22/22	100	-	8/9	89	0.71	9/11	82	1,00
Interjetiva	15/26	58	0,61	12/16	75	0,53	7/10	70	0.70	8/11	73	0,40
Exemplificativa	15/48	31	0.39	40/44	91	0,35	13/14	93	0.86	22/23	96	0,52
Retórica	0/1	0	-	4/4	100	-	0/0	0	-	0/0	0	-
Causal	15/104	14	0,18	13/38	34	0,20	7/33	21	0.22	10/37	27	0,09
TOTAL	98/247	40		202/236	86		113/144	78		152/187		
	Input: .34 Sig.: .014 1° selecionado			Input: .97 Sig.: .013 3° selecionado			Input: .74 Sig.: .006 2° selecionado			Input: .94 Sig.: .010 3° selecionado		

As funções de atenuação, advertência e planejamento verbal são praticamente as mais fortes condicionadoras da variante *olha* em todas as amostras (note-se que em alguns casos a atuação de tais fatores é categórica). Por outro lado, nas três cidades, a função causal inibe fortemente a realização de *olha*, conseqüentemente favorecendo a variante *veja*. O diferencial mais evidente encontra-se em Florianópolis 1, com a função exemplificativa para *olha* (0,86),

opondo-se a Curitiba (0,39) e Porto Alegre (0,35). Os resultados por capital reafirmam os resultados gerais discutidos anteriormente, evidenciando a pertinência desse grupo de fatores.

#### 7.2.1.2.2 Tipo de seqüência discursiva

##### a) Caracterização e hipóteses

A entrevista sociolingüística, em si, pode ser considerada como um grande gênero, mas, mesmo assim, nela podem ser reconhecidos trechos de argumentações, narrativas, diálogos, descrições de vida, receitas etc. (Cf. MACEDO e SILVA, 1996, p. 14). Nas entrevistas que se constituem a fonte de nossos dados, encontramos *olha* e *veja* iniciando turno ou dando seqüência a turnos em que os tipos de seqüências discursivas apresentam-se mesclados, tornando sua classificação um pouco dificultosa. Não obstante, controlamos essa variável dividindo-a em seis fatores: argumentação, narração, descrição, citação, factual e relato de procedimentos, considerando o tipo de seqüência que mais prevalece no contexto circundante ao dado em análise, conforme as propostas de Guy e outros (1986), Granatic (1988) e Macedo e Silva (1996).

Vejamos a caracterização de cada tipo de seqüência discursiva com os respectivos exemplos.

**Argumentação:** é o trecho em que o informante fundamenta suas opiniões ou defende improvisadamente seus pontos de vista acerca de um determinado tema como política, economia, religião, entre outros.

(77) E: E que, que, como é que a senhora sente assim a cidade de Curitiba, a senhora gosta daqui?

F: Gosto, gosto, sempre gostei. Apesar que eu estava achando [<a>] agora Curitiba muito suja.

E: Suja?

F: Suja. Curitiba é um cartão postal, é muito bonita, e agora está muito suja. Está suja e relaxada, mas isto acho que o culpado mesmo é o governo [pelo falta] de verba. Porque você veja eu acho, eu sempre pego uma casa [<d>] de uma família, eu faço uma comparação com o governo. Se numa casa não há boa administração, então [as] as coisas não vão bem. E assim é o governo, se não tem [<a>] administração boa o país não pode ir bem, [né?]  
(CTB 22 L. 1171)

**Narração:** é o relato verbal de um fato ou de uma história que ocorreu num certo tempo ou lugar.

(78) E: Nunca lhe botaram de castigo pra descascar batata no navio?

F: Ah! Eu sempre descascava. Olha, eu cortava carne até a machado, a bordo. Após a gente ter tudo no frigorífico, que se não botar no frigorífico vai tudo pro pau: é verdura. [é] [é] é carne, é galinha, [é] é tudo, né? A gente tirava [aquela] aquela carne do frigorífico. Se tirasse cedo, mais cedo, umas duas horas, aí o cozinheiro chegava lá, botava aqueles quartos de carne, dentro daquelas panelas de pressão, né? (FLP 06 L. 757)

**Descrição:** é o trecho em que um fato, um objeto, uma pessoa ou um lugar é exposto detalhadamente em seus pormenores e detalhes. Essas peculiaridades podem ser divididas em basicamente dois grupos: o das características físicas e o das características psicológicas (pessoas e ambientes).

(79) E: E pelo jeito tu também [eras fogo, né?]

F: [Tu vê. É.] É, eu era fogo, é. mas era. O meu irmão também era assim, igual a [mim. É, ele me] acompanhava. (FLP 18 L. 1235)

**Citação:** é o tipo de sequência discursiva em que o falante corrente introduz a fala produzida por um terceiro interlocutor fora do evento conversacional em andamento, como apoio ao que diz (fala cuja autoria pode ser também do próprio falante). Nesses contextos, os itens *olha* ou *veja* são produzidos pelo informante na tentativa de reproduzir fielmente as circunstâncias conversacionais.

(80) E: E eu não estava mais querendo saber de brincar assim de ficar o tempo todo com as minhas amigas. Eu estava querendo fazer aquilo ali. Aí ela achou assim que não, que as gurias eram menorzinhas, não sei quê, que podia me atrapalhar e tal. Daí ela foi cortando tipo: "Não vão fazer aqui, não sei quê." Ou então foi me botando na cabeça: "Lúcia, olha só, tu já estás nessa idade, essas pirralhas aí atrás de ti todo tempo, não sei quê" Aquelas coisas Aí eu fui me desligando, e a minha família [é muito] era, principalmente, muito voltada assim pro esporte, né? Então, nessa época, meus doze anos, toda família começou a jogar vôlei, né? (POA 20 L. 703)

**Factual:** é o trecho em que o falante fornece informações sobre uma situação corrente, como seu grau de instrução, seu ramo de trabalho, suas preferências, sua escolha por determinados gêneros de filmes, sua religião etc.

(81) E: A senhora gosta de cozinhar?

F: Olha, não. Não gosto de cozinhar. Eu cozinho por obrigação. É. Não gosto de cozinhar. (POA 02 L.460)

**Relato de procedimentos:** é o trecho em que o entrevistado descreve os passos necessários na realização de determinadas tarefas, como uma receita culinária, a explicação de um endereço, as diretrizes para se montar um computador etc.

(82) E: Que tipo de rituais vocês fazem? Que tipo de coisa?

F: **Olha**, é passe, né? A pessoa se organiza, [troca] bota o fardamento, fica naquela área determinada ali, né? dentro do Congal, e rezam o Como é que se diz? o hino, digamos, não é hino propriamente dito, mas eu não me lembro agora. Então, digamos o hino do protetor, de um São Jorge, a mãe Maria, o pai João, no caso. né? tem aí oh! está aqui na <sa> pai João aqui oh, tem o Sete Flecha e outros tantos que eu não vou dizer agora porque são vários e vários. [Tem] então a gente canta [o ponto] o ponto [aí] [o] ele baixa, você se concentra e vem. (POA 03 L. 243)

Quanto aos gêneros, o emprego dos iniciadores *ah*, *bom* e *olha*, para Macedo e Silva (1996, p. 39), foi mais freqüente nas citações e nos diálogos. As autoras comentam que, no nível interacional, quando os informantes abordam temas delicados ou quando precisam negar ou criticar algum ponto, estes fazem uso de diversas estratégias de polidez, entre elas os marcadores e, em particular, os iniciadores, nas situações em que é preciso preservar a “face” do interlocutor, no caso, do próprio falante.<sup>56</sup>

Durante a realização das entrevistas que compõem o Banco de Dados VARSUL, os informantes eram instigados a produzir seqüências narrativas e de descrição de vida, permeadas de opiniões a respeito de vários assuntos, bem como do que se convencionou chamar de discurso de procedimentos. Na medida do possível, os entrevistadores seguiam um roteiro<sup>57</sup> onde os falantes apresentavam a confirmação do perfil e sua descrição da rede de comunicação.

Quanto ao comportamento de nossa variável, a expectativa é de que tanto *olha* como *veja* ocorram mais em contextos de argumentação, narração, factuais e de citação. Tal hipótese fundamenta-se nos resultados obtidos por Macedo e Silva (1996), bem como em sua análise sobre o emprego dos iniciadores *ah*, *bom* e *olha*<sup>58</sup> e nas características das entrevistas por nós analisadas, as quais apresentam grande quantidade de trechos narrativos e de descrição de vida.

Tomando os itens individualmente, esperamos que *olha* se concentre mais em contextos narrativos, factuais e de citação; e que *veja* seja mais recorrente em situações em que o informante expõe suas opiniões e pontos de vista sobre temas polêmicos, embaraçosos,

<sup>56</sup> As autoras destacam ainda que, entre os três iniciadores, nota-se que alguns iniciam temas que podem ser considerados embaraçosos e outros, não. Nesse sentido, sugerem que seja feito um levantamento do conjunto de temas das entrevistas que possibilite uma comparação estatística dos temas embaraçosos em oposição aos não embaraçosos. (Cf. MACEDO e SILVA, 1996, p. 43)

<sup>57</sup> Segundo Knies e Costa (1996, p. 56-9), o roteiro para entrevista está composto de sete fragmentos tópicos, a saber: a) história familiar; b) história pessoal; c) rede de integração (relacionamento com a família, os vizinhos, a participação na igreja, em eventos públicos, entre outros); d) rede de difusão (exposição a rádio, TV, livros etc.); e) rede de origem; f) rede de referência; g) sensibilidade lingüística.

<sup>58</sup> Diferentemente das autoras, não controlamos o diálogo – contexto que foi relevante no estudo delas, como um fator separado. Nas situações dialógicas, observamos o tipo textual envolvido, se narração, argumentação etc.

mais delicados. ou seja, em contextos argumentativos, quando deseja convencer ou persuadir o interlocutor.

Considerando-se a história de expansão semântica desses itens, vemos que, no caso de **ver**, há significados mais abstratos associados à percepção mental, como *perceber com a mente*, *compreender*, que poderiam ser ativados em certas situações, como nos contextos argumentativos, exigindo mais inferência cognitiva do ouvinte. Quanto a **olhar**, a passagem parece se dar de um uso concreto relacionado à percepção física a um mais abstrato no sentido de *prestar atenção*, especialmente ao que vai ser dito no texto, sem demandar maiores implicações cognitivas ao interlocutor. Daí prestar-se mais a relatos em geral.

Creemos também que haja uma forte correlação entre a escolha do item, o tipo de sequência discursiva e as características de cada função.

#### b) Resultados e discussão

Na rodada estatística geral, a variável tipo de sequência discursiva foi o quarto grupo selecionado para **olha**. Tomadas as capitais individualmente, essa variável foi o terceiro grupo significativo para Curitiba, mas não foi considerado relevante nem para Porto Alegre, nem para Florianópolis nas duas amostras.

Vejamos a tabela abaixo:

**TABELA 12 – INFLUÊNCIA DO TIPO DE SEQUÊNCIA DISCURSIVA NO USO DE OLHA EM OPOSIÇÃO A VEJA**

TIPO DE SEQUÊNCIA DISCURSIVA	OLHA		
	Ap/ total	%	P. R.
Citação	97/98	99	0,92
Factual	83/101	82	0,60
Narração	93/167	56	0,36
Argumentação	122/223	55	0,34
Relato de procedimentos	7/10	70	0,28
Descrição	11/28	39	0,27
TOTAL	413/627	66	
	Input: .80 Sig.: .023 4º selecionado		

Uma primeira observação, de caráter geral, diz respeito ao tipo de sequência discursiva que mais propicia o aparecimento da variável em estudo. Em termos de frequência, os contextos argumentativos são os mais favoráveis ao uso de **olha** e **veja** (223 de 627 = 36%), seguidos de narração (167 em 627 = 27%) e de sequências factuais e de citação (em torno de



16% cada um). As seqüências discursivas menos recorrentes são descrição e, por último, relato de procedimentos. Esses resultados contemplam nossa hipótese geral. Possivelmente devam-se ao tipo de entrevista, em que o informante é instigado a contar algo sobre sua vida ou de pessoas próximas, o que o leva a narrar fatos que fizeram ou fazem parte de seu cotidiano. Já o uso de seqüências argumentativas também pode estar relacionado ao tópico proposto pelo entrevistador, ou seja, há momentos em que o falante é provocado a emitir opiniões sobre temas políticos, sociais, religiosos e econômicos. Nesse sentido, parece que a argumentação está bastante relacionada ao caráter mais subjetivo/cognitivo que encontramos na trajetória de expansão do item *veja*, conforme já destacamos anteriormente.

No que se refere a cada uma das variantes, os resultados em peso relativo confirmam parcialmente nossas expectativas. O item *olha* é privilegiado em citações (0,92) e em trechos factuais (0,60). Por outro lado, conforme também já prevíamos, o tipo de seqüência argumentativa favorece de modo acentuado o emprego de *veja*, em oposição a *olha*. A variante *veja* mostra-se condicionada também pelos contextos de descrição, relato de procedimentos e narração (este último contrariando nossa expectativa inicial).

Um aspecto interessante que devemos mencionar aqui é que durante a análise dos contextos de ocorrência das variantes, freqüentemente nos deparávamos com trechos em que os falantes externavam uma opinião ou avaliação sobre uma determinada situação, fora de uma seqüência argumentativa – contexto naturalmente propício a opiniões. As narrativas, por exemplo, são ricas em comentários avaliativos. Em vista disso, controlamos como uma variável adicional a presença ou não de opinião/avaliação na seqüência discursiva. Essa variável não se mostrou significativa do ponto de vista estatístico<sup>59</sup>. Acreditamos, porém, que os resultados percentuais auxiliem em nossa análise.

TABELA 13 – INFLUÊNCIA DE CONTEXTO AVALIATIVO SOBRE O USO DE OLHA EM OPOSIÇÃO A VEJA

OPINIÃO/AVALIAÇÃO	OLHA	
	Ap/ total	%
Contexto com opinião/avaliação do falante	218/377	58
Contexto sem opinião/avaliação do falante	195/250	78
TOTAL	413/627	66

<sup>59</sup> Essa variável mostrou-se significativa nas duas rodadas de Florianópolis: em Florianópolis 1, foi o terceiro grupo selecionado com peso relativo de 0,29 nos contextos em que há opinião/avaliação e de 0,77 nos contextos em que não há opinião/avaliação; em Florianópolis 2, foi o quinto grupo de fatores estatisticamente relevante, mostrando que *olha* é bastante favorecido em contextos em que não há opinião/avaliação (0,77), sendo inibido pelos contextos em que há opinião/avaliação (0,00).

Note-se que, em 60% do total das ocorrências (377), os itens sob análise se manifestam em contexto com opinião/avaliação do falante – o que é uma característica a mais desses itens de chamada da atenção do ouvinte. Individualmente, quando o contexto discursivo não traz nenhum tipo de avaliação do falante, a variante mais usada é *olha* (78%), já quando há envolvimento maior do informante, cai a frequência de uso desse item, aumentando, conseqüentemente, as chances de aparecer *veja*.

Para testarmos a correlação entre os tipos de sequência discursiva e as funções, realizamos um CROSSTAB, cujos resultados podem ser observados na tabela a seguir. Essa tabela traz as ocorrências dos jovens incluídas (670 dados).

**TABELA 14 – CRUZAMENTO ENTRE FUNÇÕES DISCURSIVAS E TIPO DE SEQUÊNCIA DISCURSIVA PARA OLHA**

FUNÇÕES DISCURSIVAS	Tipo de sequência discursiva											
	Narração		Factual		Argumentação		Citação		Relato de procedimentos		Descrição	
	Ap/t	%	Ap/t	%	Ap/t	%	Ap/t	%	Ap/t	%	Ap/t	%
Concessiva	0/0	0	3/3	100	1/0	100	0/0	0	0/1	0	1/0	100
De planejamento verbal	6/6	100	1/1	100	20/24	83	0/0	0	0/0	0	1/3	33
Atenuadora	23/23	100	44/44	100	65/74	88	62/62	100	2/3	67	2/2	100
De Advertência	0/2	0	2/2	100	3/4	75	28/28	100	1/1	100	0/0	0
Interjetiva	13/21	62	2/5	40	6/12	50	12/12	100	1/1	100	1/2	50
Exemplificativa	30/49	61	25/28	89	13/23	57	4/4	100	1/1	100	4/10	40
Retórica	0/0	0	0/0	0	3/4	75	1/1	100	0/0	0	0/0	0
Causai	18/65	28	4/16	25	14/84	17	1/1	50	0/1	0	1/11	9
Prefaciadora	12/12	100	10/10	100	8/8	100	0/0	0	2/2	100	1/1	100
Total	102/178	57	91/109	83	133/234	57	108/109	99	7/10	70	11/30	37

As correlações mais significativas parecem ser:

- a) para *olha*: função atenuadora com trecho de citação e de sequência factual;  
função de advertência com trecho de citação;
- b) para *veja*: função causal com sequência argumentativa e narrativa;  
função exemplificativa com sequência argumentativa e narrativa.

O cruzamento das variáveis ajuda a elucidar por que a variante *veja* é favorecida em contextos narrativos, provavelmente, devido á atuação conjunta das funções causal e exemplificativa, especialmente a primeira, que é forte condicionante dessa variante.

A rodada estatística por cidade forneceu os resultados apresentados na tabela 14 a seguir.

**TABELA 15 – INFLUÊNCIA DO TIPO DE SEQUÊNCIA DISCURSIVA NO USO DE OLHA EM OPOSIÇÃO A VEJA POR CAPITAL**

TIPO DE SEQUÊNCIA DISCURSIVA	Curitiba			Porto Alegre			Florianópolis 1			Florianópolis 2		
	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.
Argumentação	36/114	32	0,33	62/76	82	(0,38)	24/33	73	(0,45)	35/44	80	(0,48)
Citação	19/19	100	-	44/45	98	(0,86)	34/34	100	-	45/45	100	-
Descrição	5/18	28	0,50	5/7	71	(0,25)	1/3	33	(0,13)	1/5	20	(0,06)
Factual	9/19	47	0,68	49/56	88	(0,49)	25/26	96	(0,88)	33/34	97	(0,89)
Narração	29/74	39	0,68	38/48	79	(0,34)	26/45	58	(0,29)	35/56	63	(0,28)
Relato de procedimentos	0/3	0	-	4/4	100	-	3/3	100	-	3/3	100	-
TOTAL	98/247	40		202/236	86		113/144	78		152/187	81	
	Input: .34 Sig.: .014 3º selecionado			Input: .89 Sig.: .023 Não selecionado			Input: .77 Sig.: .000 Não selecionado			Input: .81 Sig.: .000 Não selecionado		

As capitais apresentam um comportamento bastante diferenciado quanto a esse grupo de fatores, a começar pela relevância estatística a ele atribuída, pois apenas em Curitiba o tipo de sequência discursiva foi selecionado. Mais uma vez, Curitiba opõe-se a Porto Alegre e a Florianópolis. Na capital paranaense, os resultados probabilísticos confirmam nossa hipótese inicial, pois as sequências factuais, narrativas e de citação favorecem a variante *olha*, ao passo que os trechos argumentativos condicionam a variante *veja*. Já em Porto Alegre e Florianópolis, citação tem o percentual mais alto para *olha* (como Curitiba), mas a argumentação detém a frequência mais baixa para *veja* (diferente de Curitiba).

Dessa forma, apenas em Curitiba o uso variável de *olha* e *veja* pode ser interpretado com relação ao tipo de sequência discursiva.

### 7.2.1.3 Olha e veja e seus aspectos circundantes

Analisando os contextos de uso de *olha* e *veja*, percebemos que, muitas vezes, tais itens ocorriam associados a outros elementos. Nesse sentido, nesta seção apresentamos dois grupos de fatores de natureza lingüística que participam nos contextos de uso de *olha* e de *veja*: *coocorrência* e *pausa*. Acreditamos que essas variáveis associadas ao forte caráter interpessoal de *olha* e *veja* possam fornecer pistas acerca do comportamento dos itens durante o ato comunicativo.

#### 7.2.1.3.1 Coocorrência

Consideramos para o grupo coocorrência os seguintes fatores:

- Conector (*mas, porque, aí, e, então*) + *olha* ou *veja*
- *Olha* ou *veja* + MDs (*viu?, né?, tá?, certo?, sabe?, entende?*)
- *Olha* ou *veja* + elementos reforçadores (*bem, lá, aqui, só*)

Vejamos a caracterização e os exemplos para cada um desses fatores.

#### a) Caracterização e hipóteses

##### ± Conector + *olha* ou *veja*

São comuns, no *corpus* analisado, casos em que os itens *olha* e *veja* estão ligados a elementos de função sequenciadora como (*mas, aí, porque, e, então*). Nesses contextos, os itens se ligam a esses elementos para enfatizá-los, trazendo a atenção do ouvinte para o fato de que mais informações serão dadas.

Vejamos um exemplo:

(83) F: Então você diz que não tem. "Mas eu quero, pode marcar que eu quero."

E: Eu estou pagando.

F: É. Ai, menino, mas olha, tem hora assim que dá vontade de você perder a paciência, sabe? O que que você vai fazer? Então eu até já ganhei um apelido lá, eu sou Irmã Dulce. (CTB 19 L. 1029)

##### ± *Olha* ou *veja* + MDs

Consideramos a coocorrência de *olha* e *veja* com outros marcadores discursivos localizados na passagem transcrita da fala dos informantes como um espécie de reforço da interação. De acordo com Urbano (1999, p. 208), *viu?, né?, tá?, certo?, sabe?* ou *entende?* funcionam como partículas retroalimentadoras, as quais auxiliam no encadeamento das colocações do falante ao mesmo tempo em que testam o acompanhamento e o entendimento por parte do ouvinte.

Observemos um exemplo:

(84) E: E pra você, qual era a língua mais bonita, [é o] era o grego, ou a língua portuguesa, a nossa língua [é] é mais bonita?

F: Olha, aí é aquilo, né? eu acho a nossa, porque eu falo a língua portuguesa, né? então eu acho mais bonita, mas o grego também [é uma] [é um] um idioma bonito, é uma língua bonita. (POA 04 L. 733)

± *Olha* ou *veja* + elementos reforçadores

Dependendo do contexto em que os itens aparecem, encontramos conjugados a eles certos elementos reforçadores (*bem*, *lá*, *aqui*, *só*), isto é, palavras que reforçam ou realçam a idéia expressa pelo falante.

Vejamos alguns exemplos que ilustram esse fator:

(85) E: É e esse pessoal que, por exemplo, que mora nessas casas são quase todo mundo de fora, né?

F: É. [a maioria são gente] que veio aí [do] do nortão aí, né? que acabou a mão de obra, o maquinário entrou lá, os bóias frias, então. eles vieram pra cidade grande tentar a sorte, não tinham onde morar foram invadindo as áreas aí. E hoje [cinquenta] cinquenta por cento de Curitiba é invadido. E hoje pra você achar um curitibano nato aqui é, no caso daqui, você acha ("um ou outro") e olhe lá. (CTB 07 L. 202)

(86) E: Está bom. Escuta, eu quero voltar ainda a um outro ponto que eu [não] não abordei aqui. (toss) Você falou que o bairro, ele cresceu, tem muitas coisas boas, até tem panificadora, tal. O que que falta aqui no bairro de vocês?

F: Olha aqui, faltar, faltam acho que algumas coisas. mas assim de momento pra gente lembrar (silêncio) (CTB 12 L. 967)

(87) F: Aquele tempo que eu era solteira ainda acho que nem tinha esse Operário aí.

E: Não tinha ainda? Claro que tinha [porque meu pai acho que é mais velho que você.]

F: [Não, que veja bem], eu casei com dezoito anos. Então estou com trinta e nove, vou fazer quarenta casei novinha. Acho que nem tinha, nem existia acho. Sei lá. (CTB 08 L. 312)

(88) E: [Não te conformas ainda.]

F: Olha, praticamente [eu estou só] eu estou sozinha. Às vezes, eu não gosto nem muito assim de parar pra pensar. Eu trabalho, chego em casa, faço o que tenho de fazer pra estar sempre ocupada e ficar cansada pra [não] nem pensar, porque aí eu caio na cama e durmo. Porque, ó tu vê só: só eu e as crianças. Me casei, vivi catorze anos. (FLP 03 L. 364)

± Sem coocorrência

(89) E: Seu Ailton, e quanto à Festa da Laranja? Esta festa é tradicional aqui, né?

F: Ela é tradicional. [Não] [teve] teve um período, tá? quando era a antiga igreja, eu trabalhava ali, inclusive, trabalhava de gerente [na] [na] no barracão. Trabalhei muitos anos ali, inclusive olha de motorista até [para o] [para o] para os padres, e com as irmãs [do] do Colégio Catarinense, as meninas do Colégio Catarinense. (FLP 05 L. 489)

Nossa hipótese geral é de que os itens *olha* e *veja* tendem a se manifestar menos rodeados de elementos circundantes. Já individualmente, *olha* deve ocorrer com mais frequência junto a outros marcadores, dado seu caráter mais interativo, ao passo que *veja* deve ser mais freqüente junto a conectores, devido a características mais textuais que tem

mostrado, tais como posição medial e dependência sintática. Espera-se também que *veja* seja a variante preferida junto a outros elementos reforçadores pela força argumentativa que tal combinação deve propiciar.

#### b) Resultados e discussão

No geral, a variável *coocorrência* foi o sexto grupo estatisticamente relevante para o item *olha*. Na rodada estatística por cidade, essa variável foi a quinta selecionada pelo programa para *olha* em Curitiba, mas não foi selecionada como significativa para Porto Alegre nem para Florianópolis.

Vejamos, primeiramente, os resultados gerais.

**TABELA 16 – INFLUÊNCIA DO COOCORRÊNCIA NO USO DE OLHA EM OPOSIÇÃO A VEJA**

COOCORRÊNCIA	OLHA		
	Ap/ total	%	P. R.
Conector	38/103	37	0,71
Palavra reforçadora	14/24	58	0,49
Sem coocorrência	252/336	75	0,46
Marcador Discursivo	109/164	66	0,44
TOTAL	413/627	66	
	Input: .80 Sig.: .023 6º selecionado		

Nossa expectativa geral, em torno da frequência de uso, confirma-se, já que, em 336 contextos, os itens aparecem sem coocorrência (54% dos dados). Ainda no que se refere à distribuição, o percentual mais alto (desconsiderado o fator sem coocorrência) está associado à presença de marcador discursivo junto à variante *olha*, e o mais baixo está vinculado à presença de conector, favorecendo, dessa forma, o aparecimento de *veja*. Esses resultados igualmente confirmam nossa hipótese. A frequência de palavras reforçadoras, todavia, é mais acentuada com *olha* do que com *veja*, contrariamente ao esperado.

Os resultados probabilísticos, porém, mostram-se surpreendentes. O peso relativo mais alto (0,71) está associado ao fator conector, cujo percentual é o mais baixo (37%), o que sugere um enviesamento nos dados. Pelo resultado da tabela, a presença de conector favorece o uso de *olha* e os demais fatores inibem essa variante, ainda que levemente.

Observemos o que acontece por cidade:

TABELA 17 – INFLUÊNCIA DA VARIÁVEL *COOCORRÊNCIA* NO USO DE *OLHA* EM OPOSIÇÃO A *VEJA*

COOCORRÊNCIA	Curitiba			Porto Alegre			Florianópolis 1			Florianópolis 2		
	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.
Conector	21/65	32	0,77	11/22	55	(0,15)	5/16	31	(0,09)	7/18	39	(0,11)
Palavra reforçadora	3/7	43	0,19	7/9	78	(0,33)	4/8	50	(0,18)	4/8	50	(0,16)
Sem coocorrência	51/114	45	0,44	119/129	92	(0,56)	82/93	88	(0,63)	113/127	89	(0,61)
Marcador Discursivo	23/61	38	0,34	64/76	84	(0,43)	22/27	81	(0,50)	28/34	82	(0,47)
TOTAL	98/247	40		202/236	86		113/144	78		152/187	81	
	Input: .34 Sig.: .014 5º selecionado			Input: .88 Sig.: .000 Não selecionado			Input: .82 Sig.: .000 Não selecionado			Input: .84 Sig.: .000 Não selecionado		

Novamente notamos um comportamento que opõe Curitiba a Porto Alegre e Florianópolis, pois apenas para a primeira capital a variável coocorrência foi estatisticamente relevante. Vemos, nessa cidade, que o peso relativo associado ao fator conector fica ainda mais alto (embora o percentual seja o mais baixo), favorecendo o item *olha*. Por outro lado, a presença de palavra reforçadora inibe de modo acentuado essa variante, favorecendo o aparecimento de *veja*, conforme esperávamos. Os marcadores discursivos, por sua vez, também inibem a variante *olha*, contrariando nossa expectativa.

Para tentar entender esse comportamento, realizamos uma busca na rodada de Curitiba, detectando os pesos relativos para os fatores desse grupo em cada um dos níveis de seleção estatística. Eis os resultados:

TABELA 18 – PESOS RELATIVOS EM CADA NÍVEL DE SELEÇÃO PARA OS FATORES DA VARIÁVEL *COOCORRÊNCIA*

	Nível 1 <sup>60</sup>	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6
Conector	0,42	0,63	0,64	0,69	0,71	0,77
Reforçador	0,53	0,27	0,24	0,24	0,20	0,19
Sem coocorrência	0,55	0,50	0,50	0,47	0,47	0,44
Marcador discursivo	0,48	0,38	0,39	0,37	0,37	0,34

O que podemos perceber é que, no nível 1 de seleção estatística, os resultados dos PR estão em conformidade com os percentuais, isto é, crescem na mesma direção. Os PR associados aos fatores conector e palavra reforçadora sofrem uma mudança acentuada no nível 2, quando interagem as variáveis função e pausa. A partir daí, as diferenças vão se acentuando gradativamente até chegar ao nível 6, momento em que todas as variáveis significativas estão em interação. Assim, os resultados que mostram enviesamento devem ser vistos com uma certa cautela.

<sup>60</sup> Variáveis selecionadas em cada nível na rodada de Curitiba: nível 1 = função; nível 2 = pausa; nível 3 = tipo de sequência discursiva; nível 4 = sexo; nível 5 = coocorrência; nível 6 = posição.

### 7.2.1.3.1 Pausa

#### a) Caracterização e hipóteses

Dividimos esse grupo em três fatores, que permitem observar a ocorrência ou não de pausa<sup>61</sup> antes ou depois dos itens *olha* e *veja*. Essa variável parece ser bastante recorrente em relação a certas unidades já estudadas (Cf. DAL MAGO, 2001 e VALLE, 2001), capaz de auxiliar na caracterização das funções discursivas que tais unidades desempenham, como a de planejamento verbal.

Em sua pesquisa sobre a expressão *quer dizer*, Dal Mago (2001, p. 98) identificou que, predominantemente, ocorre algum tipo de pausa nos contextos de uso desse item. Em contraste, os resultados de Valle (2001) sobre os RADs<sup>62</sup> *sabe?*, *não tem?* e *entende?* revelam que esses itens são muito mais recorrentes nos contextos sem pausas, perfazendo 77% das ocorrências.

Nossa expectativa é de que, no geral, os itens *olha* e *veja* ocorram em contextos sem pausa, já que compartilham algumas características dos RADs. Em termos específicos, esperamos que *olha*, devido à sua característica mais interativa, apareça mais cercado de pausa do que *veja*.

Vejamos a distribuição desse grupo de fatores juntamente com alguns exemplos ilustrativos:

#### *Olha* ou *veja* com ocorrência de pausa anterior:

(90) E: O senhor costuma sonhar?

F: Não, não muito.

E: E pesadelo?

F: Pesadelo já tive.

E: Ah, então conta como é que foi.

F: Ah! Pesadelo, *olha* faz tanto tempo que eu já estou quase esquecendo.

[Não] [não] [não] não me recordo muito bem, não, mas já faz muito tempo.

Eu sei que eu estava aflito, me acordei assim [meio] meio angustiado, mas não me lembro bem como é que foi, faz muito tempo. (POA 09 L.330)<sup>63</sup>

<sup>61</sup> Em nossa análise, não controlamos estímulos e hesitações como variável independente em virtude de suas baixas ocorrências: dois contextos em que os itens apareciam com presença de estímulos e cinco, com hesitações.

<sup>62</sup> Segundo Valle (2001, p. 19), o termo RAD (Requisito de Apoio Discursivo) é adotado em sua pesquisa como forma de designação mais geral para *sabe?*, *não tem?* e *entende?*, podendo, para tanto, envolver a ação do ouvinte sobre a fala do outro (aprovando explicitamente as informações dadas pelo falante ou apenas oferecendo estímulos, verbais ou físicos), como do próprio falante sobre seu discurso (valendo-se dos RADs como recursos de organização discursiva e planejamento verbal).

<sup>63</sup> Lembramos o leitor que, a fim de identificarmos as pausas, usamos a seguinte simbologia: a pausa breve onde a ortografia oficial prevê sinal de pontuação será marcada com “,” e a longa será identificada por “...”



***Olha* ou *veja* com ocorrência de pausa posterior:**

(91) E: E que, que, como é que a senhora sente assim a cidade de Curitiba, a senhora gosta daqui?

F: Gosto, gosto, sempre gostei. Apesar que eu estava achando [<a>] agora Curitiba muito suja.

E: Suja?

F: Suja. Curitiba é um cartão postal, é muito bonita, e agora está muito suja. Está suja e relaxada, mas isto acho que o culpado mesmo é o governo [pelo falta] de verba. Porque você veja... eu acho, eu sempre pego uma casa [<d>] de uma família, eu faço uma comparação com o governo. Se numa casa não há boa administração, então [as] as coisas não vão bem. E assim é o governo, se não tem [<a>] administração boa o país não pode ir bem, [né?] (CTB 22 L. 1171)

***Olha* ou *veja* sem ocorrência de pausa:**

(92) E: Vamos falar de um outro problema [de] que é também um problema de família, a AIDS, que todo mundo está comentando.

F: É, [essa é até] dizem que é a triste doença. Dizem que o mundo um dia ia se acabar com uma grande doença. Assim diz na Bíblia. Não é bem assim como eu estou falando, mas tem uma passagem na Bíblia que diz. E que uns iriam matando os outros. ("Então"), você vê que [no] no mundo inteiro E agora, não viu o Iraque, Kwait e aquela briga toda que . Não vê aquela briga toda que está lá? Isso aí, eu acho que nós já estamos chegando, pode até não ser no fim, mas estamos chegando bem próximo do fim. (FLP 02 L. 517)

**b) Resultados e discussões**

Na rodada geral, a variável pausa foi o sétimo grupo julgado relevante para a variante *olha*. Com relação às rodadas individuais por cidade, em Curitiba, essa variável foi a segunda selecionada como significativa. Nas demais capitais, esse grupo de fatores não foi relevante.

Observem-se os resultados da rodada geral.

**TABELA 19 – INFLUÊNCIA DA VARIÁVEL PAUSA NO USO DE OLHA EM OPOSIÇÃO A VEJA**

PAUSA	OLHA		
	Ap/ total	%	P. R.
Ocorrência de pausa anterior	24/29	83	0.82
Ocorrência de pausa posterior	38/55	69	0.50
Sem ocorrência	351/543	65	0.48
TOTAL	413/627	66	
Input: .80 Sig.: .023 7º selecionado			

(reticências) antes ou após o item. Em caso de ausência de pausa, esta não terá marcação de quaisquer sinais nos trechos transcritos.

Nossa hipótese geral se confirma, uma vez que, em 87% do total de contextos analisados (543 dados), as variantes aparecem sem qualquer tipo de pausa. Isoladamente, os itens apresentam comportamento distinto: enquanto *olha* é privilegiado em ambiente com *pausa anterior* (0,82), *veja* não se realiza nesse tipo de contexto. Por outro lado, os fatores *pausa posterior* e *sem pausa* são praticamente indiferentes, mostrando-se esse o contexto mais fértil de variação.

A rodada por cidade forneceu os resultados a seguir:

**TABELA 20 – INFLUÊNCIA DA VARIÁVEL PAUSA NO USO DE OLHA EM OPOSIÇÃO A VEJA POR CAPITAL**

PAUSA	Curitiba			Porto Alegre			Florianópolis 1			Florianópolis 2		
	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.
Ocorrência de pausa anterior	8/9	89	0,97	12/14	86	(0,50)	4/6	67	(0,35)	4/6	67	(0,31)
Ocorrência de pausa posterior	5/18	28	0,26	24/27	89	(0,57)	9/10	90	(0,71)	9/10	90	(0,67)
Sem ocorrência	85/220	39	0,48	166/195	85	(0,49)	100/128	78	(0,49)	139/171	81	(0,50)
TOTAL	98/247	40		202/236	86		113/144	78		152/187		
	Input: .34 Sig.: .014 2º selecionado			Input: .86 Sig.: .867 Não selecionado			Input: .82 Sig.: .000 Não selecionado			Input: .82 Sig.: .525 Não selecionado		

Os resultados para Curitiba ficam agora mais polarizados: *olha* tende a aparecer em contextos de *pausa anterior* em oposição a *veja*, condicionado por *pausa posterior*. Observe-se que, em termos de frequência, o fator *pausa posterior* é significativo em Porto Alegre e Florianópolis (contrariamente ao que se observa em Curitiba) para a realização de *olha* (com percentuais em torno de 90%).

### 7.2.2 Os condicionadores sociais

A análise de fenômenos discursivos realizada por Macedo e Silva (1996), Martelotta (1998), Dal Mago (2001) e Valle (2001) tem demonstrado que a atuação das variáveis sociais costuma ser pequena. Pesquisas sobre itens discursivos realizadas com dados do Projeto VARSUL (DAL MAGO, 2001; VALLE, 2001) constataram pouca influência de variáveis sociais na escolha desses elementos, ao passo que, em outros trabalhos, como de Tavares (1999), as variáveis extralingüísticas indicaram pistas da ocorrência de um processo de mudança lingüística em andamento no uso de itens discursivos. Todavia, para verificarmos se variáveis sociais são ou não responsáveis pela variação e/ou mudança no uso dos itens *olha* e

*veja*, controlamos os seguintes grupos de fatores: *sexo*, *idade*, *escolaridade*, *cidade* e *informante*.

A análise estatística dos dados revelou que os fatores sociais *cidade*, *idade* e *sexo* foram considerados bastante significativos pelo programa.

Vejamos, nas seções a seguir, detalhadamente, a caracterização, as hipóteses e os resultados para cada um desses grupos extralingüísticos. Apresentamos os condicionadores conforme a ordem em que se mostraram mais significativos do ponto de vista estatístico, a saber: *cidade*, *sexo*, *idade*, *escolaridade* e *informante*<sup>64</sup>.

#### 7.2.2.1 Cidade

##### a) Caracterização e hipóteses

Conforme já mencionado, dentre os fatores sociais, a cidade foi o que se mostrou mais significativo (o 2º em significância estatística na rodada geral), o que nos levou a realizar rodadas separadas por capital, para efeito de uma análise comparativa. Por esse motivo, é a primeira variável a ser apresentada nesta seção.

Nossa expectativa era de que o item *veja* tivesse seu uso mais intenso em Curitiba, devido às características morfológicas e sintáticas que o cercam. Não tínhamos nenhuma hipótese sobre a distribuição geral das ocorrências, ou seja, em termos de frequência dos marcadores por capital.

##### b) Resultados e discussão

Vejamos os resultados na tabela a seguir:

---

<sup>64</sup> A *escolaridade* não foi selecionada como relevante em nenhuma das rodadas estatísticas; já o *informante* foi controlado para se verificar se há variação no indivíduo.

**TABELA 21 – ATUAÇÃO DA VARIÁVEL *CIDADE* NA ESCOLHA DE *OLHA* EM OPOSIÇÃO A *VEJA***

CIDADE	OLHA		
	Ap/ total	%	P.R.
Porto Alegre	202/236	86	0,70
Florianópolis	113/144	78	0,57
Curitiba	98/247	40	0,27
TOTAL	413/627	66	
Input: .85      Sig.: .040 2° selecionado			

À primeira vista, observa-se que os resultados confirmam nossa expectativa para os itens *olha* e *veja*. Como se pode notar na tabela acima, Porto Alegre e Florianópolis mostram um comportamento mais parecido entre si, com emprego intensificado de *olha* (86% e 78%, respectivamente) em oposição a *veja*, que é o item mais usado entre os informantes de Curitiba (60%).

Conforme a tabela, os resultados em peso relativo evidenciam que há uma forte inclinação para que *olha* ocorra na fala dos informantes porto-alegrenses (0,70) e florianopolitanos (0,57), paralelamente ao desfavorecimento de seu emprego na fala de informantes curitibanos (0,27). Além disso, tínhamos como hipótese que o item *veja* seria mais favorecido entre os informantes de Curitiba, o que se confirmou, ao passo que Porto Alegre e Florianópolis inibem sua realização.

Quanto à distribuição geral dos marcadores, há um aumento crescente de uso na seguinte direção<sup>65</sup>:

**Florianópolis > Porto Alegre > Curitiba**  
 (23%)                      (37%)                      (40%)

Quanto ao uso de *olha*, a distribuição é:

Curitiba > Florianópolis > Porto Alegre  
 (40%)                      (78%)                      (86%)

Quanto ao uso de *veja*, a distribuição é:

Porto Alegre > Florianópolis > Curitiba  
 (14%)                      (22%)                      (60%)

<sup>65</sup> Resultados obtidos através de cálculo vertical: percentual de ocorrências por cidade sobre o total de dados.

O comportamento dos informantes de cada cidade, em relação às variáveis lingüísticas controladas, já foi contemplado na apresentação e discussão dos resultados para cada uma das variáveis, ao realizarmos rodadas individuais por capital. Por esse motivo, esses aspectos não serão rediscutidos aqui. Remetemos o leitor às seções anteriores que tratam dos condicionamentos lingüísticos.

#### 7.2.2.2 Sexo

##### a) Caracterização e hipóteses

Quanto ao fator sexo, Macedo e Silva (1996, p. 15) tinham como hipótese, em seu estudo sobre os marcadores *bom*, *ah*, *olha*, que as mulheres usariam mais rodeios para falar do que os homens, pois o estilo feminino seria menos assertivo por influência da educação e socialização dos dois sexos. Acreditam as autoras que, ainda em nossa sociedade patriarcal, há submissão e insegurança da mulher, que, ao se comunicar, busca amenizar o seu discurso apoiando-se no maior emprego dos marcadores em geral.

No trabalho de Macedo e Silva (1996, p. 40), o sexo se mostrou relevante, sendo as mulheres o grupo que mais empregou os três iniciadores (*bom*, *ah*, *olha*). Entretanto, na análise de outros itens discursivos, as autoras observaram que esses têm sido usados de modo equilibrado entre homens e mulheres.

Já Valle (2001, p. 150) constatou, em sua análise dos elementos discursivos *sabe?*, *não tem?* e *entende?*, que não há diferenças entre os sexos no que se refere ao uso desses marcadores, porém, individualmente, o item *sabe?* é mais usado pelas mulheres (72%), enquanto que o *não tem?* e o *entende?* são de uso preferencial dos homens (67% e 63%, respectivamente). Essa variável social, todavia, não foi selecionada como significativa pelo programa estatístico na pesquisa da autora.

Com base nesses resultados das autoras, esperávamos que houvesse predomínio dos marcadores na fala das mulheres, mesmo que pouco significativo. E, dadas as características relativas à marcação dos itens, que aproximam *olha* de *sabe?* e *veja* de *entende?* (Cf. VALLE, 2001, p. 100), supúnhamos que houvesse alguma semelhança nos resultados para o uso dos itens, ou seja, *olha* seria mais usado pelas mulheres e *veja*, pelos homens.

## b) Resultados e discussão

Na rodada estatística geral, a variável sexo foi o sexto grupo selecionado para *olha*<sup>66</sup>. Tomadas as capitais individualmente, esse grupo foi o quarto significativo para Curitiba, porém não foi considerado relevante nem para Porto Alegre, nem para Florianópolis nas duas amostras.

Vejamos, inicialmente, a tabela que mostra os resultados gerais.

**TABELA 22 – INFLUÊNCIA DO SEXO NO USO DE *OLHA* EM OPOSIÇÃO A *VEJA***

SEXO	OLHA		
	Ap/ total	%	P. R.
Feminino	212/337	63	0,62
Masculino	201/290	69	0,36
TOTAL	413/627	66	
Input: .85      Sig.: .040 6º selecionado			

Em termos de frequência, nota-se que realmente as mulheres fazem mais uso dos marcadores (337 em 627 = 54%) do que os homens, embora a diferença seja pequena. Em relação à escolha das variantes, em termos de probabilidades, os falantes do sexo feminino tendem ao emprego de *olha* (0,62) e desfavorecem o uso de *veja*. Em oposição, falantes do sexo masculino favorecem o uso de *veja* e inibem o emprego de *olha* (0,36).

Não temos uma explicação de ordem social para o resultado das tendências apontadas acima. Parece-nos que o critério da marcação (que envolve complexidade estrutural e cognitiva, além da frequência) não é suficiente para explicar esses resultados. Talvez um cruzamento com a variável função ou com o tipo de sequência discursiva forneça alguma luz.

No que diz respeito à influência da variável sexo no uso de *olha* nas três capitais analisadas, verifica-se que esse item é condicionado favoravelmente na fala do sexo feminino em Curitiba, corroborando os resultados da rodada geral. Sabe-se que alguns trabalhos na área da sociolinguística mostram que as mulheres tendem a liderar o processo de mudança. No caso do fenômeno que estamos analisando, a mudança mais evidente é funcional, no sentido que uma mesma forma vai ampliando suas possibilidades de funcionamento discursivo. Em se tratando de variação, os condicionamentos verificados poderiam ser relacionados à mudança se tivéssemos indícios de mudança em progresso a partir dos resultados da variável idade. Mais adiante voltaremos a essa questão.

<sup>66</sup> A variável sexo foi selecionada na rodada geral apenas quando controlamos o grupo das funções. Ao substituir esse grupo pelo das macrofunções, o sexo foi descartado pelo programa estatístico.

Já em Porto Alegre e Florianópolis, em termos de frequência de uso, verificamos que praticamente não há distinção entre falantes do sexo masculino e do sexo feminino no emprego de *olha*, conforme se observa na tabela a seguir.

**TABELA 23 – INFLUÊNCIA DO SEXO NO USO DE *OLHA* EM OPOSIÇÃO A *VEJA* POR CAPITAL**

SEXO	Curitiba			Porto Alegre			Florianópolis 1			Florianópolis 2		
	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.
Feminino	71/164	43	0,59	88/105	84	(0,46)	53/68	78	(0,49)	74/93	80	(0,47)
Masculino	27/83	33	0,33	114/131	87	(0,53)	60/76	79	(0,51)	78/94	83	(0,53)
TOTAL	98/247	40		202/236	86		113/144	78		152/187	81	
	Input: .34 Sig.: .014 4º selecionado			Input: .86 Sig.: .490 Não selecionado			Input: .79 Sig.: .888 Não selecionado			Input: .82 Sig.: .564 Não selecionado		

### 7.2.2.3 Idade

#### a) Caracterização e hipóteses

Consideramos, conforme o capítulo 5, duas amostras: a primeira, para fazermos uma análise comparativa entre as três capitais, os informantes estão distribuídos em duas faixas etárias (25 a 49 anos e mais de 50 anos); e a segunda contém, além dos informantes das duas faixas etárias, dados de informantes jovens florianopolitanos (15 a 24 anos), a fim de testarmos se, na escolha dos itens lingüísticos analisados, há influência com relação ao fator idade.

Nossa expectativa é de que o uso dos marcadores diminua à proporção que aumenta a faixa de idade, de maneira semelhante ao que foi encontrado por Valle (2001, p. 152) na análise dos requisitos de apoio discursivo (*sabe?*, *não tem?* e *entende?*) em dados do VARSUL. Essa hipótese respalda-se também em Macedo e Silva (1996, p. 15), para quem, na análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais, quanto menor fosse a faixa etária, maior seria a utilização dos marcadores. No entanto, as autoras verificaram que a idade não se mostrou interferente na análise que realizaram.

Em termos específicos, acreditamos que informantes mais jovens (15 a 24 anos) empreguem mais *olha*, ao passo que *veja* deva ser mais usado pelos mais velhos. Talvez possa estar em jogo aqui a questão da complexidade e da marcação, além da carga interacional/textual: os informantes mais jovens utilizariam mais o item menos marcado e com mais traços pragmáticos do que os mais velhos. Pode haver, ainda, uma correlação entre as funções

predominantes de cada item e as faixas etárias, o que pode ser verificado num cruzamento dessas variáveis.

b) Resultados e discussão

Na rodada geral, a idade foi o quinto grupo selecionado para *olha*. Nas rodadas mais específicas por cidade, essa variável foi o quarto fator considerado significativo em Florianópolis 2, não sendo selecionado para as demais capitais. Como se pode perceber, a variável idade só foi selecionada porque entraram na rodada individual por cidade os dados dos informantes mais jovens (15 a 24 anos).

Vejamos as tabelas a seguir:

TABELA 24 – INFLUÊNCIA DA IDADE NO USO DE OLHA EM OPOSIÇÃO A VEJA

IDADE	OLHA		
	Ap/ total	%	P. R.
25 a 49 anos	198/339	58	0,41
Mais de 50 anos	215/288	75	0,60
TOTAL	413/627	66	
	Input: .80 Sig.: .023 5º selecionado		

Em termos gerais, os informantes de menos idade fazem mais uso de marcadores (339 em 627 = 54%). No que se refere aos itens separadamente, os mais velhos é que tendem ao emprego de *olha*, enquanto que a faixa etária de 25 a 49 anos inclina-se ao uso de *veja*. Esse último resultado contraria nossa hipótese.

Vejamos como a variável idade se comporta quando realizadas rodadas individuais por cidade:

TABELA 25 – INFLUÊNCIA DA VARIÁVEL IDADE NO USO DE OLHA EM OPOSIÇÃO A VEJA POR CAPITAL

IDADE	Curitiba			Porto Alegre			Florianópolis 1			Florianópolis 2		
	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.	Ap/total	%	P.R.
15 a 24 anos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	39/43	91	0,89
25 a 49 anos	60/164	37	(0,47)	99/117	85	(0,48)	39/58	67	(0,34)	39/58	67	0,19
Mais de 50 anos	38/83	46	(0,56)	103/119	87	(0,52)	74/86	86	(0,61)	74/86	86	0,49
TOTAL	98/247	40		202/236	86		113/144	78		152/187	81	
	Input: .40 Sig.: .172 Não selecionado			Input: .86 Sig.: .679 Não selecionado			Input: .80 Sig.: .009 Não selecionado			Input: .94 Sig.: .010 4º selecionado		



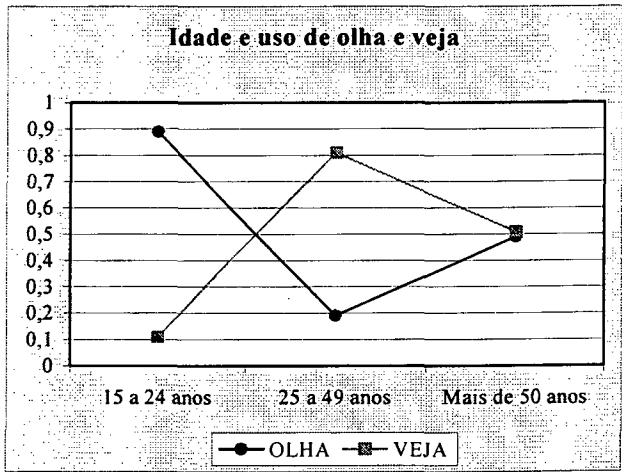
O resultado significativo encontra-se em Florianópolis 2. Nessa cidade, a faixa jovem condiciona o uso de *olha* (0,89), conforme o esperado, e a faixa intermediária inibe fortemente esse uso (0,19), favorecendo a variante *veja*; os mais velhos apresentam um comportamento mais neutro (0,49). Em termos de distribuição, há uma escala crescente de uso dos itens à medida que aumenta a faixa etária: mais jovens (23%) > faixa intermediária (31%) > mais velhos (46%)<sup>67</sup> – resultado completamente inverso a nossa hipótese inicial.

A distribuição das ocorrências em Porto Alegre é relativamente equilibrada nas duas faixas de idade, mas em Curitiba inverte, com predomínio dos marcadores na faixa de 25 a 49 anos (66%) e decréscimo nos mais velhos (34%), nesse último caso de conformidade com nossa hipótese. Observe-se que Curitiba é responsável pelo resultado que mostra maior uso de marcadores na faixa de idade mais baixa, conforme exibido na tabela 24, que mostra o resultado geral, já que nas outras duas cidades há mais marcadores na faixa etária mais velha.

Quanto aos itens, há frequência maior de *olha* na faixa de mais idade em Curitiba e Porto Alegre, a exemplo do que acontece em Florianópolis, onde a diferença é maior. Porto Alegre é a capital cujas diferenças são praticamente irrelevantes: ambas as faixas utilizam igualmente os marcadores e preferem igualmente a variante *olha* (85% e 87%).

Ao incluirmos, em Florianópolis 2 a faixa etária de 15 a 24 anos, a variável *idade* foi selecionada como relevante pelo pacote estatístico, sendo assim, achamos pertinente apresentar o seguinte gráfico:

GRÁFICO 1 – ATUAÇÃO DA VARIÁVEL *IDADE* NA ESCOLHA DE *OLHA* E *VEJA* EM FLORIANÓPOLIS 2



<sup>67</sup> Percentuais calculados verticalmente, considerando o número total de ocorrências em Florianópolis 2 e o número de dados em cada faixa etária.

O gráfico mostra um padrão curvilíneo em que os grupos extremos – jovens (15 a 24 anos) e os mais velhos (mais de 50 anos) – apresentam um comportamento distinto se contrastado com os informantes de 25 a 49 anos.

Esses resultados mostram equivalência de comportamento com a hipótese apresentada em Naro (1992, p. 82) de que o falante muda sua língua no decorrer dos anos devido a pressões sociais<sup>68</sup>. Todavia, no caso dos itens que analisamos, o informante não opta entre uma forma estigmatizada ou não-estigmatizada, mas por uma forma menos marcada ou mais marcada, ou, ainda, por uma forma com traços mais, ou menos, interativos.

Resumidamente, pode-se dizer que: quanto maior a idade, maior o uso dos marcadores (à exceção de Curitiba, onde os mais velhos usam menos os itens analisados); quanto maior a idade maior a preferência por *olha* (à exceção de Florianópolis, no caso dos jovens, que passam à dianteira dos mais velhos no uso de *olha*); inversamente, a faixa de 24 a 49 anos prefere *veja* em todas as capitais (com uma diferença bem pequena em Porto Alegre). Haveria alguma relação com o mercado de trabalho? A faixa de idade intermediária teria um comportamento diferenciado dos mais jovens e dos mais velhos devido a pressões sociais? Como aparentemente não há vestígios de estigma nos itens, esta interpretação não nos parece muito consistente. Um aprofundamento dessa análise precisa ser feito para que possamos dispor de mais evidências.

#### 7.2.2.4 Escolaridade

##### a) Caracterização e hipóteses

A variável escolaridade divide-se em três níveis:

- **Primário:** pessoas que tenham cursado de 4 a 5 anos de escola (4ª a 5ª séries do 1º grau);

<sup>68</sup> Segundo Naro (1992, p. 82), não sabemos até que ponto a língua falada pelo indivíduo pode realmente mudar ao decorrer dos anos. O autor apresenta duas posições teóricas subjacentes à mudança linguística, ambas sem evidência empírica convincente. A primeira postula que o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade e que a partir desse momento a língua do indivíduo fica essencialmente estável. E a segunda frontalmente contradiz a primeira, pois comprova que o falante muda sua língua no decorrer dos anos devido a pressões sociais. Conclui-se, portanto, segundo Naro, que o falante muda sua língua no decorrer dos anos enquanto que a hipótese clássica pretende a estabilidade da língua depois da puberdade.

- **Ginasial:** pessoas que tenham cursado de 8 a 9 anos de escola (8ª série do 1º grau ao 1º ano do 2º grau); e
- **Colegial:** pessoas que tenham cursado de 10 a 11 anos de escola (2º ou 3º ano do segundo grau).

Quanto à distribuição dos iniciadores *bom*, *ah*, *olha* por grupos sociais, Macedo e Silva (1996, p. 40) tinham como hipótese de que o uso dos marcadores diminuiria com o aumento da escolaridade, porém identificaram que essa variável não se mostrou interferente, em termos de percentuais e de probabilidade.

Valle (2001, p. 154) verificou que os itens mais marcados (*entende?* e *sabe?*) aumentam de frequência entre os mais escolarizados, ao passo que o menos marcado (*não tem?*) predomina entre os menos escolarizados<sup>69</sup>.

Nossa hipótese é semelhante: esperamos que os informantes menos escolarizados usem mais os marcadores. Quanto aos itens específicos, nossa expectativa é que *olha*, como item menos marcado, seja condicionado favoravelmente pelo nível de escolaridade primário. *Veja*, como elemento mais marcado, seria mais recorrente junto a pessoas de nível de escolaridade mais alto (colegial).

#### a) Resultados e discussão

A variável escolaridade não foi selecionada pelo programa estatístico como relevante para os itens sob análise. Apresentamos a seguir uma tabela com resultados de frequência extraídos da rodada geral.

**TABELA 26 – ATUAÇÃO DA VARIÁVEL *ESCOLARIDADE* NA ESCOLHA DE *OLHA* EM OPOSIÇÃO A *VEJA***

ESCOLARIDADE	OLHA	
	Ap/ total	%
Primário	171/255	67
Ginasial	122/196	62
Colegial	120/176	68
TOTAL	413/627	66

<sup>69</sup> A variável escolaridade não foi selecionada como significativa no estudo de Valle (2001). Sua análise é feita sobre os percentuais de ocorrência.

Em termos de distribuição, nossa hipótese se confirma: quanto menos escolarizado o indivíduo, mais uso de marcadores (colegial = 28% > ginásial > 31% > primário = 41%)<sup>70</sup>. Já em relação aos itens, nossa hipótese não é contemplada, pois não se verificou diferenças quanto ao uso de *olha* entre os mais escolarizados (68%) e os menos escolarizados (67%), sendo o nível ginásial o que apresentou menor emprego desse item (62%) e, conseqüentemente, maior uso de *veja* (38%). Veja-se, agora, a distribuição da frequência por capital.

**TABELA 27 – INFLUÊNCIA DA VARIÁVEL *ESCOLARIDADE* NO USO DE *OLHA* EM OPOSIÇÃO A *VEJA* POR CAPITAL**

ESCOLARIDADE	Curitiba		Porto Alegre		Florianópolis 1		Florianópolis 2	
	Ap/total	%	Ap/total	%	Ap/total	%	Ap/total	%
Primário	43/103	42	84/95	88	44/57	77	60/73	82
Ginásial	38/95	40	44/56	79	40/45	89	48/54	89
Colegial	17/49	35	74/85	87	29/42	69	44/60	73
TOTAL	98/247	40	202/236	86	113/144	78	152/187	81

Quanto às rodadas das capitais isoladamente, verifica-se que os resultados de Curitiba confirmam nossa hipótese inicial, já que há uma leve inclinação para que *olha* ocorra na fala de informantes de nível de escolaridade primário, paralelamente ao decréscimo de seu uso na fala de informantes mais escolarizados. Já em Porto Alegre e Florianópolis, observa-se um comportamento diferenciado: na primeira, *olha* concentra-se igualmente nos informantes com primário e com colegial, com um índice maior de *veja* no ginásial; na segunda, há predomínio de *olha* no ginásial e uso maior de *veja* no colegial.

#### 7.2.2.5 Informantes

##### a) Caracterização e hipóteses

As pesquisas de Dal Mago (2001) e Valle (2001) mostraram que a escolha das formas dos itens investigados parece bastante condicionada pelos informantes, uma vez que esses geralmente são fiéis por uma determinada forma<sup>71</sup> e essa preferência faz cessar praticamente o

<sup>70</sup> Cálculo vertical.

<sup>71</sup> Dal Mago (2001) observou que os falantes geralmente optavam entre o uso exclusivo de *quer dizer* ou *vamos dizer*. Já para Valle (2001), o informante que utiliza muito *sabe?* é pouco produtivo no emprego de *não tem?* e *entende?*.

uso de outras. Em nossa análise, percebe-se que essa situação parece se confirmar, em termos, para os itens *olha* e *veja*.

Da amostra inicial, incluídos 84 informantes das três faixas etárias, somente seis informantes da cidade de Florianópolis (entrevistas n<sup>os</sup> 10, 17, 26, 34, 35 e 36) não produziram os itens discursivos investigados. O tratamento estatístico dos dados nos revelou que, do total de 78 entrevistas que continham dados de *olha* e *veja*, 30 informantes (38% do total) se mostraram fiéis ao uso de uma determinada forma, com comportamento categórico, portanto, entrevistados (62% do total) optaram pelo uso variável desses elementos. Desses últimos, oito informantes apresentam concentração em um item num percentual acima de 90%, ou seja, com nítida preferência por uma variante. O uso mais variável dos itens fica, então, por conta de 40 informantes (51% do total). Isso significa que um pouco mais da metade dos informantes que analisamos varia na escolha de um item ou de outro, o que nos leva a concluir que a variação se dá mais na comunidade do que no indivíduo.

#### b) Resultados e discussão

Observe a distribuição de *olha* e *veja* por capital e por informante nas tabelas a seguir.

**TABELA 28 – ATUAÇÃO DOS INFORMANTES DE CURITIBA NA ESCOLHA DE *OLHA* E *VEJA***

Informante	Olha		Veja	
	Ap./tot.	%	Ap./tot.	%
CTB 01	0 / 12	0	12 / 12	100
CTB 02	0 / 8	0	8 / 8	100
CTB 03	14 / 20	70	6 / 20	30
CTB 04	7 / 15	47	8 / 15	53
CTB 05	2 / 12	17	10 / 12	83
CTB 06	1 / 1	100	0 / 1	0
CTB 07	4 / 10	40	6 / 10	60
CTB 08	3 / 11	27	8 / 11	73
CTB 09	0 / 7	0	7 / 7	100
CTB 10	23 / 53	43	30 / 53	57
CTB 11	2 / 3	67	1 / 3	33
CTB 12	3 / 5	60	2 / 5	40
CTB 13	1 / 4	25	3 / 4	75
CTB 14	6 / 7	86	1 / 7	14
CTB 15	1 / 4	25	3 / 4	75
CTB 16	4 / 16	25	12 / 16	75
CTB 17	2 / 2	100	0 / 2	0
CTB 18	4 / 12	33	8 / 12	67
CTB 19	7 / 24	29	17 / 24	71
CTB 20	6 / 8	75	2 / 8	25
CTB 21	1 / 1	100	0 / 1	0

CTB 22	4 / 6	67	2 / 6	33
CTB 23	0 / 1	0	1 / 1	100
CTB 24	3 / 5	60	2 / 5	40
Total	98 / 247	40	149 / 247	60

Verifica-se que, em termos de frequência, 18 informantes da capital paranaense apresentaram variação na escolha dos itens, enquanto que seis entrevistados optaram pelo uso exclusivo de *olha* ou de *veja*. Há variação em 75% dos indivíduos, todos abaixo de 90% de concentração em um ou outro item.

Esse comportamento também foi semelhante na capital gaúcha. Vejamos a tabela a seguir.

**TABELA 29 – ATUAÇÃO DOS INFORMANTES DE PORTO ALEGRE NA ESCOLHA DE *OLHA* E *VEJA***

Informante	Olha		Veja	
	Ap./tot.	%	Ap./tot.	%
POA 01	18 / 19	95	1 / 19	5
POA 02	9 / 9	100	0 / 9	0
POA 03	29 / 32	91	3 / 32	9
POA 04	13 / 15	87	2 / 15	13
POA 05	7 / 11	64	4 / 11	36
POA 06	2 / 3	67	1 / 3	33
POA 07	12 / 13	92	1 / 13	8
POA 08	3 / 3	100	0 / 3	0
POA 09	13 / 18	72	5 / 18	28
POA 10	3 / 3	100	0 / 3	0
POA 11	2 / 2	100	0 / 2	0
POA 12	11 / 11	100	0 / 11	0
POA 13	4 / 8	50	4 / 8	50
POA 14	8 / 10	80	2 / 10	20
POA 15	12 / 14	86	2 / 14	14
POA 16	10 / 13	77	3 / 13	23
POA 17	4 / 5	80	1 / 5	20
POA 18	3 / 3	100	0 / 3	0
POA 19	15 / 16	94	1 / 16	6
POA 20	4 / 6	67	2 / 6	33
POA 21	1 / 1	100	0 / 1	0
POA 22	6 / 6	100	0 / 6	0
POA 23	4 / 6	67	2 / 6	33
POA 24	9 / 9	100	0 / 9	0
Total	202 / 236	86	34 / 236	14

Com relação à atuação dos informantes em Porto Alegre, observa-se que quinze falantes optaram pelo uso das duas formas, ao passo que nove entrevistados não variaram o emprego. Há variação, portanto, em 62% dos indivíduos. Verifica-se que, entre esses, há cinco que concentram o uso de uma única forma em mais de 90% das ocorrências.

Já em Florianópolis, das 30 entrevistas com dados de *olha* e *veja*, 16 informantes variaram o uso dos itens, ao passo que quatorze mostraram uso exclusivo de um ou outro item. Há variação em 53% dos indivíduos, conforme podemos verificar na tabela a seguir.

**TABELA 30 – ATUAÇÃO DOS *INFORMANTES* DE FLORIANÓPOLIS NA ESCOLHA DE *OLHA* E *VEJA***

Informante	Olha		Veja	
	Ap./tot.	%	Ap./tot.	%
FLP 01	5 / 6	83	1 / 6	17
FLP 02	7 / 9	78	2 / 9	22
FLP 03	4 / 7	57	3 / 7	43
FLP 04	4 / 6	67	2 / 6	33
FLP 05	9 / 9	100	0 / 9	0
FLP 06	7 / 12	58	5 / 12	42
FLP 07	6 / 6	100	0 / 6	0
FLP 08	2 / 2	100	0 / 2	0
FLP 09	0 / 1	0	1 / 1	100
FLP 10	-	-	-	-
FLP 11	7 / 10	70	3 / 10	30
FLP 12	4 / 4	100	0 / 4	0
FLP 13	7 / 8	88	1 / 8	13
FLP 14	7 / 8	88	1 / 8	13
FLP 15	13 / 14	93	1 / 14	7
FLP 16	9 / 10	90	1 / 10	10
FLP 17	-	-	-	-
FLP 18	0 / 4	0	4 / 4	100
FLP 19	6 / 6	100	0 / 6	0
FLP 20	1 / 4	25	3 / 4	75
FLP 21	5 / 5	100	0 / 5	0
FLP 22	2 / 3	67	1 / 3	13
FLP 23	4 / 5	80	1 / 5	20
FLP 24	4 / 5	80	1 / 5	20
FLP 25	12 / 13	92	1 / 13	18
FLP 26	-	-	-	-
FLP 27	2 / 2	100	0 / 2	0
FLP 28	5 / 6	83	1 / 6	17
FLP 29	1 / 1	100	0 / 1	0
FLP 30	0 / 2	0	2 / 2	100
FLP 31	3 / 3	100	0 / 3	0
FLP 32	13 / 13	100	0 / 13	0
FLP 33	3 / 3	100	0 / 3	0
FLP 34	-	-	-	-
FLP 35	-	-	-	-
FLP 36	-	-	-	-
Total	152/187	81	35/187	19

### 7.3 CONCLUSÕES: GRUPOS DE FATORES LINGÜÍSTICOS E SOCIAIS

Iniciamos esta seção conclusiva, retomando, brevemente, os resultados parciais obtidos para os fatores lingüísticos e para os sociais, que estão em jogo na escolha dos itens

sob análise, enfatizando aqueles considerados mais significativos pelo pacote estatístico no geral e por cidade analisada.

Quanto ao primeiro bloco de variáveis lingüísticas – *olha* e *veja* e a morfologia sintaxe/frasal –, vimos que os dois itens apresentam comportamentos bem distintos, pois: a) a maior parte das ocorrências dos elementos investigados é da forma *olha*, estruturalmente menos complexa, apresentando mais variações fonológicas do que flexionais perante as formas de *veja*; esse último item visivelmente abrange mais marcas gramaticais de flexão modo-temporal e número-pessoal; b) *veja* tende a ocorrer com pronome na posição estrutural de sujeito, mostrando mais vestígios oracionais perante *olha*, que é mais favorecido sem acompanhamento de sujeito expreso; c) *olha* é mais freqüente em contextos sintaticamente independentes do que *veja*, tendendo a ocorrer em posição inicial na frase; e d) *veja* é mais favorecido em contextos sintaticamente dependentes e em posição medial. Com base nesse primeiro conjunto de variáveis, que envolvem basicamente aspectos estruturais dos itens, pode-se concluir que *olha* é menos marcado do que *veja*.

No que se refere ao segundo conjunto de variáveis controladas – *olha* e *veja* e o contexto discursivo –, o grupo de fatores *funções* mostrou-se altamente significativo para todas as cidades pesquisadas. As funções mais relevantes para escolha de *olha* são as que apresentam um significado mais pragmático, isto é, que envolvem mais nitidamente o aspecto intersubjetivo voltado para o jogo falante/ouvinte (advertência, interjetiva, de planejamento verbal e atenuadora). Isso reforça o forte caráter interpessoal desse item, em oposição a *veja*, que é favorecido pelas funções mais textuais (especialmente a causal). Já o outro grupo de fatores desse conjunto – tipo de seqüência discursiva –, selecionado apenas em Curitiba, mostrou que os contextos argumentativos são os mais favoráveis ao uso de *veja*, ao passo que os narrativos, factuais e de citação favorecem a variante *olha*.

Reportando-nos aos resultados do último bloco de condicionadores lingüísticos – *olha* e *veja* e o contexto circundante –, verificamos que as variáveis coocorrência e pausa foram significativas apenas para Curitiba: a presença de palavra reforçadora e/ou de marcadores discursivos favorece a aparecimento de *veja*, contrariando nossas expectativas; já a pausa anterior influencia *olha* enquanto a posterior condiciona o uso de *veja*, contrariando o que ocorre em Porto Alegre e Florianópolis.

Diante do exposto, pode-se concluir que, dos dois itens, o mais distante de sua origem verbal, e, portanto, mais avançado no movimento de mudança é *olha*, especialmente porque: a) apresenta menos indícios de morfologia flexional, mais evidências de redução fonética e menor ocorrência de presença de pronome junto ao item; b) mostra-se sintaticamente



independente na estrutura oracional, tendendo a localizar-se mais em posição inicial: c) apresenta um significado mais pragmático, reforçando o forte caráter interpessoal e as funções mais interacionais deste item; e d) diversifica mais os contextos de ocorrência: narrativos, factuais e de citação (em oposição ao contexto argumentativo, preferencialmente reservado a *veja*). Entretanto, verifica-se também que, ao mesmo tempo que *olha* apresenta forte traço interpessoal como elemento de contato, paralelamente, parece ocupar posições junto a conectores tipicamente textuais, auxiliando na continuidade do discurso simultaneamente à chamada de atenção do ouvinte para o texto.

Quanto às variáveis sociais, a análise estatística dos dados revelou que os grupos de fatores cidade, idade e sexo foram considerados bastante significativos pelo programa. Verificou-se que: a) há uma forte inclinação para que *olha* ocorra na fala dos informantes porto-alegrenses e florianopolitanos, paralelamente ao desfavorecimento de seu emprego na fala de informantes curitibanos; b) os falantes do sexo feminino tendem ao emprego de *olha* e desfavorecem o uso de *veja* em oposição aos falantes do sexo masculino, que favorecem o uso de *veja* e inibem o emprego de *olha*; c) a variável sexo, no geral, foi o sexto grupo selecionado para *olha*, entretanto, tomadas as capitais individualmente, verifica-se que foi o quarto grupo significativo para Curitiba, porém não foi considerada relevante nem para Porto Alegre, nem para Florianópolis nas duas amostras; d) os falantes mais velhos tendem ao emprego de *olha*, enquanto que a faixa etária de 25 a 49 anos inclina-se ao uso de *veja*, contrariando nossa expectativa; e) individualmente, por cidade, há frequência maior de *olha* na faixa de mais idade em Curitiba e Porto Alegre, a exemplo do que acontece em Florianópolis, onde a diferença é maior; f) Porto Alegre é a capital onde as diferenças com relação à idade são praticamente irrelevantes: ambas as faixas utilizam igualmente os marcadores e preferem igualmente a variante *olha*; g) ao incluirmos a faixa etária de 15 a 24 anos em Florianópolis, a variável idade foi selecionada como relevante na capital catarinense; h) quanto menos escolarizado o indivíduo, mais uso de marcadores (colegial = 28% > ginásial > 31% > primário = 41%); i) não se verificou diferenças quanto ao uso de *olha* entre os mais escolarizados e os menos escolarizados, sendo o nível ginásial o que apresentou menor emprego desse item e, conseqüentemente, maior uso de *veja*; e j) em Curitiba há variação em 75% dos informantes, ao passo que, em Florianópolis 2, o índice de variação no indivíduo entre a faixa etária jovem é de apenas 25%.

Diante desses resultados, fica bastante evidente que na escolha de *olha* e *veja* há correlação de fatores extralingüísticos, sendo, portanto, esses altamente responsáveis pelos

rumos da mudança que tais itens parecem estar tomando, merecendo ser observados mais atentamente em pesquisas futuras.

Vejamos, no quadro comparativo a seguir, as variáveis lingüísticas e sociais consideradas mais significativas para cada capital pesquisada:

**QUADRO 6 – GRUPOS DE FATORES MAIS SIGNIFICATIVOS PARA OLHA POR CIDADE**

Curitiba	Porto Alegre	Florianópolis 1	Florianópolis 2
1º Função	1º Posição	1º Posição	1º Posição
2º Pausa	2º Relação sintática	2º Função	2º Relação sintática
3º Tipo de sequência discursiva	3º Função	3º Contexto avaliativo	3º Função
4º Sexo			4º Idade
5º Coocorrência			5º Contexto avaliativo
6º Posição			

Como se pode observar, os grupos de fatores função e posição foram considerados bastante significativos nas três capitais analisadas, inclusive na amostra que inclui os dados dos jovens florianopolitanos. A variável *relação sintática* com a estrutura oracional, que não foi significativa para a capital paranaense, apresenta-se como relevante em Porto Alegre e Florianópolis. O grupo de fatores idade mostra-se relevante apenas em Florianópolis, devido à inserção dos jovens na amostra analisada. Em termos gerais, observa-se um comportamento bastante típico de Curitiba em oposição a Porto Alegre e Florianópolis, que se assemelham.

Em termos conclusivos, podemos considerar que, ao delimitarmos a regra variável na *propriedade de chamada da atenção do ouvinte*, restringindo sua atuação ao contexto discursivo/textual em que se manifesta, verificamos que, de modo geral, os condicionadores lingüísticos ratificaram nossa expectativa de que o item *olha* é o mais avançado no processo de mudança, pois está cada vez mais distanciando-se de seu sentido de origem para desempenhar funções pragmáticas, isto é, para o espaço do texto. Já o item *veja* tende a reter mais seus traços verbais, sendo, portanto, ainda bastante vinculado a seu sentido de origem.

Além disso, vimos também que os resultados estatísticos revelaram que forças sociais como cidade, idade e sexo dos informantes exercem bastante influência na escolha variável de *olha* e *veja*.

A correlação dos condicionadores lingüísticos com os extralingüísticos nos leva a crer que *olha* está mudando gradativamente de categoria – de verbo a marcador discursivo –, rumo à gramaticalização, ou seja, encontra-se num estágio mais avançado de mudança na fala da região Sul do que o item *veja*, especialmente nas cidades de Porto Alegre e Florianópolis.

## CAPÍTULO 8 - TRAJETÓRIA DOS ITENS *OLHA* E *VEJA*

---

Neste capítulo, objetivamos retomar brevemente, a partir dos significados dos verbos de origem e dos contextos de uso identificados em nosso *corpus*, as prováveis trajetórias pelas quais cada um dos itens em análise passou até seu funcionamento como marcador discursivo<sup>72</sup>. A partir dos resultados estatísticos obtidos no capítulo 7, pretende-se verificar o estágio de mudança em que se encontram os itens *olha* e *veja* e, se possível, apontarmos um provável rumo que cada elemento tende a seguir.

### 8.1 OS PERCURSOS DE *OLHA* E *VEJA*: CARACTERÍSTICAS COMUNS

Com base nas afirmações sustentadas por Martelotta e outros (1996), verificamos que os itens *olha* e *veja* apresentam uma tendência translingüística, comum aos verbos de percepção em geral (conforme a literatura consultada), de ter seu uso estendido para funções metalingüísticas. Essa extensão de sentido reflete perda de valor lexical e ganho de função pragmático-discursiva, o que caracteriza uma progressão no sentido de usos mais abstratos e mais subjetivos em processo de gramaticalização. Assim sendo, a multiplicidade de funções discursivas apresentadas no capítulo 6 constitui-se em indício de que esses elementos podem estar em fase inicial de gramaticalização.

Baseando-nos no fato de que *olha* e *veja* apresentam pontos comuns, tentamos traçar uma escala crescente de abstraticidade entre suas funções, partindo de usos mais concretos a usos mais abstratos. Os exemplos de nosso *corpus* parecem evidenciar que *olha* e *veja* migram de usos mais interativos entre falante/ouvinte (intersubjetividade) até um emprego com maior grau de subjetividade (componente “orientado para o falante”). Esse caminho segue a direção das mudanças semânticas via gramaticalização, proposta por Heine e outros (1991, p. 190-1), operacionalizada da seguinte forma: ideacional > interpessoal > textual.

Nesse sentido, o início da trajetória dos itens se verifica quando apresentam valor referencial de percepção (visual) e de imperativo, que podem ser vistos nos dois exemplos:

- (93) F: [Hoje] hoje [me dizem] dizem assim pra gente: "Ah! Mas você é um homem feliz, você mora [numa] num lugar nobre." Eu digo: "Sim. Eu moro num lugar nobre, mas eu nasci [no] no meio da capoeira, né?"

---

<sup>72</sup> Salientamos que recuperamos somente a trajetória verbo → marcador discursivo, sem nos preocuparmos em observar todas as etapas e direções de mudança dos verbos que dão origem aos itens.

E: É sim. E [aqui] aqui pra trás, o que que é aqui [tem lotes].

F: [Aqui em baixo tem lotes, lote]. Aqui tem umas casas grandes. aqui olhe, tem casas grandes ali pra baixo tudo. Aqui está tudo dividido, tudo loteado esse terreno. (CTB 23 L. 194)<sup>73</sup>

(94) Veja o meu cabelinho. Sempre foi assim<sup>74</sup>.

Nota-se que esse uso mais concreto, como verbo pleno, já assume função interacional, assim caracterizada: *propriedade de chamada da atenção do ouvinte*, voltada para o contexto circundante, ou para o contexto discursivo/textual. O primeiro caso recobre os verbos no imperativo e o segundo dá conta dos MDs. O recorte do contexto de variação, que foi analisado quantitativamente, foi o segundo. O primeiro foi resgatado para a análise qualitativa.

A partir das influências pragmáticas do contexto de uso, esses itens expandem seu sentido de base e passam a apresentar alterações semânticas em diferentes contextos. Veja-se, por exemplo:

(95) F: Então o Bonde Navegantes, o Bonde São João passavam pela Voluntários e ali eles entravam e iam pro Centro até o abrigo da Praça Parobé, e ali do lado da Pracinha Osvaldo Cruz eu vi quando a água apontou, eram cinco horas da tarde quando a água começou a chegar ali, e eu sai correndo pelo edificio todo gritando: "Olha a enchente, olha a enchente, olha a enchente." É aquele escândalo, né? (POA 04 L.439)

Nesse contexto, percebe-se que o item sofre uma expansão metafórica paralelamente a um enfraquecimento do ato de fala manipulativo, já que o imperativo começa a perder sua força ilocucionária prototípica, todavia a *propriedade de chamada da atenção do ouvinte* para algo do contexto situacional, é mantida.

Durante o percurso verifica-se que, tanto *olha* quanto *veja*, atingem um estágio de abstratização semelhantes, no sentido de que passam, em alguns contextos, a ter uso gradativamente mais abstrato, relacionado à percepção cognitiva, deslocando o foco da atenção do espaço para o texto do falante, com o intuito de auxiliar na organização do discurso, o que faz ressaltar sua função textual como elemento que auxilia na seqüencialidade do ato comunicativo. A partir desse momento (sentido relacionado a processos mentais), entretanto, percebe-se que *olha* e *veja* seguem dois trajetos distintos que ocorrem a partir da mesma fonte.

<sup>73</sup> A maior parte dos exemplos que ilustram este capítulo constam também nos capítulos 2 e 6.

<sup>74</sup> Todos os exemplos que não apresentam a fonte são hipotéticos.

Nas seções seguintes, ilustramos a expansão semântica específica de cada item, bem como tentamos traçar as possíveis trajetórias de mudança de cada elemento.

### 8.1.1 O percurso de *olha*

Retomando brevemente a descrição apresentada no capítulo 2, o ponto de partida da trajetória de *olha* é seu uso inicialmente relacionado à percepção física (visual) e a ato de fala manipulativo, realizado via modo imperativo. Nesse caso, o item traz de sua significação original *mirar, fitar os olhos em* como complemento um objeto direto. É o caso do exemplo (93), recém apresentado.

Esse uso inicial de *olha*, com estatuto verbal bem definido, ligado a experiências físicas, mantém-se até hoje no português, entretanto, através de expansão metafórica, foi desenvolvendo também um novo sentido<sup>75</sup>, passando a expressar *cuidado com*, como acontece no exemplo (95). Nesse caso, há um enfraquecimento do ato de fala manipulativo, visto que o imperativo canônico vai perdendo parte de sua força ilocucionária prototípica. Tanto em (93) como em (95), *olha* pode ser considerado um item lexical pleno com fortes características pragmáticas de elemento de contato entre os interlocutores.

Pode ter sido a partir dessa primeira expansão metafórica que *olha* iniciou seu uso como marcador discursivo.

Contextos diversos do nosso *corpus* dão mostras de que esse elemento lingüístico assume novas funções discursivas surgidas no momento comunicativo. Com esse novo sentido (*cuidado com*), *olha* começa a atuar como uma espécie de advertência do falante à declaração do interlocutor, como em (96):

(96) F: Ahã. Desenho nossa professora de desenho era a professora Valéria, de desenho. Tinha aquele professor Doutor Peixoto. Ele foi até diretor do Banco do Estado, [Doutor] Doutor Peixoto, Ele era professor de Português, nosso. Era bastante, né? Assim [de] das aulas era mais professor. que tinha.

E: Não tinha nenhuma aluna que se apaixonava pelo professor?

F: Não. Até que não teve.

E: Olha, Dona Juce!

F: (riso f) [Não] não me lembro assim. Tinha um professor que nós até dormia [na <esco->] na aula dele. (CTB 16 L.1207)

<sup>75</sup> Observe-se que estamos traçando uma trajetória hipotética de mudança semântica (de um significado mais concreto a um mais abstrato), sem comprometimento diacrônico, no sentido de situar cronologicamente o processo.

Observe como nesse exemplo o elemento lingüístico *olha* perde seu valor semântico pleno original e adquire um valor pragmático, derivado da necessidade de o falante marcar a interação e, ao mesmo tempo, fazer com que o ouvinte esteja ciente de suas atitudes durante a fala. Nesse caso, a função ainda requer uma participação ativa do interlocutor (o qual, no exemplo acima, reage e responde). O caráter dialógico (que podemos designar como o componente interativo da função interpessoal) está bastante acentuado.

Mantida essa função interpessoal, verificamos que, em outras situações, *olha* manifesta, conforme a entonação, surpresa, alegria ou decepção por parte do falante:

(97) F: Ai formamos um laboratório, fiquei trabalhando uns três anos, fazendo perfume. As receitas vinham |tudo| da França.

E: Olha! Era perfume francês! (CTB 06 L. 975)

Nesse trecho, o interlocutor tem sua atenção direcionada ao julgamento do falante, praticamente cessando o efeito manipulativo sobre o parceiro no diálogo. Observe como nessa etapa da trajetória o componente “orientado para o ouvinte” vai perdendo espaço para o componente “orientado para o falante”. O caráter dialógico é enfraquecido, ganhando relevo o componente expressivo da função interpessoal.

Em outros contextos, *olha*, em atuação cada vez mais abstrata, parece revelar que o falante distancia-se do seu interlocutor na tentativa de não se comprometer com a informação dada, isto é, há um envolvimento maior do falante consigo mesmo e com o texto e menor com o interlocutor (menor grau de “intersubjetividade”, cf. URBANO, 1999). Vejamos o exemplo:

(98) E: Ana Rita, podias pegar um cafezinho pra nós, faz favor? Eu queria saber mais uma coisa, [tu] tu gostas de cozinhar?

F: Olha, não é meu forte. Não sou muito chegada na cozinha, mas dá pra quebrar um galhinho. Mas eu tenho duas receitas bem legais. Duas coisas que eu gosto, assim, de fazer, que eu aprendi e gostei de fazer. Uma é uma salada bem gostosa, assim, com frutas, né? e outra é um creme. (FLP 01 L. 595)

Em etapas possivelmente posteriores da trajetória desse item, verifica-se sua atuação dupla, pois, além de *chamar a atenção do ouvinte* (função interpessoal), paralelamente, auxilia na sequencialidade das informações (função textual), sinalizando um grau menor de envolvimento ativo dos parceiros conversacionais. Nesse caso, *olha*, num estágio mais avançado de abstratização, assume características mais textuais que ajudam na argumentação e exemplificação do texto do falante, como no exemplo (99):

(99) E: BTN?

F: BTN, quer dizer, tu comes pagando, vamos supor, mil cruzeiros agora, né? daqui uns dois meses tu já estás pagando dois e meio, quer dizer, é difícil pra ti pagares. principalmente que tem outras coisas pra ti fazeres, né? Então o estudo vai ficando pra trás. Ele é importante, mas a gente vai deixando pra trás. Não! o ano que vem eu começo, melhora um pouco, daí eu vou tentar fazer, né? Mas é que está difícil pra estudar, **olha** está muito caro assim, as prestações são lá em cima, [e pra ti] pra estudar num colégio [da] do Estado, né? é como tu disseste, a gente tem medo, porque de repente não te ensinam direito, não tem aquela coisa assim. Porque colégio particular, às vezes, parece que te dão mais atenção. (POA 12 L. 975)

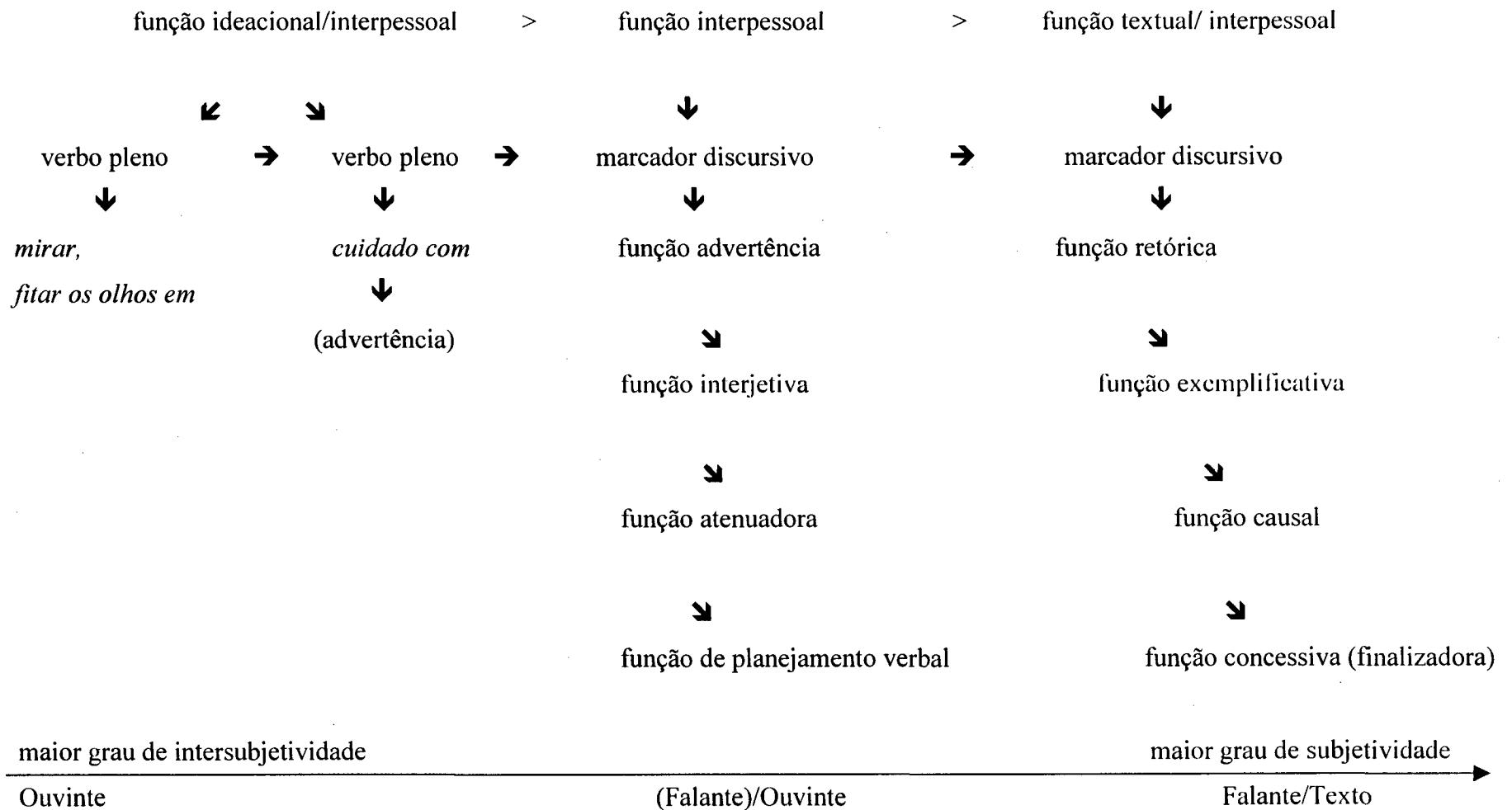
Há casos também em que o item acima se liga a elementos seqüenciadores como *aí*, *porque*, *então*, *e*, *mas*. Esses elementos seqüenciais criam um mecanismo que viabiliza a introdução da informação seguinte. Nesses contextos, o papel do item **olha** parece ser o de enfatizar os seqüenciadores que os antecedem, chamando a atenção do ouvinte para o fato de que mais informações serão dadas. Interpretamos esses casos, portanto, como relacionais, pois auxiliam, com o conector, na continuidade das informações, constituindo uma estratégia produtiva de desenvolvimento do discurso.

Como se pode perceber, nesses contextos começa a se manifestar a função textual de **olha**, ao passo que a função interpessoal vai gradativamente se enfraquecendo para um uso mais abstrato.

Com base nas considerações apresentadas nesta seção, acreditamos ser possível postular que **olha** está mudando de categoria gramatical (verbo manipulativo > MD) porém ainda mantém traços interpessoais, mesmo em atuação de caráter mais textual, podendo a mudança ser interpretada como um estágio inicial de gramaticalização.

A figura a seguir ilustra a possível trajetória de abstratização de **olha**.

**FIGURA 2 – O PERCURSO DE OLHA**





### 8.1.2 O percurso de *veja*

Conforme vimos no capítulo 2, tomamos como ponto de partida para a trajetória de *veja* seu uso inicialmente relacionado à percepção física (visual) e a atos de fala manipulativos, realizado via modo imperativo. *Veja*, assim como *olha*, apresenta, como complemento à sua significação original *avistar*, *empregar a vista*, um objeto direto.

Tomando novamente o exemplo (94), verificamos que esse item, na sua trajetória de expansão, encontra-se em contextos em que se desloca o canal perceptual da visão para a audição, dividindo-o em duas direções, ambas relacionadas a experiências físicas: a) visão; b) audição, conforme podemos observar no exemplo a seguir:

(100) Eduardo, veja os comentários de seu professor de português!

Esses dois usos iniciais de *veja*, com estatuto verbal bem definido, ligados a experiências físicas, são freqüentes na conversação diária. Entretanto, percebe-se ainda que esse item passou por um processo de expansão metafórica, deixando de ser apenas um veículo de percepção física e passando a coocorrer com a percepção mental, como em:

(101) E: Só o salário né? Que vai subir só metade do que deveria né?  
 F: É.  
 E: Mas isso.  
 F: Sei lá, né? Nem do salário não sei Mas você vê a inflação foi pra oitenta por cento de março que barbaridade. Mas isso até dia quinze, né? Tenho a impressão que agora parou um pouquinho, né? (CTB 20 L. 387)

Nesse contexto, o item passa a significar *notar*, *perceber com a mente*, *ter visão*, *compreender*, *ver com os olhos do espírito*, *julgar*, *determinar* (Cf. VOTRE, 1998).

Paralelamente a esses usos como verbo pleno, observa-se que há um enfraquecimento da força ilocucionária prototípica do imperativo e, a partir desse significado de inferência mental, o verbo parece se dividir em três grupos relacionados à percepção: a) visão; b) audição; e c) cognição.

Diferente de *olha*, o significado estendido de *veja* (relacionado à percepção cognitiva) implica certas inferências mentais, isto é, solicita que o ouvinte, além de “prestar atenção”, compreenda o que está sendo dito pelo falante.

A partir desse uso gradativamente mais enfraquecido e mais abstrato é que o item *veja* parece se aproximar de sua atuação como marcador discursivo, compartilhando assim algumas funções com *olha* nessa nova categoria discursiva.

Há contextos em nosso *corpus* que evidenciam que esse elemento lingüístico adquiriu, juntamente com *olha*, novos sentidos; todavia, conforme a situação, *veja* parece reter características verbais (manutenção de desinência modo-temporal e número-pessoal e acompanhamento de pronome sujeito expresso), o que indicaria que esteja menos avançado no processo de mudança do que *olha*.

Vejamos o exemplo:

- (102) F: [Essa aqui] era um namorado meu. Ah! meu Deus, [que lindo]!  
 E: [Nossa! Que bonito], [hein]!  
 F: [E eu] não gostava dele. Eu [me escondia].  
 E: [Mas veja]!  
 F: Que pena! Como é que é o nome desse cachorro? Não me escreveu. Mas ele era lindo, ele me adorava e eu não gostava dele. Porque, olha eu podia ser feliz, né? Não, mas era uma <doenç-> [uma paixão].  
 I: [**Veja** o que] a senhora fala aí, hein. (CTB 14 L. 1141)

Nesse exemplo, o elemento lingüístico *veja* perde seu valor semântico original e adquire um valor pragmático, derivado da necessidade de o falante marcar a interação face-a-face.

Da mesma forma que *olha*, o item *veja* gradativamente vai diminuindo o efeito manipulativo do falante sobre o ouvinte, distanciando-se do seu interlocutor na tentativa de não se comprometer com a informação dada, ou seja, há um maior envolvimento do falante consigo mesmo e menor com o interlocutor, enfatizando-se, nesse contexto, o componente “orientado para o falante”, mas ainda com atuação “orientada para o ouvinte”, porém em menor grau de “intersubjetividade”.

Vejamos um exemplo:

- (103) E: Totalmente? Então quando você diz que é um estado de espírito, mas estado de espírito é uma coisa só tua, tá? e como que funciona esse teu eu com o resto do mundo?  
 F: **Veja** bem, se sentir amado de fora pra dentro, sabe? uma outra pessoa gostar de você, tipo homem mulher é um lance, mas se você se sentir amado por uma coletividade, se sentir bem, sabe? se sentir bem, você chegar num lugar e ter várias pessoas, nenhuma delas te conhece você se sente como?  
 (CTB 09 L. 1108)

Em outros contextos, entretanto, observamos que *veja* adquire um função de caráter mais textual. Nessas situações, *veja* pode também se ligar a elementos sequenciais como *então*, *porque*, *aí*, *e*, *mas* na tentativa de auxiliar na continuidade do discurso, chamando a atenção do ouvinte para o fato de que mais informações serão dadas, como em (104):

(104) F: Na pracinha que tem, agora tem aquela panificadora Pãozinho, do lado ali, era

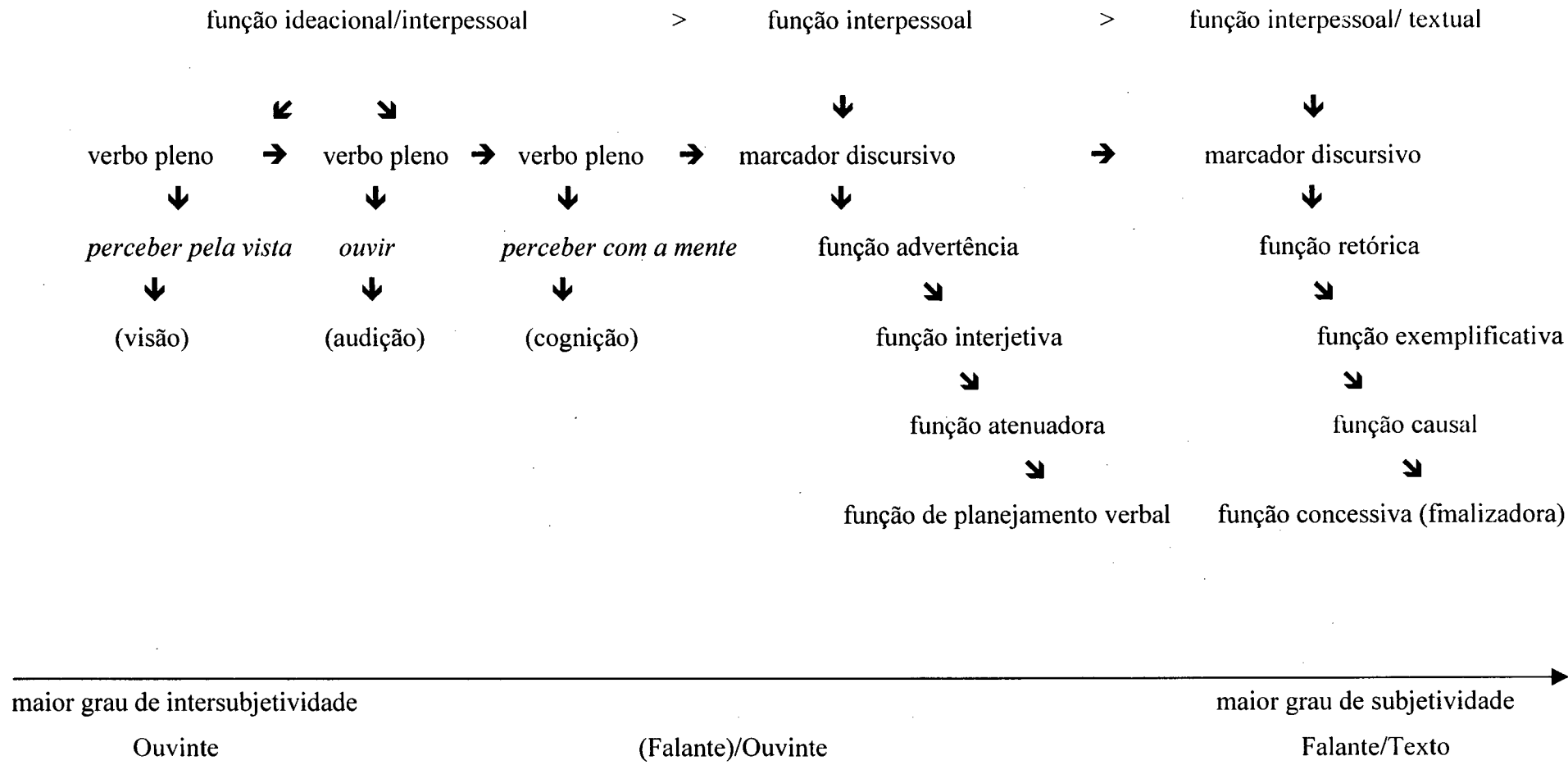
E: Ah. sei, sei, sei.

F: Então, ali era o ponto final do Vista Alegre. Depois tinha que vim a pé de lá pra trazer pra cá uns trequinhos de carroça, né? Chovia, você, pra vim de carro pra cá, era só de jipe acorrentado. Então, quer dizer, o bairro evoluiu muito, mas não aquela evolução total, porque vê, hoje nós temos rua aqui sem saída. Temos, quer dizer, [pouco] pouca, vamos supor assim, pra você sair prum bairro ou pro outro. A população aumentou pouco também. Isso quer dizer Então você tem que ficar. Então a gente se acostuma, já se habituou naquele parado, né? (CTB 01 L.567)

Como se pode observar, *veja* pode apresentar atuação cada vez mais abstrata, mostrando um valor mais relacional, que auxilia no desenvolvimento produtivo do discurso.

A figura a seguir ilustra a possível trajetória de abstratização de *veja*.

FIGURA 3 – O PERCURSO DE *VEJA*



## 8.2 OLHA E VEJA: PROVÁVEIS RUMOS

Com base na trajetória postulada por Heine e outros (1991) para as mudanças via gramaticalização, da função ideacional via interpessoal para a textual, é que julgamos pertinente conduzir nossa análise, já que dados do nosso *corpus* mostram que, desde sua atuação como verbos plenos até itens discursivos, apresentam forte componente pragmático, seja orientado para o ouvinte, para o próprio falante ou para o texto.

Esses itens, como vimos nos capítulos precedentes, durante o percurso de mudança, perdem parte de seu valor original e de imperativo, para assumir funções pragmático-discursivas. Resta-nos, portanto, verificar qual elemento está mais avançado no processo de mudança, isto é, que esteja desempenhando papéis de caráter mais textual.

Ao analisarmos a atuação do princípio da marcação sobre os usos dos itens *olha* e *veja*, no capítulo 7, na forma de seus três critérios básicos – complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva –, associando-o à mudança semântica, pretendíamos correlacioná-lo também ao processo de gramaticalização, no sentido de que quanto mais marcado um item, menos avançado estaria em seu processo de mudança, logo menos gramaticalizado.

Aplicando os critérios da marcação: a categoria mais marcada tende a ser menos freqüente e a exigir mais memória, mais esforço de atenção e mais de tempo de processamento (Cf. GIVÓN, 1995), verificamos que o item *veja* é o que está menos avançado no processo de mudança, tratando-se de uma forma mais marcada se comparada a *olha*. Vejamos um breve resumo dos resultados:

*Veja* é o item mais marcado quanto a: a) critério de distribuição de frequência – pois é o menos freqüente (32% dos dados) no conjunto das três capitais analisadas; b) critério de complexidade estrutural – uma vez que está mais preso a seus traços verbais (desinência modo-temporal e número-pessoal, acompanhamento de pronome sujeito e maior favorecimento em contextos sintaticamente dependentes, mostrando também mais valor relacional; e c) critério de complexidade cognitiva – esse item, devido ao tipo de expansão metafórica que sofreu, pode demandar mais tempo de processamento.

*Olha* é o item menos marcado em termos de complexidade estrutural, em consequência de sua simplicidade estrutural, que apresenta mais variações fonéticas do que flexionais perante as formas de *veja*. Outro aspecto que corrobora para o fato de *olha* ser menos marcado é sua atuação desvinculada de pronome na posição de sujeito, isto é, está mais livre, portanto, há favorecimento desse elemento em contextos sintaticamente independentes.

Quanto à complexidade cognitiva, o processo de expansão metafórica de *olha* parece demandar menores implicações cognitivas se comparado a *veja*. Finalmente, segundo Bybee (a sair), como é a frequência que apressa a mudança, *olha*, sendo a forma mais recorrente (68% dos dados) no conjunto das três capitais analisadas, é o item que se mostra mais avançado nesse processo; conseqüentemente, está mais gramaticalizado que *veja*.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A análise dos itens *olha* e *veja*, empreendida ao longo deste trabalho, permite-nos apontar algumas contribuições que julgamos relevantes e que recuperamos brevemente a seguir. Todavia, reconhecemos que os limites impostos à pesquisa permitiram certas lacunas e, portanto, há ainda outros aspectos referentes às atuações e rumos dos itens que necessitam de um maior aprofundamento. Assim sendo, sugerimos no final alguns desdobramentos para trabalhos futuros.

Uma revisão na literatura específica e uma análise mais atenta aos dados de nosso *corpus* permitiram rediscutir, entre outros aspectos, a *propriedade de chamada da atenção do ouvinte* que desloca sua referência do contexto situacional para algo do texto do falante. Essa atuação bipartida da propriedade faz ressaltar o forte valor interpessoal (macrofunção articuladora interacional) e textual (macrofunção articuladora textual) dos itens sob análise, já que esses migram de usos mais interativos entre falante/ouvinte (intersubjetividade) até um emprego com maior grau de subjetividade (componente ‘orientado para o falante’), isto é, deslocando o foco da atenção do ouvinte do espaço para o texto, contribuindo simultaneamente na seqüencialidade do ato comunicativo.

Como um dos propósitos desta pesquisa é verificarmos se *olha* e *veja* comportam-se como variantes de uma mesma variável, houve necessidade de delimitarmos a regra variável na *propriedade de chamada da atenção do ouvinte* para o contexto discursivo/textual, excluindo-se os usos em que os itens atuam fazendo referência ao contexto situacional.

Após realizarmos um levantamento das macrofunções e funções discursivas assumidas pelos itens no contexto de uso dessas formas e delimitada a regra variável, procedemos a análise estatística dos dados, embora reconhecendo que as interpretações qualitativas são de suma importância para essa pesquisa, tivemos sempre em mente, ao lado delas, um percurso também quantitativo.

Nesse sentido, observamos que, de modo geral, dos dois itens, o mais distante de seu estatuto verbal e, portanto, mais avançado no movimento de mudança é *olha*, pois: a) apresenta uma maior variabilidade de formas; b) menor ocorrência de presença de pronome junto ao item; c) mostra-se sintaticamente independente na estrutura oracional; d) tende a localizar-se mais em posição inicial; e) apresenta um significado mais pragmático, isto é, que envolve o aspecto intersubjetivo voltado para o jogo falante/ouvinte, reforçando o forte

caráter interpessoal e, portanto, as funções mais interacionais desse item; f) ocorre mais freqüentemente em contextos narrativos, factuais e de citação; e g) apresenta-se mais cercado de conectores, o que justificaria sua atuação mais textual.

Por outro lado, o item *veja* parece o mais próximo de seus traços verbais, portanto, menos avançado no processo de mudança, pois: a) apresenta mais marcas gramaticais de flexão modo-temporal e número-pessoal, sendo, portanto, menos freqüente no conjunto das três capitais analisadas; b) tende a ocorrer com pronome na posição estrutural de sujeito, mostrando mais vestígios oracionais; c) é mais freqüente em contextos sintaticamente dependentes; d) posiciona-se freqüentemente no meio da frase; e) é favorecido pelas funções mais textuais, possivelmente, por manter fortes características morfossintáticas; f) ocorre mais freqüentemente em contextos argumentativos; e g) apresenta-se mais cercado por palavra reforçadora e marcador discursivo.

Baseando-nos no conjunto de variáveis que envolvem aspectos estruturais dos itens, pode-se concluir que *olha* é menos marcado do que *veja*, por esse motivo é mais freqüente. Além disso, quanto à complexidade cognitiva, *olha* é o item mais saliente cognitivamente e, por isso, o menos complexo quanto ao processamento.

Quanto às variáveis sociais, os resultados estatísticos revelaram que: a) há uma forte inclinação para que *olha* ocorra na fala dos informantes porto-alegrenses e florianopolitanos, paralelamente ao desfavorecimento de seu emprego na fala de informantes curitibanos; b) os falantes do sexo feminino tendem ao emprego de *olha* e desfavorecem o uso de *veja* em oposição aos falantes do sexo masculino; c) os falantes mais velhos tendem ao emprego de *olha*, enquanto que a faixa etária de 25 a 49 anos inclina-se ao uso de *veja*; d) há freqüência maior de *olha* na faixa de mais idade em Curitiba e Porto Alegre, a exemplo do que acontece em Florianópolis, onde a diferença é maior; e) ao incluirmos a faixa etária de 15 a 24 anos em Florianópolis, a variável idade foi selecionada como relevante na capital catarinense, isto é, os falantes mais jovens tendem ao uso quase categórico de *olha*; f) quanto menos escolarizado o indivíduo, mais uso de marcadores (colegial = 28% > ginásial > 31% > primário = 41%); g) não se verificou diferenças quanto ao uso de *olha* entre os mais escolarizados e os menos escolarizados, sendo o nível ginásial o que apresentou menor emprego desse item e, conseqüentemente, maior uso de *veja*; e h) em Curitiba, há variação em 75% dos informantes, ao passo que, em Florianópolis 2, o índice de variação no indivíduo entre a faixa etária jovem é de apenas 25%.

A partir desses resultados, verificamos algumas evidências de que *olha* tende a um maior avanço rumo à mudança, uma vez que apresenta fortes características interpessoais



como elemento de contato e, paralelamente, parece ocupar posições junto a conectores tipicamente textuais, auxiliando na continuidade do discurso ao mesmo tempo em que mantém a atenção do ouvinte para seu texto, apresentando, conforme o contexto, características, ora mais interpessoais, ora mais textuais. Todavia, podemos afirmar que *veja*, por ser mais marcado e mais distanciado de seu sentido de base, conseqüentemente, é o menos avançado no processo de gramaticalização.

Conforme destacamos inicialmente, algumas questões mereceriam ainda maior atenção, porém ficarão como sugestões para trabalhos futuros:

- ampliar o *corpus*, utilizando como amostra as outras cidades que compõem o Banco de Dados VARSUL para verificar se as diferenças regionais já apontadas por nós se mantêm ou tomam outros rumos;
- averiguar a hipótese de mudança em andamento, principalmente de *olha*, pelo controle de outras faixas etárias;
- identificar outras formas concorrentes às analisadas, conforme já realizado por alguns autores no português, com o objetivo de confirmar, ampliar ou mesmo refinar suas atuações; e
- aprofundar os estudos, através de dados sincrônicos, do processo de mudança de cada item.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ABREU, M. T. dos S. *Formas de tratamento: dialeto urbano e oral de Curitiba*. Florianópolis: UFSC, 1987. [Dissertação de Mestrado]
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 19.<sup>a</sup> ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JANDA & JOSEPH (eds.). *Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell Publishers, [a sair].
- CAMARA Jr. J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 29.<sup>a</sup> ed., Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- CASTILHO, A. T. de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: CASTILHO, A. T. de. (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, pp.249-279.
- \_\_\_\_\_. A gramaticalização. In: *Cadernos de estudos linguísticos e literários*. Salvador: UFBA, 1997, pp. 25-63.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2.<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DAL MAGO, D. *Quer dizer: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização*. Florianópolis: UFSC, 2001. [Dissertação de Mestrado]
- DUBOIS, J. The discourse basis of ergativity. In: *Language* 63, 1987.
- FARACO, C. A. *The imperative sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion*. University of Salford, 1982. [Tese de Doutorado]
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil. In: *D.E.L.T.A.* vol. 2, nº 1, 1986, pp.01-15.
- FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 5.<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1975.
- FÁVERO, L. L. O tópico discursivo. In: PRETI, D. (org.) *Análise de Textos orais*. 4.<sup>a</sup> ed., São Paulo: Humanitas, 1999.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário de língua portuguesa*. 2ª. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GIVÓN, T. *Syntax: A functional – typological introduction*. Amsterdam: Benjamins, 1984, Vol. I.

\_\_\_\_\_. *English grammar: a functional based introduction*. Philadelphia: J. Benjamins, 1993, Vol. I e II.

\_\_\_\_\_. *Functionalism and grammar*. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

GÖRSKI, E. M.; GIBBON, A. de O.; VALLE, C. R.; DAL MAGO, D. & TAVARES, M. A. *Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização*. (a sair).

GRANATIC, B. *Técnicas básicas de redação*. São Paulo: Ed. Scipione, 1988.

GUY, G.; HORVATH, B.; VONWILLER, J.; DAISLEY, E. & ROGERS, I. An intonational change in progress in Australian English. In: *Language*, nº 15, 1986.

HALLIDAY, M. A. *An Introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. & HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HEINE, B. & REH, M. *Grammaticalization e reanalysis in african languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

HEINE, B.; CLAUDI, U. & HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B.; CLAUDI, U. & HÜNNEMEYER, F. From cognition to grammar – evidences from African languages. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia, 1991.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia, 1991.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.

KNIES, C. B. & COSTA, I. B. *Manual do usuário do Banco de Dados Lingüísticos VARSUL*. UFPR, UFSC, UFRGS e PUCRS, 1996.

KOCH, I. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

LABOV, W. *The social stratification of english in New York city*. Washington. Center of Applied Linguistics, 1966.

\_\_\_\_\_. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: *Working Paper in Sociolinguistics*, Texas, 1978.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? In: *Language in society* 7. London, 1978, pp.171-182.

LEITE, M. Q. Purismo no discurso oral culto. In: PRETI, D. (org.). *O discurso oral culto*. 2ª ed., São Paulo: Humanitas, 1999.

LYONS, J. *Semantics*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

LOREGIAN, L. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Florianópolis: UFSC, 1996. [Dissertação de Mestrado]

MACEDO, A. T. de & SILVA, G. M. de O. *Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ: Tempo Brasileiro, 1996.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. de. (org). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, pp.281-318.

\_\_\_\_\_. L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1991.

MARTELOTTA, M.; VOTRE, S. J. & CEZÁRIO, M. M. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARTELOTTA, M. E. Marcadores discursivos e operadores argumentativos. In: VOTRE, S. & MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Trajetórias de gramaticalização e discursivização*. Rio de Janeiro, 1998.

MEILLET, A. L' évolution des formes grammaticales. In: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, [1912], 1965, pp. 130-148.

MENON, O. P. da S. O sistema pronominal na região Sul. *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*. João Pessoa: ANPOLL, pp. 510-12, 1996.

\_\_\_\_\_. Pronome de Segunda Pessoa no Sul do Brasil: tu/você/o senhor em Vinhas da Ira. In: *Letras de Hoje*, vol. 35, nº 1, 2000, pp.121-63.

MICHAELIS. *Moderno dicionário de língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MOLLICA, C. (org.). *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1992, Col. Cadernos didáticos da UFRJ.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

NARO, A. J. Idade. In: MOLLICA, M. C. (org.). *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1992, pp.81-88. Cadernos Didáticos da UFRJ.

NASCENTES, A. *Dicionário da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Bloch Ed., 1988.

NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. *Annual Review of Anthropology*. University of California, 1984, pp.97-117.

PAIVA, M. da C. *Ordenação das cláusulas causais: forma e função*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991. [Tese de Doutorado]

PIMPÃO, T. S. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo pragmática*. Florianópolis: UFSC, 1999. [Dissertação de Mestrado]

PINTZUK, S. *VARBRUL Programs*, 1988 (mimeo).

RAMOS, M. P. B. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. Florianópolis: UFSC, 1989. [Dissertação de Mestrado]

RISSE, M. S.; SILVA, G. M. O. & URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. V. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996, Vol. VI.

RISSE, M. S. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto falado. In: NEVES, M. H. de M. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999, Vol. VII.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 29.<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

SCHERRE, M. M. P.; FREITAS, V.; DIAS, J.; JESUS, E. & OLIVEIRA, H. *Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil*. II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Lingüístico. Florianópolis, Taciro – Produção de Cds Multimídia, 2000, pp.1333-1347.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SEARLE, J. R. *Os atos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Livraria Almedina, Coimbra, 1981.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. 6ª. ed. São Paulo: Ática, 1999.

TAVARES, M. A. *Um estudo variacionista de *aí*, *dai*, *então* e *e* como conectores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Florianópolis: UFSC, 1999. [Dissertação de Mestrado]

THOMPSON, G. *Introducing functional grammar*. London: Arnold, 1996.

TRAUGOTT, E. Meaning-change in the development of grammatical markers. In: *Language Science* 2. 1980, pp.44-61.

\_\_\_\_\_. *From propositional to textual and expressive meanings: Some semantic-pragmatics aspects of grammaticalization*. In: LEHMANN & MALKIEL. 1982, pp. 245-271.

\_\_\_\_\_. *On the rise of epistemic meanings in English: A case study in the regularity of semantic change*. Stanford University, Linguistic Society of America paper, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pragmatic strengthenin and grammaticalization*. Berkeley Linguistic Society, 1988, pp.406-416.

\_\_\_\_\_. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Manchester: Departament of linguistics, Stanford University, 1995.

TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins Publishing Company, 1991.

TRAUGOTT, E. & KÖNIG, E. *The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited*. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.), 1991, pp.189-218.

TRAVAGLIA, L. C. O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, M. H. de M. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999, Vol. VII.

URBANO, H. Marcadores Conversacionais. In: PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. 3ª ed., São Paulo: Humanitas Publicações, FFLCH/USP, 1997.

\_\_\_\_\_. *Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos*. In: Maria Helena de M. Neves (org.), *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999, Vol. VII.

VALLE, C. R. *Sabe? – Não Tem? – Entende? : itens de origem verbal em variação como requisito de apoio discursivo*. Florianópolis: UFSC, 2001. [Dissertação de Mestrado]

VINCENT, D.; VOTRE, S. & LAFOREST, M. *Grammaticalisation et post grammaticalisation Langues et Linguistique*. Quebec: Université Laval, 1993.

VOTRE, S. J. Trajetória de saber e ver. In: VOTRE, S. J. & MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Trajetórias de gramaticalização e discursivização*. Rio de Janeiro, 1998. (impresso)

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of linguistic change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (eds.) *Directions in historical linguistic*. Austin: University of Texas Press, 1968.

WEINER, J. & LABOV, W. Constraints on the agentless passive. *Journal of linguistic*. [1977], 1983.